



**INSTITUTO FEDERAL DE BRASÍLIA
CAMPUS BRASÍLIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA**

MADELON ARAÚJO NASCIMENTO

**AFETIVIDADE NO CONTEXTO EDUCACIONAL: A ATUAÇÃO DOS SERVIDORES
TÉCNICOS NA CONSTRUÇÃO DA AFETIVIDADE NO ENSINO MÉDIO
INTEGRADO NO INSTITUTO FEDERAL DE BRASÍLIA**

Brasília

2021

MADELON ARAÚJO NASCIMENTO

**AFETIVIDADE NO CONTEXTO EDUCACIONAL: A ATUAÇÃO DOS SERVIDORES
TÉCNICOS NA CONSTRUÇÃO DA AFETIVIDADE NO ENSINO MÉDIO
INTEGRADO NO INSTITUTO FEDERAL DE BRASÍLIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo campus Brasília do Instituto Federal de Brasília, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre/Mestra em Educação Profissional e Tecnológica.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Ramon Gomes Ferreira

Brasília

2021

N244

Nascimento, Madelon Araújo

Afetividade no contexto educacional: a atuação dos servidores técnicos na construção da afetividade no Ensino Médio Integrado no Instituto Federal de Brasília / Madelon Araújo Nascimento. — Brasília, 2021.

110 f.: il.

Orientador: Marcos Ramon Gomes Ferreira.

Dissertação (Mestrado) — Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília, Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica, 2021.

1. Afetividade 2. Relações humanas. 3. Educação profissional e tecnológica. I. Ferreira, Marcos Ramon Gomes. II. Título.

CDU 377:658.3

Elaborada com os dados fornecidos pela autora.

Dedico este trabalho ao meu filho Arthur que me iluminou de esperança com o seu nascimento, em um momento tão necessário para o enfrentamento da pandemia e produção científica. Dedico também a todos os profissionais da educação, independente do cargo que ocupam, em especial aos meus professores do ProfEPT do IFB que tornaram esse momento possível e que contribuem para uma consciência crítica, atrelada a um fazer ético e comprometido com o coletivo.

AGRADECIMENTOS

Gostaria primeiramente de esclarecer que os meus agradecimentos não seguem uma ordem de importância. Entendo que todas as pessoas que menciono aqui tornaram essa construção possível e única para o meu processo de desenvolvimento, por isso vou optar por não citar nomes para não ser injusta caso esqueça de nomear alguém. Assim, agradeço a toda a minha família e a Deus que, na minha crença, possibilitou tê-la. Partindo da minha leitura de mundo, a minha família é compreendida, não só pelos mais próximos, como por toda a minha ancestralidade, incluindo aqueles que perdi pelo decurso da vida, além dos amigos que escolhi.

Agradeço igualmente aos docentes que passaram pela minha caminhada, desde a minha tenra infância e que me possibilitaram chegar até aqui. Aos meus colegas de trabalho da Universidade de Brasília, muito obrigada pela parceria e pelas trocas e aprendizados diários. Aos meus professores do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) do Instituto Federal de Brasília (IFB), agradeço a vivência de uma experiência que se mostrou tão coesa desde o discurso até a aplicação de como realizar um trabalho educativo com consciência crítica e responsabilidade social e afetiva.

Agradeço também aos meus colegas do mestrado pelo espírito de cooperação e de solidariedade, além dos aprendizados proporcionados nessa rica convivência. O meu sentimento foi de pertencimento e de experimentar o exercício do mais profundo respeito ao outro nas suas formas de pensar e de agir. Aos participantes da pesquisa, gratidão pela disponibilidade, pela troca, por viabilizarem esse processo de construção.

Agradeço igualmente ao meu orientador por estimular o exercício da minha autonomia, sem prescindir do amparo necessário para o processo de construção da pesquisa. Às professoras que participaram da minha banca de qualificação, agradeço pelas contribuições que foram tão importantes para o aprimoramento deste trabalho, assim como à banca de defesa por ter aceitado o convite e proporcionando ainda mais melhorias no processo de conclusão deste estudo.

Sem esse apoio, não teria sido possível construir e atrelar sentido a esta pesquisa que espero contribuir para o desenvolvimento de práticas mais afetivas na Educação Profissional e Tecnológica e em outros espaços educativos como um todo.

“A minha abertura ao querer bem significa a minha disponibilidade à alegria de viver.
Justa alegria de viver, que, assumida plenamente, não permite que me transforme
num ser “adocicado” nem tampouco num ser arestoso e amargo.”

(FREIRE, 1996)

RESUMO

Esta dissertação em formato de artigo é resultado de uma pesquisa de mestrado do Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), do Instituto Federal de Brasília (IFB). Por meio deste estudo buscou-se investigar a questão da afetividade nos espaços educativos de escuta aos estudantes e aos seus demais membros que atuam no Ensino Médio Integrado (EMI) do IFB Campus Brasília. À luz desse objetivo, procurou-se analisar como a afetividade permeia as estratégias utilizadas pelos servidores técnicos no acolhimento aos membros institucionais e se é favorecida no processo das suas relações humanas. Para tanto, foram entrevistados docentes e servidores técnicos do IFB, Campus Brasília e construído, como produto educacional para o desenvolvimento de práticas mais afetivas na Educação Profissional e Tecnológica, um e-book a respeito da temática tratada e baseado na realidade da comunidade pesquisada. Concluiu-se, por meio da análise descritiva dos dados, que aspectos ligados à afetividade foram determinantes para a construção do sentido do trabalho e para a qualidade das relações humanas no contexto educacional.

Palavras-Chave: Afetividade. Relações Humanas. Educação Profissional e Tecnológica.

ABSTRACT

This thesis in article format is a result of a master's research of the Professional Master's degree Program on the Professional and Technology Education (ProfEPT) of the Instituto Federal de Brasília (IFB). Through this study, we sought to explore the issue of affectivity in listening to the students and other members who work in Integrated High School at the educational spaces of the IFB, campus Brasília. Seeking this objective, we sought to analyze how affectivity permeates the strategies used by the public service clerks in welcoming institutional members and whether it is favored in the process of their human relationships. For that, teachers and public service clerks of the IFB, Campus Brasília were interviewed and, as an educational product to the development of more effective practices in the Professional and Technology Education, an e-book was built on the topic addressed, based on the reality of the researched community. It was concluded, through the descriptive analysis of the data, that aspects related to affectivity were crucial for the construction of the meaning of the work and for the quality of human relationships in the educational context.

Keywords: Affection. Human Relations. Profession and Technological Education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Avaliação da qualidade do conteúdo do produto educacional para a compreensão da afetividade	46
Figura 2 – Avaliação da linguagem utilizada no produto educacional	47
Figura 3 – Avaliação do nível de utilidade do produto educacional	47
Figura 4 – Avaliação geral sobre estética, comunicação e conteúdo do produto educacional	48

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Principais relatos que apontam como a afetividade permeia o trabalho dos técnicos	34
Tabela 2 - Síntese do resultado da análise em resposta ao objetivo específico 1.....	38
Tabela 3 – Principais relatos que apresentam diferenças de tratamento entre técnicos e docentes.....	40
Tabela 4 -Síntese do resultado da análise em resposta ao objetivo específico 2.....	42
Tabela 5 – Principais relatos que subsidiaram a escolha e construção do produto educacional	44
Tabela 6 – Críticas, sugestões e apontamentos para a melhoria do produto educacional	48

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas

CGAE- Coordenação Geral de Assistência Estudantil

EMI – Ensino Médio Integrado

EPT – Educação Profissional e Tecnológica

IFB – Instituto Federal de Brasília

PROFEPT – Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	14
1 INTRODUÇÃO	18
2 REFERENCIAL TEÓRICO: A CONDIÇÃO HUMANA E SUA DIMENSÃO AFETIVA	20
2.1 A condição humana e sua dimensão afetiva no contexto educacional	21
2.2 A questão da afetividade nos normativos relativos ao Ensino Médio Integrado do Instituto Federal de Brasília	26
3 METODOLOGIA: A AFETIVIDADE NO PROCESSO DE INVESTIGAÇÃO	30
4 ANÁLISE DOS DADOS E RESULTADOS	33
4.1 Resultado da aplicação do e-book como produto educacional para trabalhar a afetividade no contexto educacional.....	43
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS	54
APÊNDICE A – PRODUTO EDUCACIONAL	56
APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL	81
APÊNDICE C – ROTEIRO PARA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM SERVIDORES TÉCNICOS	85
APÊNDICE D – ROTEIRO PARA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM DOCENTES	87
APÊNDICE E – TRECHOS SELECIONADOS DAS ENTREVISTAS CONFORME OS OBJETIVOS ESPECÍFICOS DA PESQUISA	89
ANEXO A – RELATÓRIO DE APROVAÇÃO COMITÊ DE ÉTICA	103

APRESENTAÇÃO

Para iniciar, gostaria de me apresentar e contar brevemente a minha trajetória e como culminou na realização deste estudo. Eu me chamo Madelon Araújo Nascimento, sou natural de Brasília, pedagoga de formação pela Universidade de Brasília (UnB). Atualmente sou servidora técnica, na minha área de formação, e atuo na Coordenação de Articulação da Comunidade Educativa da UnB. Trabalho na Universidade desde o ano de 2010, e a minha função consiste, principalmente, conforme o próprio nome da Coordenação revela, em contribuir para a articulação da comunidade educativa e para o planejamento e condução de ações que beneficiem o coletivo educacional, proporcionando momentos de encontro e de parceria entre seus membros.

Nesse contexto de atuação profissional, passei a observar alguns fatores que me chamaram a atenção, como o aumento das demandas relativas a casos de saúde mental, principalmente de estudantes, mas que também atingia docentes e servidores técnicos. Além disso, começou a ser comum, por exemplo, estudantes procurarem o Serviço por identificarem naquele espaço um lugar acolhedor, em que eles se sentiam ouvidos e respeitados nas suas questões, mesmo cientes de que as suas demandas extrapolavam as atribuições e possibilidades de resoluções do Setor.

A partir dessas impressões, a questão da afetividade, como dimensão humana inerente ao trabalho educativo, passou a ser um tema de interesse de estudo, principalmente ao verificar, no meu exercício, o benefício que a escuta e a forma de tratar o outro revertiam para o desenvolvimento educacional do educando. Sendo assim, esta pesquisa partiu da hipótese de que a afetividade é importante e interfere na qualidade das relações estabelecidas entre os atores institucionais (docentes, discentes e servidores técnicos). Consequentemente, impacta no ensino (principalmente na permanência e rendimento escolar) e na qualidade dos serviços prestados aos estudantes na Instituição.

Mobilizada por essas indagações, surgiu também o desejo de investigar a questão da afetividade em outros espaços educativos, como na Educação Profissional e Tecnológica, haja vista a necessidade (exigida nessa modalidade de ensino) de criação de um produto educacional como instrumento de validação e intervenção na realidade.

Além disso, cumpre ressaltar como dado relevante que justifica a realização

deste estudo, o quanto a questão da afetividade é pouco pesquisada, principalmente no âmbito da Educação Profissional e Tecnológica. A este respeito, ao buscar por dissertações, artigos e teses na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), no catálogo de teses e dissertações da CAPES, na biblioteca eletrônica Scientific Electronic Library Online (SciELO), verifiquei que a maioria das dissertações encontradas (que foram poucas) são de mestrado acadêmico e, inclusive, em uma dessas dissertações, Ferrari (2013) ressaltou a questão da escassez de produção científica nessa direção. Essa constatação também sinaliza o quanto os aspectos cognitivos tendem a ser priorizados em detrimento dos afetivos, em especial, nos espaços institucionais de ensino.

Ratificando a necessidade desse debate, na palestra sobre Trabalho e formação docente na educação profissional e tecnológica, ministrada pela professora Lucília Regina (no I Seminário de alinhamento conceitual do programa de pós-graduação da educação profissional e tecnológica), ela destacou as dimensões da aprendizagem que precisam ser pesquisadas na perspectiva de uma educação Integral. Dentre essas dimensões, mencionou a dimensão do SER, lançando mão de algumas perguntas importantes: “Como ensinar uma pessoa a ser solidária? Como trabalhar essa dimensão em termos de currículo?” Desta forma, a autora chama a atenção para a importância da afetividade e de se desenvolver pesquisas que vão além da teoria e que se aprofundem na sua aplicação.

Nesse sentido, para a pesquisa em questão, foram convidados a participar docentes, servidores técnicos e estudantes do Ensino Médio Integrado do Campus Brasília. Os servidores técnicos foram escolhidos considerando o setor de atuação, no caso em apreço a Coordenação Geral de Assistência Estudantil (CGAE), por ser considerado um setor estratégico de escuta à comunidade educacional para a permanência do estudante na Instituição e como forma de contribuir para as ações especificadas no Plano de Desenvolvimento Institucional do IFB, a saber:

A Assistência Estudantil representa um dos caminhos para auxiliar no atendimento às necessidades dos estudantes de forma integrada ao desenvolvimento pedagógico e ao exercício da cidadania. A política é integrada e articulada com outras políticas do Instituto, relacionadas ao ingresso e à formação integral dos estudantes [...] as ações da assistência não se limitam a programas financeiros, mas abarcam outras ações que buscam promover a igualdade de oportunidades, e a qualidade geral de vida dos estudantes (IFB, 2019, p. 89).

Tendo em vista a referida missão e atribuição, infere-se que a afetividade precisa ser pensada e trabalhada de forma dialogada com os demais setores e atores

institucionais, o que faz dos servidores da assistência um público-alvo importante para ajudar a responder a seguinte questão de pesquisa: como a atuação dos servidores técnicos no EMI no IFB favorece ou pode favorecer o aumento da afetividade no contexto educacional? Caminhando nessa perspectiva, o objetivo geral deste estudo foi: Investigar a questão da afetividade nos espaços educativos de escuta aos estudantes e aos demais membros institucionais.

Como método de coleta de dados, foi aplicada entrevista semiestruturada com os docentes e servidores técnicos selecionados, sendo entrevistados, no total, quatro servidores técnicos da CGAE e quatro docentes.

Os docentes, por sua vez, foram selecionados observando a ordem de manifestação de interesse em contribuir com o estudo e a atuação no Ensino Médio Integrado. Dessa forma, buscou-se ter, na mesma quantidade, representantes de todos os cursos do EMI do IFB, Campus Brasília (curso de Eventos e curso de Informática).

Em relação aos estudantes, foram convidados todos os alunos do EMI atendidos pelos programas gerenciados pela CGAE. Visando facilitar o acesso e a participação, o instrumento utilizado no convite foi o questionário. Infelizmente, não constam dados relativos à percepção dos estudantes, pois nenhum manifestou interesse em contribuir com a pesquisa. Cabe ponderar neste caso, o contexto de pandemia no qual este estudo foi realizado e que interferiu não só na disponibilidade das pessoas em participar da pesquisa, como na forma de viverem o seu cotidiano, as suas relações e obrigações relativas aos seus estudos e trabalho.

Para a interpretação dos materiais coletados, foi realizada a análise descritiva dos dados à luz dos principais teóricos adotados para este estudo: Paulo Freire, Edgar Morin e Vigotski. Esses autores foram selecionados, tendo em vista o papel que atribuem à afetividade no contexto educacional com vistas à humanização e sentido do trabalho educativo.

Somente após finalizada a análise dos dados, o produto educacional foi construído no intuito de que este instrumento fosse algo que nascesse das necessidades apontadas pela própria comunidade pesquisada. Como característica principal deste instrumento, apareceu o desejo de flexibilidade, dada a sobrecarga de trabalho que os entrevistados, em sua maioria, relataram que estavam submetidos. Considerando esses apontamentos, foi construído um e-book, no formato dialogado, utilizando para o debate teórico exemplos coletados no processo de investigação da

pesquisa, à luz dos principais teóricos já referenciados.

Na tentativa de auxiliar a compreensão dos processos de construção deste estudo, esta dissertação em formato de artigo foi organizada em três grandes etapas: a primeira destinada à sua discussão teórica (a condição humana e sua dimensão afetiva); a segunda destinada aos procedimentos metodológicos utilizados na coleta e análise dos dados (a afetividade no processo de investigação da pesquisa); e a última etapa destinada à análise dos dados e resultados, incluindo o resultado da aplicação e avaliação do e-book como produto educacional para o desenvolvimento de práticas mais afetivas na Educação Profissional e Tecnológica.

1 INTRODUÇÃO

A afetividade no contexto educacional surge como tema desafiador neste estudo, tanto pela sua subjetividade, que extrapola as possibilidades dos métodos quantificáveis de análise e aferição, quanto pelo contexto de pandemia no qual este estudo foi desenvolvido. O isolamento social, como medida preventiva e necessária de saúde pública para diminuir o risco de contágio pelo novo Coronavírus, mostrou interferir não só na disponibilidade e disposição das pessoas para contribuir com a pesquisa, como na forma delas se afetarem com o seu trabalho, com as suas relações humanas e com os seus próprios sentimentos. Nesse sentido, torna-se importante esclarecer previamente que essas questões integram como marco histórico a realidade social dos sujeitos pesquisados e dos dados que serão aqui apresentados.

Cientes dessas particularidades, é importante também destacar a relevância que esse debate passa a assumir dentro desse novo cenário. Assim, na tentativa de compreender o papel da afetividade no contexto educacional sob uma perspectiva mais ampla, como dimensão do humano indispensável para a construção das suas relações, adotou-se, como principais aportes teóricos as contribuições de Edgar Morin (2011), que alerta para a necessidade de estudar a nossa condição humana nos espaços educativos; Paulo Freire (1996), que igualmente aponta para o impacto da afetividade no processo de ensino e aprendizagem; além de Vigotski (2010), que reconhece no papel das emoções o ponto de partida necessário para qualquer prática educativa que se queira dotada de sentido.

À luz das reflexões provocadas pelos autores referenciados, este estudo tentou responder a seguinte questão de pesquisa: como a atuação dos servidores técnicos no EMI no IFB favorece ou pode favorecer o aumento da afetividade no contexto educacional? Para tanto, como objetivo geral, buscou-se investigar a questão da afetividade nos espaços educativos de escuta aos estudantes e aos demais membros institucionais, do Instituto Federal de Brasília, Campus Brasília. Por espaços educativos tem-se aqui entendido como todo espaço que favoreça o ensino, indo além do ambiente de sala de aula, compreendendo espaços de convivência e de atendimento à comunidade institucional de maneira geral.

Como estratégia para essa investigação, foram aplicadas entrevistas semiestruturadas com os servidores técnicos, mais especificamente, os servidores

técnicos da Coordenação Geral de Assistência Estudantil (CGAE), e docentes do Instituto Federal de Brasília, Campus Brasília, que atuavam no Ensino Médio Integrado. Os nomes dos participantes estão preservados em respeito ao sigilo dos seus dados, aparecendo identificados neste documento pela função, seguida da sequência numérica em que foram entrevistados.

Por meio dessa escuta, como objetivos específicos, buscou-se identificar como a afetividade permeava as estratégias utilizadas pelos servidores técnicos no acolhimento aos estudantes, docentes e demais servidores, além de analisar como as relações entre seus membros favoreciam ou não a afetividade. Em decorrência dessas observações, foi construído como produto educacional um e-book, intitulado: “A afetividade como lente de humanização do trabalho no contexto educacional”, material reflexivo, com o intuito de atingir o último objetivo deste estudo que é propor alternativas para o desenvolvimento de práticas mais afetivas na Educação Profissional e Tecnológica.

2 REFERENCIAL TEÓRICO: A CONDIÇÃO HUMANA E SUA DIMENSÃO AFETIVA

Tratar de afetividade no contexto educacional implica em, necessariamente, tratar de relações humanas. Essa é a condição primeira para que qualquer processo educativo se estabeleça. Nesse sentido, o estudo da condição humana surge como elemento estruturante desta pesquisa, tendo em vista ser a base para a compreensão das relações que ocorrem nos espaços educativos e que interferem nos processos de ensino e aprendizagem, cujos aspectos afetivos estão naturalmente intrínsecos.

Partindo dessa premissa, optou-se por utilizar no referencial teórico autores que discutissem o papel da afetividade para a condução e humanização do trabalho educativo. Dentre esses teóricos, foram selecionados como principais: Edgar Morin, Paulo Freire e Vigotski. A fim de traçar o eixo conceitual que será a base da fundamentação teórica adotada para este estudo, propomos iniciar debatendo a concepção de afetividade e complexidade à luz de Edgar Morin.

Morin (2011) refere-se ao mundo da afetividade como o dos sentimentos, da curiosidade e da paixão, que são os propulsores da pesquisa filosófica ou científica. Nesse sentido, ressalta que a afetividade pode tanto cegar o conhecimento quanto fortalecer a sua construção, sendo dialética essa relação. Visando esclarecer como se estabelece a dialética entre razão e emoção, cumpre destacar a própria fala do autor a respeito, em entrevista concedida ao Jornal O Globo:

É preciso estabelecer um jogo dialético entre razão e emoção. Descobriu-se que a razão pura não existe. Um matemático precisa ter paixão pela matemática. Não podemos abandonar a razão, o sentimento deve ser submetido a um controle racional. (MORIN, 2017).

É interessante observar na sua fala que elementos supostamente contrários, como a razão e a emoção, na verdade compõem a existência um do outro e estão interligados como constituintes do pensamento humano, portanto, da nossa condição humana. Pode-se deduzir, inclusive, que enxergar complementaridade onde, normalmente, só se vê objetos em negação, é uma forma de compreender a especificidade e complexidade que nos caracteriza enquanto seres humanos e que é objeto de construção teórica por parte do autor e de embasamento para este estudo.

Nessa perspectiva, Morin (2011) defende que a verdadeira racionalidade reconhece seus limites lógicos. Referindo-se à relação dialética como principal fundamento da complexidade do pensamento humano e da nossa condição humana, o teórico remonta à etimologia da palavra “Complexus” para defini-la. Como conceito,

relata que significa “o que foi tecido junto” e que há complexidade quando elementos diferentes são inseparáveis constitutivos do todo. Dessa forma, para o autor: "a complexidade é a união entre a unidade e a multiplicidade" (MORIN, 2011, p.36).

A partir dessa concepção, a complexidade do pensamento humano reside na convivência de condições supostamente opostas, dentre as quais encontra-se a racionalidade e a afetividade. Essas dimensões constituem o ser humano em igualdade de importância, sem anular a existência uma da outra, dada a dialética característica dessa relação, que também explica a complexidade inerente à nossa condição humana. Além disso, o ser humano reflete, ao mesmo tempo, o universo do qual faz parte, bem como as suas características únicas, mas que também são reflexo do todo.

Feito esse debate em torno da afetividade e complexidade como características da nossa condição humana, cabe agora ampliarmos o seu estudo a fim de nos aprofundarmos na sua compreensão enquanto seres humanos que atuam no contexto educacional.

2.1 A condição humana e sua dimensão afetiva no contexto educacional

Aprofundando ainda no debate em torno das características da nossa condição humana, segundo Morin (2011), o ser humano é ao mesmo tempo um ser biológico e cultural, que precisa da cultura para o seu desenvolvimento. Assim, o autor conclui que:

Trazemos, no seio de nossa singularidade, não somente toda a humanidade e toda a vida, mas também quase todo o cosmos, incluindo seu mistério, que, sem dúvida, jaz no fundo da natureza humana (MORIN, 2011, p.47).

Sob essa ótica, para compreender o humano é preciso antes localizá-lo no tempo e no espaço, pois é um ser histórico, inconcluso, que passa por constantes transformações. Sua condição reflete tanto os seus aspectos biológicos, quanto culturais e sociais, desenvolvida por meio de interações humanas e destas com meio ambiente. Em síntese, o autor parte da percepção da complexidade do pensamento humano para a compreensão da nossa humanidade.

À luz dessas reflexões, a condição humana envolve uma diversidade de fatores, cuja aferição foge da precisão típica das ciências exatas que, ainda assim, podem ser refutáveis. A afetividade é inserida nesse contexto como um dos aspectos que compõem a complexidade da nossa condição, muitas vezes ignorada pelo saber científico, em prol de uma suposta neutralidade que é incompatível com a nossa

humanidade.

Seguindo nesse entendimento, Morin também aponta para a necessidade de estudar sobre o ser humano, principalmente nos espaços educativos: “A educação do futuro deverá ser o ensino primeiro e universal, centrado na condição humana” (MORIN, 2011, p.43). Eis uma questão intrigante, pois sinaliza que, até o momento presente, a nossa condição humana tem sido naturalmente desconsiderada dos programas de ensino, mesmo sendo a base de qualquer relação humana, principalmente das relações que envolvem os processos de ensino e aprendizagem.

Aprofundando nessa questão, em entrevista concedida ao jornal Folha de São Paulo, Morin (2019) também faz uma crítica ao ensino conteudista, com o seu modelo fechado de disciplinas que impedem a compreensão de mundo na sua complexidade, além de reforçar que questões relativas à nossa humanidade não são de interesse dos programas voltados para os jovens, tais como: o ensino da compreensão do outro e aprender a lidar com as incertezas. Situação essa que leva a pensar na consequente desumanização desses espaços e nos possíveis índices de evasão decorrentes disso.

Contribuindo também para a nossa compreensão enquanto seres humanos, Freire (1996) reforça como característica humana o inacabamento, além do reconhecimento de ser condicionado. Sobre este aspecto, cumpre sublinhar as próprias palavras do autor sobre o que é ser gente:

Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado mas, consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele. [...] Gosto de ser gente porque, como tal, percebo afinal que a construção da minha presença no mundo, que não se faz no isolamento, isenta da influência das forças sociais, que não se compreende fora da tensão entre o que herdo geneticamente e o que herdo social, cultural e historicamente, tem muito a ver comigo mesmo. (FREIRE, 1996, p.53)

Freire (1996) ainda acrescenta a esperança como característica humana, fruto do seu inacabamento e imprescindível à existência histórica, pois coloca o ser humano em constante movimento de busca.

Percebe-se semelhanças nas concepções de Freire e de Morin sobre a especificidade humana. Ambos reconhecem a influência dos fatores biológicos, culturais e históricos na constituição do ser humano, bem como o seu inacabamento. O tornar-se constitui uma das características fundantes da condição humana que nos permite o aprimoramento, a desconstrução e a reflexão. A realidade é que, como bem apontado pelo próprio Paulo Freire: "Só somos porque estamos sendo. Estar sendo é a condição, entre nós, para ser" (FREIRE, 1996, p.33).

A partir dessa consciência, como seres humanos, cada indivíduo carrega consigo uma diversidade de influências que o fazem agir e ser de determinada maneira. O outro precisa ser visto considerando o universo que o habita, que envolve condições biológicas, estruturais, culturais e históricas. Fragmentar o humano é retirar da sua condição o que de complexo lhe constitui. O julgamento precipitado e a culpabilização individual são algumas das consequências do desconhecimento e simplificação do outro.

Trazendo esse debate para o contexto educacional, Freire (1996) questiona a falsa separação radical da seriedade docente e afetividade, avaliada como necessária por muitos educadores. Porém, igualmente alerta para o compromisso ético do docente, que deve estar vigilante para que questões ligadas à afetividade não atuem de forma a preterir, ou mesmo privilegiar alguns estudantes, conforme as suas inclinações e identificações pessoais.

Na mesma direção, Vigotski chama a atenção para o papel da educação no controle das emoções, sem atribuir uma prevalência de importância entre os aspectos cognitivos e afetivos: "A emoção não é um agente menor do que o pensamento. O trabalho do pedagogo deve consistir não só fazer com que os alunos pensem e assimilem a geografia, mas também a sintam" (VIGOTSKI, 2010, p.144).

Reforçando ainda mais a relevância da dimensão afetiva para o comportamento humano, especialmente no contexto educacional, Vigotski (2010) atribui às emoções a capacidade de impactar e modificar atitudes de forma significativa, orientando o educador a se preocupar em deixar indícios emocionais nos estudantes a fim de que os alunos desenvolvam o comportamento que esperam.

Nessa perspectiva, toda educação que se propõe a pensar o ser humano na sua integralidade precisa se comprometer com o que há de humano em cada um. Conforme relatado por Freire (1996, p.33): "Transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador". Essa reflexão é importante de ser realizada na educação, especialmente, no âmbito da Educação Profissional e Tecnológica, tendo em vista os riscos de ser reduzida a puro treinamento técnico, como se fosse possível aprender sem a motivação daquilo que nos afeta, sem considerar a nossa humanidade em todo o processo.

Dessa forma, a afetividade surge como elemento constituidor do humano que, se bem trabalhado, contribui para um aprendizado carregado de sentido, e por isso

significativo. Favorecer essa dimensão no contexto educacional também permite trabalhar valores, tais como a solidariedade, a ética e a empatia, tão essenciais na construção de uma sociedade mais humana, que pense no bem e trabalhe em prol do coletivo. Essa discussão assume ainda mais relevância considerando a realidade de pandemia em que esse estudo foi realizado, o que tornou mais evidente o quanto o comportamento de cada indivíduo pode interferir no bem-estar comum, podendo impactar, inclusive, no direito do outro de continuar vivo.

Discutidos os principais conceitos em torno do eixo temático adotado para este estudo, cumpre agora focarmos no debate em torno das relações humanas e das questões afetivas que as envolvem, especialmente quando inseridas no contexto educacional.

Sobre este aspecto, Morin (2011) traz como elemento afetivo importante de ser trabalhado o ensino da compreensão humana e alerta para o fato de que, para ensiná-la, é necessário antes entender as causas da incompreensão, ou seja, o que impede a compreensão humana de acontecer.

Partindo dessa premissa, como principais obstáculos à compreensão humana, Morin (2011) identifica a indiferença, o egocentrismo e o sociocentrismo, que têm como traço comum situar-se no centro do mundo e desconsiderar tudo o que é estranho, distante ou que diverge. O autor também alerta para os riscos de se tentar neutralizar os afetos: "o enfraquecimento da capacidade de reagir emocionalmente, pode mesmo estar na raiz de comportamentos irracionais" (MORIN, 2011, p. 20).

Considerando as possíveis consequências desses obstáculos quando experienciados no ambiente escolar, atitudes que denotam incompreensão e intolerância acabam por favorecer a construção de uma educação voltada para a repressão dos sentimentos e desvalorização da história de vida dos estudantes. Como resultado, é possível formar pessoas que desconhecem a si mesmas, aprendem a negar a sua humanidade e acabam por não reconhecer a do outro.

Pensando em trabalhar questões como essas, Morin (2011) faz uma observação importante quanto ao fato de a compreensão humana não ser garantida por meio da comunicação ou da explicação, sendo imprescindível uma abertura e disposição ao entendimento do outro, além de um conhecimento de sujeito a sujeito. Para tanto, também reforça alguns cuidados que devem ser adotados em prol do exercício da compreensão humana, como não julgar antecipadamente, não reduzir o ser humano ao seu erro e não esperar reciprocidade de entendimento.

Ainda no tocante às questões relativas à afetividade que interferem nas relações humanas, a escuta emerge como outro elemento afetivo importante para esta pesquisa. A este respeito, Freire (1996) relata por meio de uma experiência contada por uma amiga e professora de crianças e adolescentes, chamada Olgair Garcia, o quão necessário é saber escutar:

[...] não é falando aos outros, de cima para baixo, sobretudo, como se fôssemos os portadores da verdade a ser transmitida aos demais, que aprendemos a escutar, mas é escutando que aprendemos a falar com eles. Somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele. Mesmo que, em certas condições, precise de falar a ele. O que jamais faz quem aprende a escutar para poder falar com é falar impositivamente. (FREIRE, 1996, p.113, grifo do autor)

A reflexão trazida por Freire (1996) revela, sobretudo, a importância de saber intervir por meio da escuta. Para tanto, é necessário exercitar a paciência, o respeito e ter disponibilidade para entender o outro na sua complexidade. Esses são alguns dos aspectos afetivos importantes de serem desenvolvidos pelos educadores e muitas vezes negligenciados nos espaços educativos, interferindo diretamente no ensino e na qualidade das suas relações. Além disso, é importante destacar que saber escutar não implica em concordar com o outro ou ter que se abster de intervir enquanto educador, mas, como bem ressaltado por Freire (1996), é saber falar com ele sem transformá-lo no seu objeto de discurso.

Complementando e fechando o nosso debate teórico em torno das relações humanas, cabe destacar como importante contribuição abraçada para este estudo, a definição de diálogo adotada por Freire (1967) no seu livro: Educação como prática da liberdade, no qual conceitua o diálogo como um ato de amor, de compromisso com o outro, por isso o único capaz de comunicar:

O que é o diálogo? É uma relação horizontal de A com B. [...] Nutre-se do amor, da humildade, da esperança, da fé, da confiança. Por isso, só o diálogo comunica. E quando os dois pólos do diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé um no outro, se fazem críticos na busca de algo. Instala-se, então, uma relação de simpatia entre ambos. Só aí há comunicação. (FREIRE, 1967, p. 107)

Em síntese, até esse momento, buscou-se discutir a concepção de afetividade e complexidade como características da nossa condição humana, além de debater como aspectos ligados à afetividade permeiam as nossas relações, especialmente, enquanto seres humanos que atuam no contexto educacional. A seguir, apresentamos, ligeiramente, como a dimensão afetiva é tratada nos Planos de Cursos (PPC), do ensino médio integrado, campos desta pesquisa.

2.2 A questão da afetividade nos normativos relativos ao Ensino Médio Integrado do Instituto Federal de Brasília

No intuito de nos aproximarmos da realidade da comunidade pesquisada, apresentamos a seguir um breve levantamento de como a questão da afetividade aparece tratada nos normativos dos cursos do Ensino Médio Integrado, Campus Brasília, mais especificamente, nos Planos de Cursos (PPC) dos cursos de Eventos e de Informática, que são o foco de análise deste estudo.

No que tange ao PPC do Curso de Informática, no perfil que se espera formar desse profissional, verifica-se a presença de características ligadas à dimensão humana como necessárias de serem desenvolvidas: "O Técnico em Informática, no exercício pleno de suas atribuições, deverá ser um indivíduo: responsável, criativo, crítico, prudente, pontual, consciente da ética" (IFB, 2014, p. 07). Esse perfil esperado é igualmente reforçado em um dos objetivos do curso, a saber:

[...] será objetivo do curso, o aprimoramento do educando como pessoa, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico, conforme previsão da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, propiciando formação completa de leitura de mundo, atuação como cidadão e compreensão das relações sociais. (IFB, 2014, p.21)

Observa-se que a explicitação dessas características pessoais aponta para a necessidade de se formar pessoas com posturas que favoreçam as relações humanas. No entanto, outro ponto também chama a atenção no documento, a predominância, tanto nos objetivos, quanto nas competências do curso, de uma formação voltada para o aprendizado de competências mais técnicas. Segundo consta no PPC (IFB, 2014, p.23), o Curso Técnico em Informática almeja, especialmente, o aprendizado relativo à inovação tecnológica, com o intuito de atender a uma necessidade da região do Distrito Federal por um perfil de profissional em Desenvolvimento de Sistemas locais e para internet, bem como de empreendedores para o setor produtivo e de relações sociais.

Cabe ponderar que a importância dada a essa formação não deixa de ser relevante e aparece também atrelada à necessidade de formar cidadãos críticos e éticos diante da tecnologia.

Com relação ao rol de competências do perfil dos egressos do curso de Informática, chama a atenção não aparecer como aptidão a ser desenvolvida por esse profissional, algo que remeta à capacidade de se relacionar e de saber lidar com o outro. A competência mais próxima que aparece nesse sentido é a capacidade de

"comunicar-se verbalmente e transmitir informações" (IFB, 2014, p. 23). Sobre isso, cumpre retomar o pensamento de Morin (2011) quando adverte que a comunicação por si só não garante a compreensão humana e que é preciso ensinar sobre essa compreensão nas escolas, independentemente do nível de ensino.

Ainda sobre o quesito relações humanas, com foco na formação integral, no PPC do Curso Técnico de Informática (IFB, 2014, p.75), é relatado que as estratégias de aprendizagem deverão garantir o acolhimento da diversidade, seja de que ordem for, incluindo a educativa, mental e física. O diálogo entre os membros da instituição também é apresentado como meio para reduzir as desigualdades, além do auxílio das políticas de assistência estudantil. Essa intenção é bastante significativa quando se pensa em uma educação que se queira inclusiva e, conseqüentemente, que precisa trabalhar o universo dos afetos no seu espaço. Essa necessidade também ratifica a importância de ensinar sobre a compreensão humana, como aqui já exposto.

No documento, os servidores técnicos (fazendo um destaque para os servidores técnicos da CGAE) são inseridos ao lado dos docentes e demais envolvidos na formação da aprendizagem estudantil, como participantes do conselho de classe com o propósito de atender aos objetivos acima mencionados. Esse coletivo é relatado como responsável por promover: "um encontro que avalie integralmente o estudante, propondo e refletindo sobre meios pedagógicos e sociais que contribuam para a efetivação da aprendizagem" (IFB, 2014, p. 82).

Diante dos objetivos apresentados no documento e considerando que a temática deste estudo também envolve o exercício dos servidores técnicos, mostra-se ainda mais relevante que o trabalho em torno da dimensão afetiva inclua a prática desse corpo de profissionais, principalmente nos espaços de discussão e decisão coletiva que ocupam. Assumindo essa postura, os servidores técnicos contribuem para a construção de uma educação que pensa e acolhe o ser humano na sua integralidade e complexidade, auxiliando no alcance dos objetivos educacionais estipulados pelo Instituto.

Em relação aos aspectos afetivos presentes no PPC do Ensino Médio Integrado de Eventos (IFB, 2019a), especificamente sobre as competências esperadas deste profissional, cabe destacar que consta que eles devem ser capazes de atuar com ética, saber interagir com modos de ser e pensar diferentes, aperfeiçoando seu aprendizado por meio de uma vivência democrática com culturas. Além disso, são elencadas como competências específicas, primar por valores morais, bem como atuar em prol da

promoção da paz, da comunhão e da redução das desigualdades. É interessante observar que são descritas competências que exigem uma habilidade interpessoal, de trato com o outro, de saber agir sem perder de vista o compromisso com o coletivo e o respeito às diferenças, revelando uma formação mais orientada para as relações humanas.

Outro aspecto presente no PPC de Eventos que é importante salientar são as competências definidas no seu Projeto Integrador. Dentre essas, merecem ser destacadas: "cumprir e ajudar a cumprir responsabilidades individuais e coletivas, manter um bom relacionamento com colegas e adultos, prestar ajuda espontaneamente, reconhecer e aceitar diferentes pontos de vista, sabe ouvir [...]" (IFB, 2019a, p. 51) dentre outras. Observa-se que são aptidões que exigem uma habilidade interpessoal e, portanto, compreensão da nossa condição humana, conforme já ressaltado.

Fazendo um comparativo entre os dois Planos de Cursos, percebe-se uma diferença na ênfase dada às questões afetivas e relacionais, principalmente quando se trata das competências esperadas para cada um desses profissionais. No PPC do curso de Eventos, é esperado que esse profissional adquira habilidades interpessoais, saiba se relacionar de forma a acolher a diversidade e posicionamentos divergentes, competências ainda mais detalhadas no seu Projeto Integrador. O mesmo detalhamento não foi observado no Plano de Curso de Informática, mesmo tendo sido identificadas necessidades de desenvolver habilidades que envolvam a dimensão afetiva, porém aparecem com menos destaque.

Pode-se inferir, a partir das diferenças encontradas na abordagem nos dois Planos de Cursos, principalmente quando se trata das competências esperadas para cada um desses profissionais, que o maior detalhamento relativo às habilidades interpessoais definidas no PPC de Eventos decorre da percepção de que esse profissional precisa lidar mais com gente na sua prática cotidiana de trabalho, quando comparado ao profissional de informática, o que já implica em um problema de definição. Afinal, a tecnologia também é pensada por e para pessoas.

Problematizando essas questões, é necessário reconhecer que é também função da educação o preparo para a vida, que se estende além do trabalho. A nossa constituição enquanto sujeitos nasce de relações humanas, portanto complexas, dialéticas, históricas e culturais, conforme já debatido à luz dos teóricos referenciados. Dessa maneira, não existe um profissional que possa prescindir da sua humanidade

e que não precise aprender a reconhecer a do outro, principalmente no contexto educacional. A formação com vistas à construção de uma sociedade mais justa, solidária e democrática (objetivos educacionais comuns explicitados nos normativos dos dois cursos) exige uma intervenção no mundo que é essencialmente relacional e precisa ser cada vez mais humanitária.

Considerando tanto o impacto das relações humanas nos processos de construção do conhecimento, como no preparo dos estudantes para a vida, a afetividade surge como dimensão do humano que precisa ainda ser apropriada, para além do seu debate teórico, por meio da concretização de ações que promovam a melhoria das relações envolvidas no contexto educacional.

3 METODOLOGIA: A AFETIVIDADE NO PROCESSO DE INVESTIGAÇÃO

Como pode ser observado, a temática deste estudo envolve essencialmente aspectos subjetivos relativos à nossa condição humana, com especial destaque para a sua dimensão afetiva no contexto educacional, sendo inserida na modalidade qualitativa de pesquisa. Tendo em vista a diversidade de fatores que poderiam influenciar no tratamento deste objeto de estudo, optou-se pela metodologia de estudos de casos que, segundo Ventura (2007);

“[...] parece ser apropriado para investigação de fenômenos quando há uma grande variedade de fatores e relacionamentos que podem ser diretamente observados e não existem leis básicas para determinar quais são importantes”. (VENTURA, 2007, p.385)

Cumprido esclarecer, neste caso específico, que em virtude da pandemia a observação direta em campo restou inviabilizada, sendo utilizada como técnica para a coleta de dados a aplicação de entrevista semiestruturada a fim de viabilizar um maior envolvimento dos pesquisados e flexibilidade no processo de aquisição das informações. Além disso, as questões foram conduzidas, conforme destacado por Parodi Be et al. (2019), com o objetivo de que o entrevistado tivesse liberdade para responder e com isso refletir seus pensamentos confortavelmente.

Dessa forma, buscou-se nas perguntas deixar os participantes livres para relatar as suas experiências em torno das principais questões envolvidas neste estudo. Somente quando algum dado não surgia espontaneamente e era avaliado como importante para responder os objetivos específicos desta pesquisa, foi realizada alguma intervenção buscando captar essa informação. Mesmo nestes casos, tentou-se formular as questões sem muitas especificações, priorizando o relato livre das experiências para que o dado surgisse da forma mais natural e confortável possível. O roteiro utilizado para as entrevistas semiestruturadas estão nos Apêndices C e D deste documento.

No intuito de buscar compreender de forma mais ampla como a questão da afetividade se constrói na dinâmica de trabalho envolvida entre os membros do Instituto, foram convidados a participar, além dos servidores técnicos, os docentes e os estudantes do IFB, Campus Brasília, que atuavam no Ensino Médio Integrado. Como critério de escolha dentro deste escopo, estabeleceu-se o limite de quatro participantes por segmento institucional, respeitada a ordem de manifestação de interesse em contribuir com o estudo. No caso dos docentes, selecionou-se dois representantes por curso do Ensino Médio Integrado, Campus Brasília (curso de

Eventos e curso de Informática). Em relação aos servidores técnicos, optou-se por convidar os servidores que atuavam na Coordenação Geral de Assistência Estudantil (CGAE) por ser tido como um setor estratégico, na medida em que lida com questões-chaves para permanência dos estudantes na Instituição.

Em relação aos alunos - haja vista as peculiaridades deste público em termos de acesso e condições - optou-se, como ferramenta de pesquisa, pelo envio e aplicação de questionário com o objetivo de flexibilizar o tempo/espaço e, assim, facilitar a participação daqueles que se mostrassem interessados. Apesar do convite ter sido enviado a todos os estudantes do ensino médio integrado atendidos pelos programas de permanência do IFB, Campus Brasília, nenhum retornou manifestando interesse. A ausência de retorno por parte dos alunos sinalizou a importância de se considerar algumas hipóteses que foram apontadas pelos próprios participantes da pesquisa, como a sobrecarga de atividades à distância inseridas como parte do cotidiano dos alunos, além dos problemas ligados à dificuldade de acesso à internet, evidenciada com maior intensidade no período de isolamento social. Como consequência, não constam dados relativos à percepção dos estudantes nos resultados desta pesquisa, devendo ser levado em consideração o contexto de pandemia no qual foi desenvolvida.

Esclarecidas essas questões e respeitando os protocolos de saúde pública, as entrevistas com os docentes e os servidores técnicos foram realizadas à distância, pela plataforma Google Meet, nos meses de setembro e outubro de 2020. Foram todas gravadas com o consentimento dos participantes e posteriormente transcritas.

Como critério de seleção das principais falas dos entrevistados a serem analisadas, buscou-se identificar nos discursos dos pesquisados elementos afetivos que respondessem aos objetivos específicos da pesquisa, separando-os em conformidade com cada um desses objetivos. Após esse recorte, os discursos dos entrevistados foram novamente agrupados considerando as suas semelhanças, divergências, complementariedade e frequência. Para a interpretação dos dados, foi realizada a análise descritiva das narrativas dos entrevistados à luz dos principais autores já referenciados: Paulo Freire, Edgar Morin e Vigotski.

Em síntese, como delineamento das etapas da pesquisa, estabeleceu-se quatro fases, conforme Ventura (2007, p. 386) aponta como possibilidade:

1. A delimitação da unidade de caso: cujo fenômeno específico a ser estudado é a afetividade no contexto educacional, mais especificamente, a atuação

dos servidores técnicos na construção da afetividade no IFB, Campus Brasília;

2. A coleta de dados: por meio de entrevista semiestruturada com servidores técnicos e docentes do IFB, Campus Brasília, incluindo a análise bibliográfica e documental adotada no referencial teórico;

3. Seleção, análise e interpretação dos dados: os discursos foram selecionados e separados observando os aspectos afetivos presentes nos relatos de acordo com os objetivos específicos da pesquisa;

4. Relatório dos casos: construído por meio da análise descritiva dos dados.

As tabelas com todos os discursos dos participantes selecionados por objetivos específicos, encontram-se no apêndice C, deste documento.

Esta pesquisa consta registrada na Plataforma Brasil e aprovada pelo Comitê de Ética: União Educacional do Planalto Central (UNIPLAC/DF). O número do Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) é: 34095220.0.0000.5058 e parecer de aprovação: 4.239.484.

4 ANÁLISE DOS DADOS E RESULTADOS

Em resposta ao primeiro objetivo específico desta pesquisa, que foi identificar como a afetividade permeia as estratégias utilizadas pelos servidores técnicos no acolhimento aos estudantes e demais membros no IFB, verificou-se, por exemplo, nos relatos referentes à atividade de planejamento, execução e avaliação dos editais de assistência estudantil, o sentimento de preocupação em partir das necessidades dos educandos, em especial, dos alunos do ensino médio integrado, para pensar todo o seu processo de construção e divulgação. Esse cuidado também foi mencionado para a realização dos atendimentos individuais à comunidade, assim como, para a condução das entrevistas destinadas à avaliação e solicitação dos auxílios assistenciais.

Para exemplificar, a Servidora técnica 2 declarou ter atenção em planejar os editais pensando nesse estudante que vai precisar de apoio para ler o edital e preencher o formulário, demonstrando cuidado às necessidades avaliadas como mais típicas no público de alunos do Ensino Médio Integrado, especialmente, os atendidos pelos programas de assistência estudantil.

Assumindo preocupação semelhante, observou-se igualmente no discurso da servidora técnica 3, o cuidado de tentar ouvir o estudante para entender a sua realidade e solicitar os auxílios conforme as suas particularidades: “No meu trabalho eu procuro ver muito essa questão da vulnerabilidade que o aluno está passando. A minha estratégia é marcar uma entrevista e verificar o que está acontecendo”.

Fazendo a conexão com as entrevistas que realizam no setor, a escuta aos membros institucionais foi outra estratégia apontada pelos servidores técnicos pensando no acolhimento, mesmo que eles não tenham a competência e os mecanismos necessários para solucionar os problemas trazidos pela comunidade educacional. A relevância desta ação apareceu também reconhecida e explicitada por metade dos docentes entrevistados, além de ressaltada por todos os servidores técnicos, como uma das estratégias que beneficiam significativamente os estudantes, mesmo que as demandas não possam ser por eles sanadas. Neste caso, a escuta emerge como elemento afetivo importante que permeia as atividades desempenhadas pelos servidores técnicos, imprimindo, de forma mais evidente, no exercício das suas atribuições, a sua dimensão humana. Para exemplificar, na tabela 01, seguem alguns dos relatos que subsidiaram essa análise:

Tabela 1 – Principais relatos que apontam como a afetividade permeia o trabalho dos técnicos

<p>Objetivo específico 1:</p> <p>Analisar como a afetividade permeia as estratégias utilizadas pelos servidores técnicos no acolhimento aos membros institucionais</p>	<p>Síntese da análise</p>
<p>“Geralmente quando os alunos nos procuram, nem que seja só para conversar um pouco, a gente está sempre disponível para conversar, para tentar resolver a situação deles, para conversar com os pais se for necessário, então a gente já fez muito isso.” (SERVIDORA TÉCNICA 1)</p> <p>“Agora eu acho que toda semana chega um estudante no nosso setor chorando ou triste, ou precisando conversar, aí quem tiver lá recebe, conversa, coloca na sala, tenta acalmar.” “A gente tenta planejar os nossos editais pensando nesse aluno, nesse estudante, que vai precisar da nossa ajuda para ler o edital, preencher o formulário e tudo mais.” (SERVIDORA TÉCNICA 2)</p> <p>“No meu trabalho eu procuro ver muito essa questão da vulnerabilidade que o aluno está passando. [...] A minha estratégia é marcar uma entrevista e verificar o que está acontecendo.” (SERVIDORA TÉCNICA 3)</p> <p>“acho que lá a gente considera muito esse trabalho com essa crença de que a escola não é para eles e de que eles não vão ter perspectiva depois dali. Eu acho que o trabalho que eu tento fazer é muito voltado a mudar essa percepção.” (SERVIDORA TÉCNICA 4)</p> <p>“A coordenação pedagógica aqui, ela acaba assumindo esse papel da assistência e quem atende os alunos sob qualquer coisa são os pedagogos. [...] E elas tem que fazer porque se elas não atenderem o aluno, o aluno vai ficar chorando lá no corredor.” (DOCENTE 1- Informática)</p> <p>“Quem faz esse papel de ponte, de estar presente e de acompanhar, é o pessoal da assistência estudantil e o pessoal da assistência pedagógica e mais os pedagogos aqui, que conta com uma equipe muito boa, muito ampla. A relação que eu percebo deles com os alunos é uma relação amorosa de envolvimento.” (DOCENTE 3 -Eventos)</p>	<p><i>A escuta aparece como ação importante desenvolvida pelos técnicos que favorece a afetividade e que também é reconhecida como necessária pelo corpo docente.</i></p>

Fonte: Autora (2021)

Valendo-se também da escuta, a Servidora técnica 4 destacou que a equipe trabalha na intenção de modificar a crença de que a escola não é para o público de estudante em situação de vulnerabilidade social e que não teriam perspectivas depois dali. Em síntese, ressalta que o seu trabalho é voltado a mudar essa percepção. Esse relato, assim como os demais, evidenciam uma consciência do impacto do próprio trabalho para o futuro da comunidade, sobretudo, para os alunos do Ensino Médio

Integrado atendidos pelos programas de assistência estudantil.

Na tentativa de enriquecer o debate em torno das questões apresentadas, Freire (1967) ressalta a relevância do diálogo como o único meio capaz de comunicar, pois prima pelo amor, pela fé, pela esperança e confiança no outro. Além disso, o autor reforça que a educação não pode se furtar ao debate e à análise da realidade com criticidade. Fazendo a ponte dessas reflexões com os dados retratados, percebe-se o quanto a adoção do diálogo, na perspectiva defendida por Freire, pode contribuir para a humanização das relações que envolvem o trabalho educativo no Instituto, ainda mais, considerando as atribuições relatadas como responsabilidades por parte dos servidores técnicos. Essas ações exigem, necessariamente, uma análise crítica da realidade, além de um compromisso ético com esses estudantes, principalmente, quando se trata dos alunos que necessitam dos auxílios para permanecer na Instituição.

Apesar da presença desses elementos afetivos nos discursos dos técnicos, foi ainda mais notória a percepção de que a ação destinada à construção dos editais referentes aos auxílios assistenciais é sentida como uma atividade meramente administrativa e bastante burocrática na prática, tanto pelos próprios servidores técnicos, quanto pelo corpo docente. Para ilustrar, é destacado a seguir alguns dos principais discursos que corroboram esse entendimento:

Vou ser bem sincera, a nossa demanda de trabalho é tão alta, a gente tem que tocar esses editais que a gente toca, ele demanda tanto da gente, trabalho administrativo intenso, de avaliação de documentação, de arquivo, de tudo, que esse lado do acolhimento acaba que não é sistematizado (SERVIDORA TÉCNICA 2)

Aqui no Campus só tem uma psicóloga, lotam ela de serviço burocrático. Não é culpa dela porque lotam ela com outras atividades, ela está sempre envolvida avaliando edital, a coitada (DOCENTE 1, curso de Informática)

Esse dado dá margem para inferir que o processo de construção e execução desses editais – principalmente considerando a sobrecarga de trabalho e escassez de funcionários mencionadas como agravantes por estes e pelos demais técnicos entrevistados – possa estar sendo executado desvinculado da reflexão sobre a sua necessária dimensão humana, portanto, também afetiva.

Além da observação feita pela Docente 1 citada, essa impressão do trabalho dos técnicos voltado ao cumprimento de tarefas entendidas como essencialmente administrativas e distantes da sua dimensão afetiva, apareceu também presente na fala de mais dois docentes entrevistados (Docente 2 e Docente 4). Ou seja, mais da

metade dos docentes pesquisados (três, dos quatro docentes entrevistados) percebem o trabalho dos servidores técnicos predominantemente voltado ao cumprimento de tarefas tidas como puramente administrativas ou burocráticas.

Em relação aos depoimentos supracitados, a Docente 2, do curso de Eventos, relatou que enxerga o trabalho dos técnicos cheio de profissionalismo, mas não afetivo, atribuindo para tanto a própria natureza desse trabalho e do cargo que ocupam na Instituição que, na sua avaliação, não permite um contato mais frequente com os estudantes, quando comparado às possibilidades do trabalho docente.

É interessante observar no relato anterior que existe a ideia de separação entre profissionalismo e afetividade. Ou seja, ela percebe os servidores técnicos profissionais e competentes, embora o seu trabalho (pela própria condição) não viabilize a afetividade. Essa leitura traz à tona outra discussão importante e que Vigotski (2010) aponta como uma concepção muito comum na nossa sociedade: a de associar talento (competência) somente ao intelecto. Segundo o autor, o talento também se encontra no campo dos sentimentos, sendo possível não só ter talento para pensar, como para sentir. Sob essa perspectiva, podemos deduzir que o profissionalismo à que a docente se refere, poderia também ser afetivo e não só técnico na prática.

Seguindo na exemplificação das declarações dos professores, a Docente 4 ressaltou que identifica equívocos tanto no exercício da função dos técnicos, quanto dos docentes. A respeito do trabalho dos técnicos, faz a seguinte avaliação:

Para mim, em muitos casos, ficou um serviço muito burocrático. Quem está na escola, desde o porteiro até quem está limpando os banheiros, sabe que o serviço nunca é burocrático, é sempre um serviço de atendimento ao público nas suas necessidades. (DOCENTE 4, curso de Eventos e Informática)

Esse relato conversa com o preconizado por Freire (1996), quando diz que a formação educativa é uma prática essencialmente humana e que reduzi-la a mero treinamento técnico significa depreciar essa sua dimensão. Pensando nisso, chama atenção, nos exemplos trazidos, a percepção, por parte significativa dos seus membros, de que as atividades desempenhadas pelos servidores técnicos aparecem dissociadas da sua dimensão humana e focada no cumprimento de prazos e tarefas. A logística necessária para o desenvolvimento do trabalho, especialmente para a condução dos editais de assistência estudantil, também foi relatada como um dificultador para o planejamento de ações voltadas para trabalhar o acolhimento, a

afetividade, o que é relativo ao humano, de forma geral.

Mas esse lado humano não deixa de existir pela falta de clareza da presença dessa dimensão como parte inevitável de qualquer ação que envolva o trabalho educativo. Pelo contrário, revelou-se ainda mais evidente e necessário de ser olhado, principalmente, quando esses mesmos membros também relataram o sofrimento vivido diante da sensação de não estarem fazendo o suficiente, do cansaço decorrente da sobrecarga de trabalho, de não se sentirem valorizados nas relações estabelecidas com os demais membros e com a Instituição como um todo.

Trazendo mais elementos concretos que evidenciam essa análise, todos os servidores técnicos entrevistados relataram, de alguma maneira, que consideravam que não era o suficiente o que estavam desempenhando, mas que entenderam que era o possível a ser feito dentro da dinâmica de trabalho estabelecida no Instituto, a fim de evitar um desgaste ainda maior. Como consequência, verificou-se que a motivação para o trabalho apareceu prejudicada em todas as falas, reverberando negativamente na forma como as pessoas estão se afetando e lidando com os seus afetos na Instituição.

“Os técnicos lá estão exaustos, estão cansados, eu que entrei agora já estou começando a perder o fôlego. Acho que não vai ter jeito, acho melhor eu ficar aqui fazendo o que me mandam, porque eu vou ficar batendo a cabeça que não vai dar em lugar nenhum, não vai resolver, não vai solucionar.”
(SERVIDORA TÉCNICA 2)

“Hoje em dia, nós estamos simplesmente fazendo o que dá, aí eu já coloquei na minha cabeça que eu não posso sofrer por isso [...]” (SERVIDORA TÉCNICA 1)

A gente vai se adaptando. Eu não consigo ter a sensação de que eu faço o melhor trabalho que eu poderia, mas também eu vou entendendo que eu faço dentro das minhas possibilidades, dentro do que eu consigo fazer.”
(SERVIDORA TÉCNICA 4)

É possível observar nesses discursos que foram relatadas formas de lidar com as situações problemas no Instituto que se tornaram a única alternativa sentida como possível a fim de manter a saúde mental no trabalho. Além disso, verifica-se o cansaço decorrente de um histórico de tentativas frustradas e mencionadas como vividas, sem falar no conformismo, também consequente disto.

Assim, diante desse esgotamento, os servidores técnicos parecem perder a esperança, que tanto Freire (1996) nos fala, como elemento essencial de ação e intervenção na realidade, sempre com criticidade. Além disso, o autor alerta que o estado de desesperança não é o natural do ser humano, pelo contrário, o natural é ter esperança, o que acontece é se tornar desesperançado pelas circunstâncias. Partindo

dessa premissa, observa-se nos relatos dos técnicos - assim como preconizado por Freire (1996) - como o sentimento de desesperança interfere na forma de intervir na realidade e aparece como algo não natural do ser humano, na medida em que faz com que seus membros sintam que não estão fazendo o suficiente, como acham que poderiam.

Ratificando essa concepção, a esperança é um elemento afetivo inerente a nossa condição humana que reforça a relevância da afetividade como força motriz indispensável para a construção do sentido do próprio trabalho e que aparece prejudicada nos discursos dos técnicos.

Somando-se a isso, outro dado que surgiu como agravante foi a pandemia. A tecnologia apareceu como um desafio à prática de todos os pesquisados, em especial à prática docente, fazendo com que as pessoas precisassem se reinventar em um contexto educacional que foi relatado como sendo, em muitos momentos, difícil em termos de relações humanas. Partindo dessa realidade, cabe aqui destacar a defesa de Morin (2011) sobre a necessidade de aprender a lidar com as incertezas como um saber necessário à educação do futuro, principalmente, com as incertezas associadas ao conhecimento. Nesse sentido, observou-se que muitas das angústias relatadas pelos entrevistados decorrem desse não saber, ainda mais quando a pandemia traz tantas dúvidas e questões que instigam diversos cientistas e afrontam o mundo como um todo. A seguir, na tabela 2 é apresentada a síntese dos resultados até aqui.

Tabela 2 - Síntese do resultado da análise em resposta ao objetivo específico 1

Analisar como a afetividade permeia as estratégias utilizadas pelos servidores técnicos		
<i>Aspectos afetivos</i>	<i>Estratégia</i>	<i>Contrapontos à afetividade</i>
<ul style="list-style-type: none"> • Sentimento de preocupação de partir da realidade do estudante para pensar as ações do trabalho; • Desejo de que os estudantes se sintam parte e permaneçam na Instituição. 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Escuta; ➤ Planejamento e condução dos editais de permanência; ➤ Agendamento de entrevistas; ➤ Solicitação de auxílios assistências conforme as necessidades do educando; ➤ Encaminhamento e mediação junto aos responsáveis. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Sobrecarga de trabalho; ▪ Escassez de servidores; ▪ Burocratização das atividades relativas ao planejamento e execução dos editais de permanência; ▪ Dificuldades de relacionamento entre os membros; ▪ Desesperança.

Fonte: Autora-2021

É importante esclarecer que os elementos afetivos foram identificados nas atividades exercidas pelos servidores técnicos, tendo como base o compromisso observado nos seus relatos com o outro, nos casos exemplificados, apareceram atrelados ao estudante. As estratégias, especialmente a escuta, surgiram como meios de viabilizar esse compromisso e a forma de afetar a vida do educando e não como uma ação mais ampla e sistematizada voltada a todos os demais membros. Conforme já abordado, apesar da presença dos aspectos afetivos mencionados e da consciência por parte dos seus membros do impacto do seu trabalho, verifica-se, também, que foram descritos importantes entraves à afetividade, sendo alguns estruturais. A desesperança, como consequência das experiências relatadas como difíceis, aparece como o indicativo mais agravante, pois interfere na forma com que os seus membros acreditam que possam agir e intervir na realidade, assim como no bem-estar no ambiente de trabalho.

Em relação ao segundo objetivo específico deste estudo de analisar como as relações entre servidor, discente e docente contribuem ou não para a afetividade, observou-se que os seus membros apontaram, principalmente, questões estruturais como dando causa e acirrando muitas das dificuldades vividas em termos de relações humanas e na forma como as pessoas passaram a se afetar no exercício das suas funções. Dentre essas questões, está a escassez de servidores que impacta diretamente na sobrecarga de trabalho e na disponibilidade e disposição das pessoas para refletir sobre outras dimensões envolvidas na sua atuação, como a dimensão afetiva.

Além da escassez de servidores, foi ressaltada a grande extensão do Campus Brasília como mais um elemento significativo e característico do Instituto e que dificulta a aproximação entre as pessoas. A este respeito, metade dos entrevistados, incluindo docentes e técnicos, compararam experiências de trabalho vividas em outros Campi do Instituto Federal de Brasília (inclusive fora dele) com a experiência no Campus Brasília. Sob essa ótica, o sentimento de comunidade (relatado como presente em outros Campi) apareceu destacado como elemento afetivo importante que permite as pessoas se comprometerem não só com o seu trabalho, mas umas com outras, na medida em que sabem e sentem que isso se reverte em melhorias para todos na sua região. Para compreender melhor o impacto desta questão, a falta do sentimento de comunidade, avaliada como característica do Campus Brasília, foi relatada como motivo de descontentamento no trabalho, por 75% dos servidores técnicos e 25% dos

docentes entrevistados.

Outro elemento estrutural citado como dificultador, quando se pensa as relações humanas, tem as suas raízes na cultura e na sociedade: refere-se às relações de poder que privilegiam determinados cargos e funções em detrimento de outros. A este respeito, foram descritas diferenças de tratamento quando direcionadas aos servidores técnicos e aos docentes, a depender dos cargos que ocupam na Instituição, conforme pode ser observado na tabela 3, a seguir:

Tabela 3 – Principais relatos que apresentam diferenças de tratamento entre técnicos e docentes

<p>Objetivo específico 2:</p> <p>Analisar como as relações servidor, discente, docente contribuem ou não para a afetividade</p>	<p>Síntese da análise</p>
<p>“O principal dessa história da pandemia é que os docentes ficaram em casa, sem plano de trabalho, não foi obrigado plano de trabalho para docente e o pessoal da coordenação pedagógica tinha que estar vindo para o Instituto todos os dias, no meio da pandemia e eles, até hoje, tem que fazer plano toda a semana. Então, essa distinção de tratamento entre TAE e docente eu sou completamente contra”. (DOCENTE 1, curso de Informática)</p> <p>“Ele só é percebido muitas vezes, aí eu acho irônico, quando falta. A impressora não está funcionando, a internet, aí você lembra que tem um colega de trabalho que faz esse serviço por você ou para você.” (DOCENTE 3, curso de Eventos)</p> <p>“Existem dois grupos: os técnicos e os docentes, existe de forma, eu nem sei se é velada. Os docentes acreditam que eles têm um papel mais fundamental na instituição, até nas falas das reuniões gerais, nas assembleias” (SERVIDORA TÉCNICA 2)</p> <p>“Quando o ano se inicia, existe a semana pedagógica e tudo mais, geralmente é voltada para a recepção dos professores. Por exemplo, dos técnicos não tem. Já começa daí essas divisões que não criam essa comunicação.” (SERVIDORA TÉCNICA 4)</p> <p>“[...] é muito difícil trabalhar com os professores do Campus Brasília, infelizmente, não são todos, obviamente, mas eu sinto uma diferença muito grande por eu ser técnica e por eu ser assistente de aluno, principalmente, porque as pessoas não valorizam, não respeitam e assim, não escondem isso”. (SERVIDORA TÉCNICA 1)</p>	<p>Na relação técnico e docente, a distinção de tratamento, percebida pelos membros em decorrência do cargo que os técnicos ocupam na Instituição, aparece como um dos principais fatores para o distanciamento entre docentes e técnicos e que prejudica a afetividade nas suas relações.</p> <p>Além disso, a naturalização com que essa diferenciação de tratamento acontece no cotidiano do trabalho, é outro dado importante apontado como prejudicial à afetividade e que aparece naturalizado por meio de pequenos gestos.</p>

Fonte: Autora (2021)

Na busca de compreender as causas dessa diferenciação de tratamento entre os próprios pesquisados, cabe sublinhar a fala do Docente 3 - curso de Eventos, quando diz que:

(...) acredito que haja uma medição moral subjetiva entre a qualidade da sua ação e a qualidade da minha ação. Todo mundo ali ideologicamente falou que a educação era a salvação, que o país iria sair das suas dificuldades pela educação. Me atribui, portanto, um papel quase divino. Ninguém fala disso do servidor. (DOCENTE 3, curso de Eventos)

Como dado estatístico que corrobora a situação apresentada, 62,5% dos entrevistados explicitaram que percebem que o trabalho dos técnicos não é valorizado como acham que deveriam. Dentro deste total, 40% são de docentes e 60% são de técnicos que compartilham dessa percepção. Essa leitura também foi realizada e salientada por metade do corpo docente pesquisado, consciente de alguns de seus privilégios em função do cargo que ocupam na Instituição.

Refletindo sobre as questões postas, é pertinente lembrar sobre o que Morin (2011) diz de a compreensão humana ser um saber necessário à educação do futuro. O autor também orienta para a necessidade anterior de entender as causas da incompreensão a fim de favorecer o exercício da compreensão humana. Para tanto, ressalta que se faz necessário localizar os sujeitos no tempo e no espaço.

Como foi possível constatar nesta pesquisa, os problemas vividos, em termos de relação humanas no Instituto, tem a sua origem na história, e não teria como ser diferente. As diferenças no tratamento direcionado aos técnicos quando comparados aos docentes, assim como a ideia relatada como presente, no imaginário dos estudantes, de que a escola não é para eles, envolvem questões históricas, culturais, políticas e sociais. Analisar essa realidade ajuda a compreender comportamentos, minimizar posturas que condenam previamente e responsabilizam individualmente. Dessa forma, torna-se possível estabelecer uma real abertura ao diálogo, sem prescindir da criticidade que Paulo Freire, sabiamente, defende.

Cabe ponderar que apesar de todos os entraves estruturais mencionados para as relações humanas e para a dimensão afetiva no trabalho, chama também a atenção que justamente aspectos ligados à afetividade apareceram como alicerces nos discursos para a permanência dos membros na Instituição:

Muitos alunos que chegam com problemas seríssimos, emocionais, de autoestima e a gente olha hoje para esse aluno e ele floresceu, entendeu que tem um lugar no mundo, se sente respeitado, então isso daí para mim é o essencial do meu trabalho. (SERVIDORA TÉCNICA 1)

Com os alunos eu posso e consigo ver o resultado da atuação. Lá eu não faço psicoterapia, é um trabalho mais pontual. Então, eles trazem uma demanda e a gente vê a melhor maneira de resolver. Geralmente a gente consegue, eles retornam, eles falam que está dando certo. Tem muita gente pensando em desistir e continua. (SERVIDORA TÉCNICA 4)

O ensino médio é diferente de criança e é muito diferente de adulto. Sempre

gostei muito, acho que muito porque eu vejo que a gente consegue mudar a vida deles. Então, tu tens uma influência no ensino médio e acho que professor tem uma responsabilidade muito grande. (DOCENTE 1, curso de Informática)

Essas narrativas revelam que o sentido do trabalho surge ligado à forma como cada um identifica que afeta positivamente o desenvolvimento do outro, no caso em questão, o aluno. Nesse sentido, a dimensão afetiva aparece como elo que permite ao sujeito iluminar a própria prática de propósito. O estudante, por sua vez, assume o papel de grande protagonista dos esforços direcionados pelos demais membros, por ser ele também o que melhor reflete a importância e o impacto das ações no contexto educacional. A seguir, na tabela 4, é apresentada a síntese referente ao resultado da análise em resposta ao objetivo específico 2, desta pesquisa.

Tabela 4 - Síntese do resultado da análise em resposta ao objetivo específico 2

Analisar como as relações servidor, discente, docente contribuem ou não para a afetividade	
<i>Aspectos favoráveis à afetividade nas relações</i>	<i>Aspectos desfavoráveis à afetividade nas relações</i>
<ul style="list-style-type: none"> • A forma com que os membros percebem que afetam positivamente a vida do estudante foi relatada pela comunidade como o principal motivo para o sentido do próprio trabalho e para continuar na Instituição apesar das dificuldades enfrentadas. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Diferenças de tratamento em decorrência do cargo que os técnicos ocupam na Instituição ▪ Naturalização das diferenças de tratamento percebidas por meio de pequenos gestos no cotidiano de trabalho ▪ Extensão do Campus Brasília que dificulta as pessoas se conhecerem na complexidade do seu trabalho. ▪ Escassez de servidores ▪ Sobrecarga de trabalho ▪ Cultura social e organizacional que privilegia determinados cargos

Fonte: Autora-2021

Reconhecendo a necessidade de enfrentamento dos desafios apresentados pela comunidade estudada, compete considerarmos o impacto dos pequenos gestos cotidianos para o desenvolvimento dos estudantes, conforme Freire (1996) nos fala. A este respeito, o autor lamenta que o que há de informal na vivência escolar, tanto de formação, quanto de deformação, seja esquecido em prol de uma formação prioritariamente conteudista.

Essa reflexão vai ao encontro de muitas das experiências relatadas na pesquisa e que se deram nesses espaços socializantes da escola ressaltados por Freire. Nesse cenário, a dimensão afetiva ganha especial destaque, assim como a

nossa condição humana. Conscientes disso, pensar em formas de intervir nessa realidade, atuando no cotidiano escolar, nos espaços informais de convivência, por meio de pequenos gestos (FREIRE, 1996), pelo exercício da compreensão humana (MORIN, 2011), procurando deixar uma marca emocional positiva nos estudantes (VIGOTSKI, 2010) tornam-se vias importantes de serem exploradas.

4.1 Resultado da aplicação do e-book como produto educacional para trabalhar a afetividade no contexto educacional

Partindo da análise das narrativas dos pesquisados, foi construído como produto educacional um e-book, intitulado: “A afetividade como lente de humanização do trabalho no contexto educacional”. A opção por esse formato para o instrumento educacional levou em consideração a sua perenidade e flexibilidade que se mostraram características importantes, por parte dos próprios pesquisados, para melhor atender a realidade da comunidade em questão. Além disso, este material buscou responder ao último objetivo desta pesquisa que foi propor alternativas para o desenvolvimento de práticas mais afetivas na Educação Profissional e Tecnológica.

Para ilustrar, na tabela 5 são apresentadas algumas das principais narrativas dos participantes (que se repetiram em pelo menos mais de um discurso) pensando na proposição de ações para trabalhar a questão da afetividade no Instituto (que corresponde ao último objetivo específico desta pesquisa) incluindo a avaliação dos seus membros a respeito das atividades que já são desenvolvidas no IFB e dos principais obstáculos citados à participação dos seus membros.

Tabela 5 – Principais relatos que subsidiaram a escolha e construção do produto educacional

<p>Objetivo específico 3:</p> <p>Propor alternativas para o desenvolvimento de práticas mais afetivas na Educação Profissional e Tecnológica</p>	<p>Síntese da análise</p>
<p>“A gente já trabalha tanto, fazer uma coisa a mais, acho que tem que ter muito tempo livre. Eu sempre acho que as pessoas que vão são as que menos precisam para tudo, são as que querem se relacionar, se querem trocar, se querem conhecer, as que já tão abertas.” (DOCENTE 2, curso de Eventos)</p> <p>“Acho que os problemas que nós enfrentamos estão relacionados a poucos funcionários, muito trabalho, falta de clareza das atribuições do setor, isso impacta no nosso trabalho, enfim.” (SERVIDORA TÉCNICA 2)</p> <p>“Toda solução e toda alternativa que se pensa, são soluções e alternativas tecnológicas porque o pensamento é capitalista, é a continuidade do trabalho e não a qualidade de vida das pessoas.” (DOCENTE 3, curso de Eventos)</p> <p>“A tecnologia ajuda muito, o e-mail ajuda muito, mas, às vezes, atrapalha também né. Eu acredito que, antes da pandemia, era melhor porque a gente podia se encontrar pelo menos nos conselhos de classe, pelo menos tinha um espaço de escuta.” (SERVIDORA TÉCNICA 3)</p> <p>“não tenho ideia de um procedimento para que isso mude, isso precisa de um estudo para saber o que fazer e de uma disponibilidade das pessoas que eu não vejo.” (DOCENTE 4, curso de Informática e Eventos)</p> <p>“Todo mundo está na defensiva, teria que ter uma pessoa para desarmar todo mundo, começar do zero, ter persistência para ir até o fim. Mas é o que te falei, eu acho que não existe essa pessoa.” (SERVIDORA TÉCNICA 1)</p>	<p><i>Observa-se alguns empecilhos estruturais indicados em boa parte dos discursos dos entrevistados, tais como: sobrecarga de trabalho; escassez de servidores e a própria tecnologia. Além disso, apontam para a necessidade de que pessoas competentes assumam cargos estratégicos a nível de gestão, empenhadas no processo de integração dos seus membros.</i></p> <p><i>Outro dado relevante, que emerge como consequência, é o sentimento de desesperança. Essa sensação acaba por também interferir na disponibilidade das pessoas para participarem de ações que envolvam o coletivo.</i></p>
<p>“Eu vejo que ninguém está estagnado, eles estão tentando manter, mas o pessoal não está participando ativamente. Isso deve ser até bem frustrante para eles, que estão em todo esse movimento de qualidade de vida do servidor.” (DOCENTE 1, curso de Informática)</p> <p>“Ações institucionais eu vejo, muitas ações institucionais, principalmente quando vem da Coordenação da Qualidade de Vida, promove muitas atividades, mas eu não participo eu acho que poucas pessoas participam porque é sempre visto como um trabalho extra.” (DOCENTE 2, curso de Eventos)</p> <p>“Tem muitas ações pequenininhas acontecendo, de forma isolada e eu acho que isso acaba não tendo eficácia. Atende um pouquinho de gente, durante um pouco de tempo.” (SERVIDORA TÉCNICA 1)</p>	<p><i>As avaliações dos membros a respeito das ações que já são desenvolvidas no Instituto indicam que muitas atividades são realizadas, mas são consideradas pontuais e pouco efetivas. Além disso, a participação fica prejudicada diante da sobrecarga de trabalho que tanto docentes, quanto técnicos relataram que estão submetidos.</i></p>

Conforme já exposto, a Tabela 5 apresenta os principais exemplos de discursos que foram selecionados considerando a presença de questões comuns nas falas tanto dos técnicos, quanto dos docentes entrevistados e que se mostraram relevantes para a escolha do formato do produto educacional, assim como para a maneira de apresentar o seu conteúdo. Em síntese, verificou-se que esse instrumento precisaria ser flexível em virtude da sobrecarga de trabalho mencionada pela maioria dos membros pesquisados, além de ser diferente das ações que já eram realizadas no Instituto (a exemplo de oficinas, rodas de conversas) mas que foram avaliadas como pontuais e de pouca adesão, principalmente neste momento de pandemia. A tecnologia também foi apontada como um desafio à comunidade, ainda mais em um contexto de isolamento social. Assim, o formato de e-book surgiu como uma alternativa viável à essas questões, na medida em que é um material flexível, ao mesmo tempo perene e de fácil acesso em termos tecnológicos.

Pensando na linguagem e na apresentação do conteúdo do produto educacional, outro dado que apareceu como importante foi o cansaço das pessoas para trabalhar as relações decorrente da crença de que as coisas não poderiam melhorar, atribuída a experiências de difícil convivência no ambiente de trabalho. Ou seja, seria importante construir um material convidativo, que ajudasse a fomentar a compreensão humana entre seus membros, além de alimentar a esperança e disposição ao diálogo, nos termos em que Freire (1967) defende, como um ato de amor e de respeito ao outro, indispensável para qualquer trabalho educativo.

Caminhando nessa perspectiva, o e-book foi construído de forma dialogada, utilizando como exemplos concretos as experiências trazidas pelos próprios membros da Instituição na etapa de investigação da pesquisa. A partir dessas vivências, foi feita a sua costura com as contribuições teóricas dos autores aqui referenciados, além de alguns artistas, como músicos e poetas. A escolha por esta configuração teve por objetivo envolver o leitor e aproximá-lo da temática tratada a partir dos seus afetos. Dessa forma, esperou-se proporcionar um processo reflexivo e inspirar ideias capazes de mobilizar ações e atacar a desesperança tão presente, de alguma forma, em todas as falas dos pesquisados.

A fim de validar esse processo de construção junto à comunidade estudada, foram convidados a participar da etapa de aplicação do produto educacional (que ocorreu durante o mês de setembro de 2021) todos os oito participantes que contribuíram com a pesquisa na sua fase de investigação (totalizando quatro docentes

e quatro servidores técnicos). Destes, seis retornaram avaliando o material (sendo dois docentes e quatro servidores técnicos).

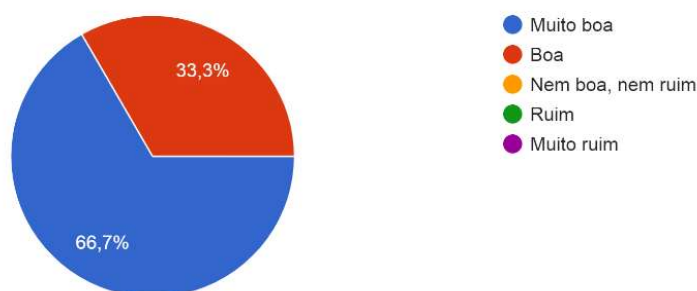
Para a avaliação do produto educacional foi criado um formulário na plataforma Formulários Googles Forms e utilizada a escala Likert como método de aferição, composta de quatro perguntas de múltipla escolha com graus progressivos de concordância e discordância, além de uma questão aberta destinada a sugestões, críticas e observações.

A primeira questão buscou avaliar o grau de qualidade do conteúdo para o entendimento da afetividade no contexto educacional, conforme figura 1:

Figura 1 – Avaliação da qualidade do conteúdo do produto educacional para a compreensão da afetividade

Como você avalia a qualidade do conteúdo para o entendimento da afetividade no contexto educacional?

6 respostas



Fonte: Autora-2021, figura gerada automaticamente pelo Formulários Googles Forms.

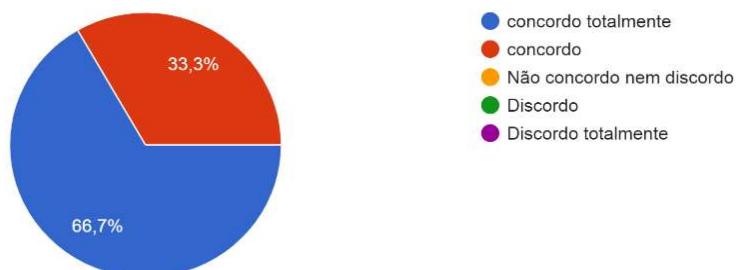
Como resultado, 66,7% dos respondentes consideraram a qualidade do conteúdo muito boa. Sendo que, dentro destes respondentes, 75% são servidores técnicos e 25% são docentes. O restante dos participantes, ou seja, 33% avaliaram como boa a qualidade do conteúdo neste quesito. Sendo que deste total, 50 % são servidores técnicos e 50% são docentes.

A segunda questão teve como objetivo avaliar se a linguagem utilizada no material permitiu compreender claramente como a afetividade atua no cotidiano das suas atribuições no trabalho, conforme figura 2:

Figura 2 – Avaliação da linguagem utilizada no produto educacional

A linguagem utilizada permite compreender claramente como a afetividade atua no cotidiano das suas atribuições no trabalho?

6 respostas



Fonte: Autora-2021, figura gerada automaticamente pelo Formulários Googles Forms.

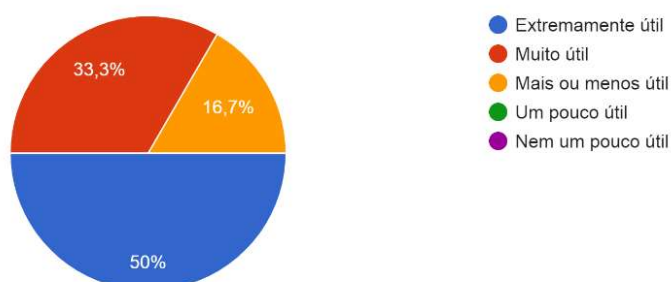
Como resultado, 66,7% dos respondentes concordaram totalmente com a afirmativa. Sendo que, dentro destes, 75% são servidores técnicos e 25% são docentes. O restante dos respondentes, ou seja, 33% concordaram com a afirmação. Sendo que, neste caso, 50% são servidores técnicos e 50% são docentes.

A terceira questão teve como intuito avaliar qual o nível de utilidade do e-book como produto educacional que permite refletir ações que favoreçam a afetividade no exercício do seu trabalho, conforme figura 3:

Figura 3 – Avaliação do nível de utilidade do produto educacional

Na sua avaliação, qual o nível de utilidade do e-book como produto educacional que possibilita refletir para pensar ações que favoreçam a afetividade no exercício do seu trabalho?

6 respostas



Fonte: Autora 2021, figura gerada automaticamente pelo Formulários Googles Forms.

Como resultado, 50% dos respondentes consideraram extremamente útil. Sendo que, dentro destes avaliadores, 100% são servidores técnicos. 33,3% consideraram muito útil, sendo que, dentro deste total, 100% são docentes. O restante

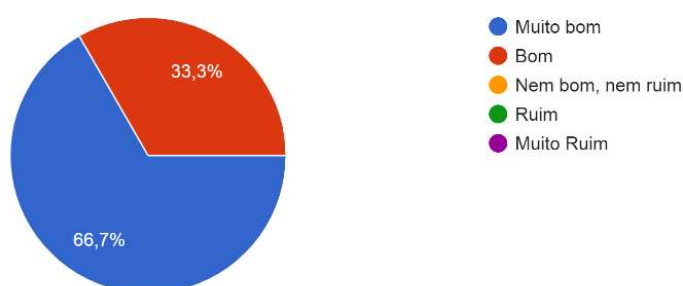
dos respondentes, ou seja, 16.7% avaliaram como mais ou menos útil o e-book, sendo que, dentro destes, 100% são servidores técnicos.

A quarta questão buscou avaliar, de forma geral, os recursos utilizados na apresentação do produto para o envolvimento na leitura (estética, comunicação e conteúdo), conforme figura 4:

Figura 4 – Avaliação geral sobre estética, comunicação e conteúdo do produto educacional

Em geral, qual a sua avaliação sobre os recursos utilizados na apresentação do produto (estética, comunicação e conteúdo) para o envolvimento na leitura?

6 respostas



Fonte: Autora-2021, figura gerada automaticamente pelo Formulários Googles Forms.

Como resultado, 66,7% dos respondentes consideraram os recursos utilizados, muito bons. Sendo que, dentro destes avaliadores, 75% são servidores técnicos e 25% são docentes. O restante dos respondentes, ou seja, 33% avaliaram como bom os recursos utilizados. Sendo que, dentro deste total, 50 % são servidores técnicos e 50% são docentes.

Para finalizar os dados relativos à avaliação do produto educacional, a seguir, na Tabela 06, são apresentadas as contribuições dos participantes referentes a críticas e sugestões para o aperfeiçoamento do instrumento.

Tabela 6 – Críticas, sugestões e apontamentos para a melhoria do produto educacional

Por favor, deixe aqui as suas críticas, sugestões e apontamentos necessários para a melhoria do e-book a fim de buscar atender às necessidades da comunidade pesquisada (6 respostas dos pesquisados)

“Achei bem interessante o produto educacional, algo que não é comum na minha área (exatas). A narrativa mais humanizada realmente ficou muito boa e os questionamentos e reflexões ao final de cada seção podem ajudar inclusive em dinâmicas de grupo entre os servidores. A minha sugestão é quanto à acessibilidade, principalmente das cores. Algumas cores escolhidas têm baixo contraste e pode dificultar a leitura (verde musgo e salmão, salmão e branco). A minha dica é usar uma ferramenta para verificar o contraste entre as cores do fundo e do texto. Há diversas disponíveis, gosto bastante dessa: <https://whocanuse.com/> Parabéns pelo trabalho!”

“Para mim foi uma leitura muito produtiva e que me tocou muito, especialmente porque vi meu olhar ali descrito no texto. Falar sobre maternidade no trabalho ainda é um tabu, especialmente porque tira o lugar da mulher de onde ela é esperada para estar. Muito grata por me ouvir e por ser canal desta pesquisa tão importante para o meio acadêmico e profissional. Te desejo vida, longa vida e muitos frutos no seu caminho!”

“Acho que no campus Brasília, a única coisa que me move no dia a dia é a vontade de fazer algo para melhorar a vida dos estudantes. Fora isso, eu não acredito na possibilidade de algum dia sermos um grupo de servidores colaborativos, respeitosos e dispostos a melhorar o ambiente de trabalho”.

“Texto claro, limpo e objetivo. Estilo agradável e sem rebuscamentos que inibam o conteúdo. Diagramação regular e ilustrações que casam e dão vida ao texto. Fonte e corpo adequados. Conteúdo simples que oculta a pesquisa de autores e referências substantiva ao trabalho, este produto acadêmico que parece (e é) literário”.

“Tenho apenas elogios ao produto apresentado, a linguagem nos convida a um diálogo que nos chega de maneira leve e nos leva à reflexão. Traz apontamentos sobre questões essenciais para o contexto educativo, fundamentando-se em teóricos expressivos e costurando o conteúdo elaborado com a arte, que tanto nos remete a memórias afetivas. Acredito que o trabalho conseguiu explorar muito bem o contexto de atuação profissional dos atores institucionais, nos revelando as percepções compartilhadas de maneira respeitosa e acolhedora”.

“Parabéns pelo material produzido. Fiquei entusiasmada com a leitura fluida, de fácil entendimento e com um conteúdo muito rico e significativo para o “fazer” educação. Além da sensibilidade trazida pela arte presente a todo o momento. Todas as reflexões e apontamentos sobre a afetividade no ambiente escolar são pontos fundamentais para os educadores que estão no chão da escola. Avalio que o material está adequado para que seja possível uma formação ou um despertar da comunidade do Campus Brasília para a temática. Temos muito o que conversar sobre o assunto, principalmente em um campus com uma quantidade de professores bacharéis que nunca tiveram contato com as ideias e teorias tão fundamentais para a docência (como as apresentadas no seu e-book). A estética do material está super agradável as ilustrações estão didáticas. Agradeço a oportunidade de participar da sua pesquisa! Desejo boa sorte nos próximos passos!”

Fonte: Autora-2021, informações coletadas via Formulário Googles Forms

Conforme pode ser observado, como sugestões de aperfeiçoamento, uma participante propôs melhorar o contraste entre as cores do e-book (que estavam verde musgo e salmão, salmão e branco) e outro participante avaliou como regular a diagramação. Considerando essas duas observações, foi feita a alteração das cores do texto, para preto e azul, utilizando como ferramenta para essa escolha o mesmo instrumento de avaliação de contraste proposto pela participante. Algumas margens relativas à diagramação também foram ajustadas. Com exceção destes apontamentos, a maioria dos participantes, incluindo os que fizeram essas ponderações, utilizaram esse campo majoritariamente para elogiar a forma como o material foi construído, principalmente em relação à linguagem, conteúdo e recursos. Dito isto, de forma geral, o produto foi bem avaliado pela comunidade pesquisada e tido como um material muito útil para o desenvolvimento de práticas mais afetivas na Educação Profissional e Tecnológica, respondendo ao último objetivo específico desta pesquisa.

Independente dessa avaliação positiva, cabe evidenciar a fala de uma das

participantes, Servidora técnica 1, que utilizou esse espaço não para fazer críticas e sugestões ao produto educacional, mas como um meio de destacar a sua percepção sobre a realidade vivida no ambiente de trabalho (reforçada também, anteriormente, na etapa de investigação da pesquisa) ao relatar que:

“Acho que no campus Brasília, a única coisa que me move no dia a dia é a vontade de fazer algo para melhorar a vida dos estudantes. Fora isso, eu não acredito na possibilidade de algum dia sermos um grupo de servidores colaborativos, respeitosos e dispostos a melhorar o ambiente de trabalho”.
(SERVIDORA TÉCNICA 1).

Analisando esta narrativa, é possível verificar o sentimento de desesperança presente no descrédito observado ao relatar que não enxerga possibilidades de melhoria nas relações entre os membros do Instituto. Ao mesmo tempo, chama a atenção que o sentido do seu trabalho aparece atrelado à possibilidade de poder ajudar a melhorar a vida dos estudantes. Ou seja, a forma como ela percebe que afeta positivamente a vida do outro, no caso aqui, a vida dos alunos, é o que tem dado sentido a sua prática.

Fazendo a ponte com a base teórica adotada para este estudo, observa-se, novamente, que a dimensão afetiva aparece como determinante nas duas situações: em um primeiro momento determinando de forma positiva o sentido do seu trabalho, e, no segundo momento, aparece relevando a existência de dificuldades ligadas a relações humanas no contexto educacional, igualmente decisivas para a qualidade da condução do trabalho educativo.

Nesse sentido, assim como já tratado neste estudo à luz de Morin (2011), estudar sobre a nossa condição humana nos espaços educativos, buscando antes entender as causas da incompreensão, é cada vez mais urgente e permite caminhar na direção da humanização do trabalho educativo e da construção de um ambiente mais favorável às relações humanas e à formação do educando como um todo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É fundamental interpretar os dados apresentados considerando o contexto de pandemia no qual o estudo foi desenvolvido, o que pode ter contribuído, inclusive agravado, o sentimento de desesperança observado na maioria das falas dos membros institucionais pesquisados, assim como, ter sido decisivo para a não participação voluntária dos estudantes convidados a contribuir com a pesquisa.

Além disso, ao mesmo tempo que a necessidade de isolamento social dificultou a aplicação deste estudo, igualmente favoreceu e evidenciou a relevância da sua temática. O universo dos sentimentos e afetos passaram a receber um olhar mais atento por parte da sociedade e do mundo como um todo. As pessoas foram, de alguma forma, induzidas a pensar a respeito da importância do coletivo, das relações humanas, do contato entre as pessoas e dos seus próprios sentimentos.

Essa percepção social pode ser corroborada e identificada também neste estudo, quando metade dos participantes alegaram que sentiam falta, no Campus Brasília, do sentimento de comunidade que já tinham experimentado em outros espaços onde trabalharam, principalmente, em outros campi do próprio Instituto. A interferência das ações individuais, que nunca são individuais quando podem prejudicar o bem-estar comum, apareceram mencionadas desta forma.

O desconhecimento sobre o fazer do outro e sobre o outro, também deram margem a interpretações e expectativas que dificultavam as relações e a afetividade positivamente. Em contrapartida, a escuta direcionada aos estudantes apareceu como elemento favorável à afetividade nas atividades desempenhadas pelos servidores técnicos e igualmente reconhecida por parte do corpo docente, como ação essencial desenvolvida por esse segmento de trabalhadores, mas não como uma ação mais ampla e sistematizada voltada a todos os membros.

Embora na fala dos entrevistados os aspectos estruturais, tais como: dimensão do Campus, escassez de servidores, cultura organizacional, sobrecarga de trabalho, tenham surgido percebidos como dando causa a parte considerável dos problemas vividos em termos de relações humanas entre seus membros, foram os seus sentimentos, decorrentes da forma como se afetam pelo modo do outro agir, que culminaram como determinantes para os sofrimentos relatados como vividos no ambiente de trabalho, assim como, para a construção do sentido da sua prática profissional.

Dessa forma, resta confirmada a hipótese de pesquisa de que a afetividade é

importante e interfere na qualidade das relações estabelecidas entre os atores institucionais (docentes, discentes e servidores técnicos).

Em relação ao problema de pesquisa – como a atuação dos servidores técnicos no EMI no IFB favorece ou pode favorecer o aumento da afetividade no contexto educacional? - observou-se que a escuta aos estudantes é o principal meio utilizado pelos servidores técnicos que favorece a afetividade no contexto educacional, principalmente como requisito para pensar as ações desenvolvidas no setor e as possibilidades de auxiliar os estudantes a permanecerem na Instituição.

Como possibilidades de favorecer mais a afetividade no contexto educacional - tanto por parte dos servidores técnicos, quanto dos docentes – escutar e conhecer a complexidade do trabalho desenvolvido pelos demais membros, assim como aprofundar no exercício da compreensão humana, buscando antes entender as causas da incompreensão (MORIN, 2011), sem esquecer da importância dos pequenos gestos e dos espaços socializantes da escola (FREIRE, 1996), com vistas a deixar uma marca emocional positiva nos estudantes no exercício do trabalho educativo (VIGOTSKI, 2010), tornam-se algumas das possibilidades indicadas que podem ser melhor exploradas e inseridas como parte dos programas da Instituição.

Pensando nisso e no poder do amor como elemento essencial para a qualidade das relações humanas e, conseqüentemente, para o trabalho educativo, cumpre destacar o pensamento de Vigotski, quando diz que: “O amor pode vir a ser um talento tanto quanto a genialidade, quanto à descoberta do cálculo diferencial. Em ambos os casos o comportamento humano assume formas exclusivas e grandiosas” (VIGOTSKI, 2010, p.146).

Com esse anseio, fica como apontamento importante desta pesquisa (reforçando as contribuições de Morin, Freire e Vigotski abordadas) o desejo de que esse sentimento, assim como tudo o que envolve a nossa condição humana, seja objeto de estudo e de aprendizado, como parte essencial dos programas de qualquer instituição educativa.

Além disso, como indicativo relevante para pesquisas futuras, avaliou-se a necessidade de ampliar o foco de estudo para além das atividades desenvolvidas pelos servidores técnicos, incluindo as percepções dos estudantes e a experiência de outros profissionais da educação (docentes e servidores técnicos) atuantes nos demais Campi do Instituto. Esse apontamento parte dos relatos feitos pelos próprios participantes da pesquisa (que já tinham trabalhado em outros Campi) e mencionaram

como um diferencial positivo da realidade vivida nesses espaços, a sensação de pertencer a uma comunidade colaborativa, o que tornava o trabalho educativo mais prazeroso e possível de ser realizado.

REFERÊNCIAS

- FERRARI, Marlinda Gomes. **Tipo assim... Ser aluno adolescente no IFES campus Colatina: sentimentos e impressões**. 2013. 120 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2013.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- INSTITUTO FEDERAL DE BRASÍLIA. **Plano de curso**. Curso técnico em eventos integrado ao ensino médio, 2019a. Disponível em: <<https://www.ifb.edu.br/attachments/article/22990/PPC%20eventos.pdf>>. Acesso em: 22 mar.2020.
- INSTITUTO FEDERAL DE BRASÍLIA. **Plano de curso**. Técnico em informática integrado ao ensino médio, 2014. Disponível em: <<https://www.ifb.edu.br/attachments/article/6397/Plano%20de%20Curso%20do%20Ensino%20M%C3%A9dio%20Integrado-Informatica-Readqua.pdf>>. Acesso em: 30 jan.2020.
- INSTITUTO FEDERAL DE BRASÍLIA. **PDI**. Plano de Desenvolvimento Institucional 2019/2023, 2019b. Disponível em: <[https://www.ifb.edu.br/attachments/article/19574/PDI_2019_2023_do_IFB_Versao_6_6_Final%20\(1\).pdf](https://www.ifb.edu.br/attachments/article/19574/PDI_2019_2023_do_IFB_Versao_6_6_Final%20(1).pdf)>. Acesso em: 15 nov. 2019.
- MACHADO, Lucília Regina de Souza. **Trabalho e formação docente na educação profissional e tecnológica**. I Seminário de alinhamento conceitual do programa de pós-graduação da educação profissional e tecnológica. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=R3BuhEai874>>. Acesso em: 23 de outubro 2019.
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2011.
- MORIN, Edgar. Seguimos como sonâmbulos e estamos indo rumo ao desastre, diz Edgar Morin. [Entrevista concedida a]: Úrsula Passos. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, outubro, 2019. Disponível em: <<https://www.fronteiras.com/entrevistas/seguimos-como-sonambuloso-e-estamos-indo-rumo-ao-desastre-diz-edgar-morin>>. Acesso em: 30 nov. 2019.
- MORIN, Edgar. Edgar Morin: é preciso educar os educadores. [Entrevista concedida a]: Andrea Rangel. **O Globo**, janeiro, 2017. Disponível em: <<https://www.fronteiras.com/entrevistas/entrevista-edgar-morin-e-preciso-educar-os-educadores>>. Acesso em: 30 nov. 2019.
- PARODI BE, Tauane Carolina *et al.* Análises textuais: A importância da escolha metodológica para o sucesso de uma pesquisa qualitativa. In: BRANCHER, Vantoir Roberto *et al.* (Orgs.). **Metodologia(s) da pesquisa em educação profissional e tecnológica: Dilemas e provocações contemporâneas**. Paraná: Brazil Publishing, 2019. cap. 8, p. 138-159. ISBN 978-65-5016-046-3.
- VENTURA, Magda Maria. O estudo de caso como modalidade de pesquisa. **Pedagogia Médica**, Rio de Janeiro, p. 383-386, 25 set. 2007.

VIGOTSKI. L.S. **Psicologia pedagógica**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010a.

APÊNDICE A – PRODUTO EDUCACIONAL

Trata-se de um e-book, intitulado: “A afetividade como lente de humanização do trabalho no contexto educacional”. A opção por esse formato para o instrumento educacional levou em consideração a sua perenidade e flexibilidade que se mostraram características importantes, por parte dos próprios pesquisados, para melhor atender a realidade da comunidade em questão. Além disso, este material buscou responder ao último objetivo desta pesquisa que foi propor alternativas para o desenvolvimento de práticas mais afetivas na Educação Profissional e Tecnológica.

A partir dos principais relatos da comunidade pesquisada, foi feita a sua costura com as contribuições teóricas dos principais autores adotados neste estudo: Paulo Freire, Vigotski e Edgar Morin, além de alguns artistas, como músicos e poetas. A escolha por esta configuração teve por objetivo envolver o leitor e aproximá-lo da temática tratada a partir dos seus afetos.

A fim de validar esse processo de construção junto à comunidade estudada, foram convidados a participar da etapa de aplicação do produto educacional (que ocorreu durante o mês de setembro de 2021) todos os oito participantes que contribuíram com a pesquisa na sua fase de investigação (totalizando quatro docentes e quatro servidores técnicos). Destes, seis retornaram avaliando o material (sendo dois docentes e quatro servidores técnicos).

Para a avaliação do produto educacional foi criado um formulário na plataforma Formulários Googles Forms e utilizada a escala Likert como método de aferição, composta de quatro perguntas de múltipla escolha com graus progressivos de concordância e discordância, além de uma questão aberta destinada a sugestões, críticas e observações.

Tendo em vista que este produto educacional foi validado positivamente pela comunidade pesquisada, utilizando como exemplos concretos as experiências trazidas pelos próprios membros da Instituição na etapa de investigação da pesquisa, além de apresentar as características de flexibilidade de tempo e de espaço apontadas como importantes pelos seus membros, torna-se um material relevante de ser aplicado na Educação Profissional e Tecnológica, na medida em que também trata de uma temática pouco explorada nessa modalidade de ensino.

O produto a seguir encontra-se disponível na Plataforma da EDUCAPES, por meio do seguinte link de acesso: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/644361>.



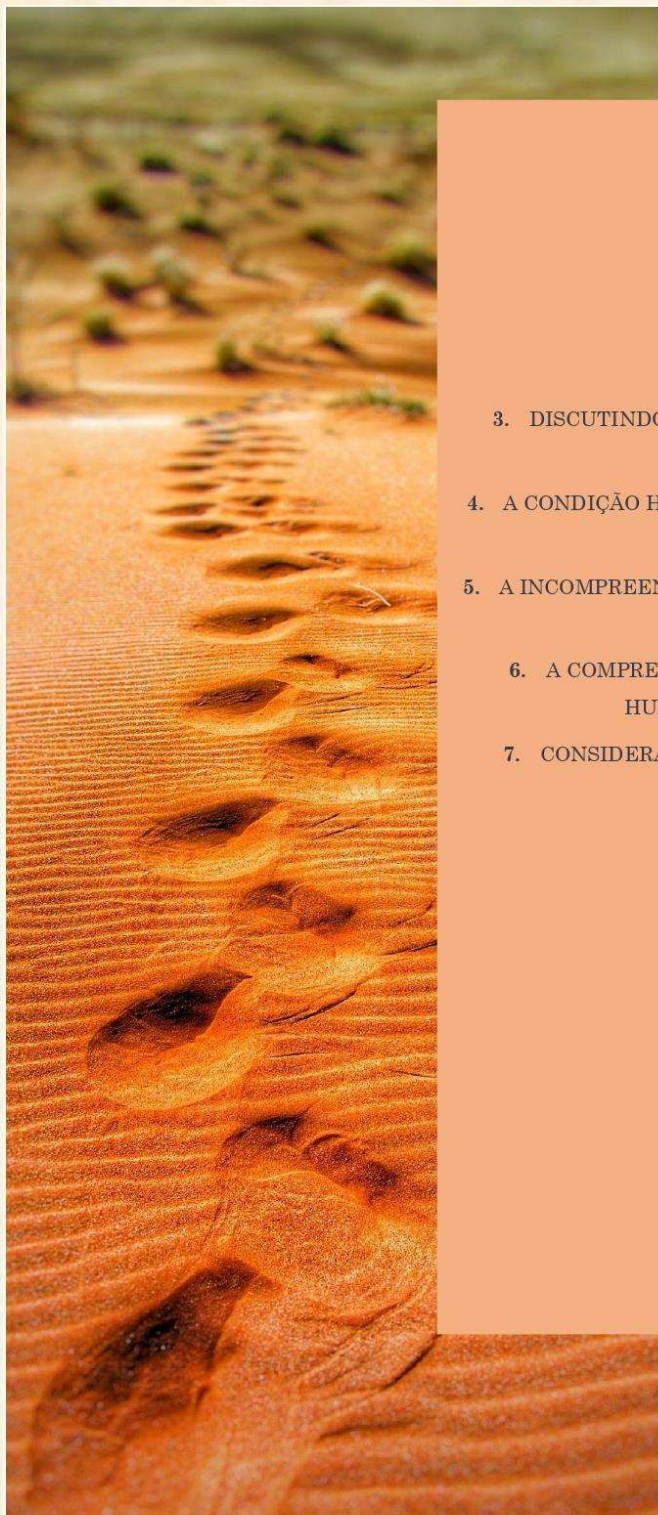
A afetividade como lente de humanização do trabalho no contexto educacional

Inspirações, Reflexões e Ações

Autora: Madelon Araújo Nascimento

Orientador: Prof. Dr. Marcos Ramon Gomes Ferreira

2021



Sumário

1. PREFÁCIO 3
2. INTRODUÇÃO 5
3. DISCUTINDO O TEMA AFETIVIDADE NO CONTEXTO EDUCACIONAL 6
4. A CONDIÇÃO HUMANA COMO BASE DE ESTUDO PARA O TRABALHO 9
5. A INCOMPREENSÃO HUMANA COMO POSSIBILIDADE DE ENTENDIMENTO 11
6. A COMPREENSÃO HUMANA COMO CAMINHO DE HUMANIZAÇÃO DO TRABALHO 14
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS: A ESPERANÇA AÇÃO 20
8. REFERÊNCIAS 22
9. FICHA TÉCNICA 23

1. PREFÁCIO



Sinal Fechado

*Olá, como vai?
Eu vou indo e você, tudo bem?
Tudo bem, eu vou indo correndo
Pegar meu lugar no futuro, e você?
Tudo bem, eu vou indo em busca
De um sono tranquilo, quem sabe
Quanto tempo, pois é
Quanto tempo?*

*Me perdoe a pressa
É a alma dos nossos negócios
Oh! Não tem de quê
Eu também só ando a cem
Quando é que você telefona?*

*Precisamos nos ver por aí
Pra semana, prometo talvez nos vejamos
Quem sabe?
Quanto tempo?
Pois é, quanto tempo?*

*Tanta coisa que eu tinha a dizer
Mas eu sumi na poeira das ruas
Eu também tenho algo a dizer
Mas me foge a lembrança*

*Por favor, telefone, eu preciso
Beber alguma coisa, rapidamente
Pra semana*

*O sinal
Eu procuro você
Vai abrir, vai abrir
Prometo, não esqueço
Por favor, não esqueça, não esqueça, não esqueça
Adeus*

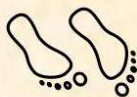
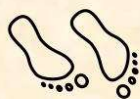
(Composição de Paulinho da Viola)

Olá, meu nome é Madelon Araújo e gostaria de iniciar essa caminhada convidando você para refletir sobre o que a composição de Paulinho da Viola nos desperta.

E você? Como vai? Ou nem tem conseguido parar para pensar sobre isso? Em uma sociedade da pressa, sei que pode parecer um tanto audacioso pedir uma pausa. Mesmo assim, peço licença para te propor esse convite atrevido. O meu intuito é que essa pausa seja prazerosa, inspiradora, mobilizadora de afetos e de ações, capaz de trazer um pouco de esperança para um cotidiano educacional que pode estar estafado de realidades desanimadoras. Não tenho aqui a pretensão de trazer soluções milagrosas, ou indicar uma receita que possa ser eficazmente aplicada, mas sim de dialogar com você. Acredito que muitas das respostas possam ser afloradas por meio dessa troca, por meio das reflexões que espero suscitar ao longo deste livro.

Mas essas reflexões não foram construídas sozinhas e nem poderiam ser feitas dessa forma. Contaram, como fonte basilar de inspiração, com a participação de docentes e servidores técnicos do Instituto Federal de Brasília, Campus Brasília (local onde desenvolvi a minha pesquisa, o nome dos participantes não são divulgados em respeito ao sigilo dos seus dados). Além destes, tomei a liberdade de chamar para essa nossa conversa alguns autores com os quais achei importante dialogar: Paulo Freire, Edgar Morin e Vigotski somam-se a nós neste percurso. A ideia é que eles possam nos oferecer um olhar ampliado sobre o lugar da afetividade no contexto educacional, na medida em que nos instigam a ressignificar conceitos e possibilidades de atuação que são importantes como fonte de inspiração, reflexão e ação. Também pretendo incluir nesse debate alguns artistas, como músicos e poetas que, no decorrer do livro, vão nos iluminar com a sua arte. Afinal, a arte é sempre uma boa companhia, ainda mais nesses tempos de pandemia, não é mesmo? Podemos iniciar nossa caminhada dialogada? Será um prazer poder dar esses passos junto com você!

Madelon Araújo



2. INTRODUÇÃO

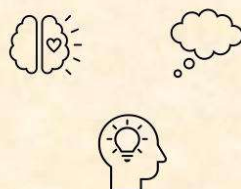
Este e-book corresponde ao produto educacional decorrente da pesquisa intitulada: **A afetividade no contexto educacional: a atuação dos servidores técnicos na construção da afetividade no Ensino Médio Integrado (EMI) no Instituto Federal de Brasília (IFB)**. Esta pesquisa faz parte do Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) do Instituto Federal de Brasília, Campus Brasília, sob orientação do Prof. Dr. Marcos Ramon Gomes Ferreira.

A partir dos dados levantados por meio do referido estudo, foi construído este e-book que tem por objetivo principal propor alternativas para o desenvolvimento de práticas mais afetivas na educação profissional e tecnológica. Para tanto, foram ouvidos docentes e servidores técnicos do Instituto Federal de Brasília, Campus Brasília. Os estudantes também foram convidados a participar da pesquisa, por meio da aplicação de questionários, porém, não tivemos nenhum retorno. Este fato foi utilizado como importante indicador na análise dos dados e para a construção deste e-book, principalmente considerando o impacto que a pandemia teve na rotina de vida da população, na motivação e na disponibilidade de tempo, ainda mais para participar voluntariamente de uma pesquisa desenvolvida em um contexto de muitas perdas de vidas, isolamento social e acúmulo de obrigações inseridas como parte do cotidiano da casa das pessoas.

Além dessas ponderações, cabe igualmente esclarecer que a escolha por este formato para o produto educacional, deu-se pela necessidade de flexibilidade identificada como característica importante para melhor atender a realidade dos participantes da pesquisa que - em sua maioria - relataram dificuldade em participar de outras atividades que não fizessem parte das suas atribuições diárias. A sobrecarga de trabalho somada à necessidade de cumprimento de tarefas a curto prazo foram os principais fatores apontados como empecilhos a essa participação.

Nesse sentido, a ideia é que este material possa proporcionar momentos de inspiração, reflexão e ação, respeitando o tempo e espaço daqueles que constroem a instituição educativa. Não é atributo deste produto ser um manual de como agir ou se portar, mas sim um instrumento dialogado que possa estimular ideias, respeitando a leitura de mundo de cada leitor e a forma como possa significar as reflexões aqui apresentadas.

Dito isto, convido você a participar desta caminhada dialogada que espero que seja prazerosa, afetiva, reflexiva e propositiva em alguma medida.



3. DISCUTINDO O TEMA AFETIVIDADE NO CONTEXTO EDUCACIONAL



Toda experiência de aprendizagem se inicia com uma experiência afetiva. É a fome que põe em funcionamento o aparelho pensador. Fome é afeto. O pensamento nasce do afeto, nasce da fome. Não confundir afeto com beijinhos e carinhos. Afeto, do latim "affetare", quer dizer "ir atrás". É o movimento da alma na busca do objeto de sua fome. É o Eros platônico, a fome que faz a alma voar em busca do fruto sonhado. (ALVES, 2002).

O educador Rubem Alves traz uma perspectiva interessante sobre o papel dos afetos, ao fazer uma analogia da afetividade com a fome. Aprofundando nas suas entrelinhas, podemos imaginar que a fome gera movimento para a saciedade, é a busca pelo alimento, por tudo aquilo que nos preencha e atenda as nossas necessidades básicas, uma força ação para qualquer ponto de partida. Apoiada nessa concepção, você imagina um cenário em que seria possível neutralizar a influência daquilo que nos afeta? Enquanto profissional que trabalha em um contexto educacional (seja como docente, seja como servidor técnico) você consegue mensurar a dimensão do impacto daquilo que te motiva para a qualidade do seu serviço e para a vida daqueles com quem e para quem trabalha?

Pois bem, lamento imaginar que a velocidade com que o seu trabalho possa ter precisado acontecer tenha dificultado a você pensar sobre como se sente e sobre a importância dos seus sentimentos para a condução de uma instituição educativa, visto que essa instituição é feita essencialmente por pessoas, são as pessoas que lhe dão vida. Nesse sentido, gostaria de chamar a sua atenção para a relevância atribuída à afetividade por Rubem Alves, quando diz que toda a experiência de aprendizagem se inicia com uma experiência afetiva. Isso igualmente se estende ao exercício do seu

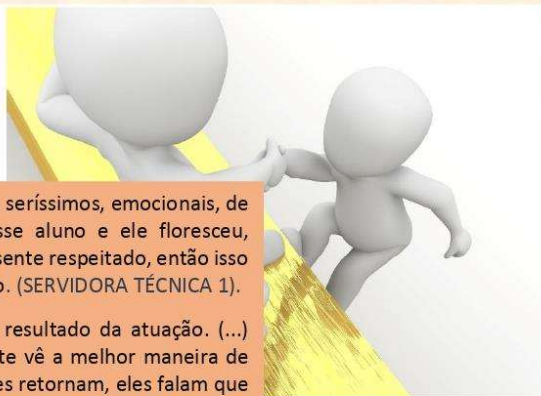
trabalho. Cumpre pontuar aqui que todos aqueles que estão dentro de uma instituição educativa contribuem para o processo de aprendizagem dos seus membros.

Lanço mão dessas considerações na tentativa de trazer para o centro desse debate a sua dimensão humana, os seus sentimentos, os seus anseios como parte estruturante e edificante do sentido de uma instituição educativa. O meu desejo nesse momento é de que você sinta e abrace as suas experiências afetivas como medida essencial para o exercício do seu trabalho.

Caminhando nesse intento e atribuindo sentido semelhante ao de Rubem Alves, Vigotski diz que: “[...] todo conhecimento deve ser antecedido de uma sensação de sede. O momento de emoção e do interesse deve necessariamente servir de ponto de partida a qualquer trabalho educativo” (VIGOTSKI, 2010, p.145). Como pode ser observado, Vigotski remete à ideia de “sede” para revelar a importância das emoções para o trabalho educativo, enquanto Rubem Alves remete à “fome”. Ambos os autores fazem associações a necessidades fundamentais à sobrevivência humana a fim de revelar o peso que aspectos ligados à afetividade assumem para a base de qualquer trabalho educativo.

Morin (2011), por sua vez, refere-se ao mundo da afetividade como o dos sentimentos, da curiosidade, da paixão que são os propulsores da pesquisa filosófica ou científica. Essa visão também estabelece uma conexão da afetividade como combustível imprescindível para ação humana, em especial quando inserida no campo da educação.

Após fomentar essas reflexões, vale a pena pensar: o que move você no exercício do seu trabalho? O que tem dado sentido a sua prática? Para exemplificar, trago algumas das respostas que surgiram a esses questionamentos na minha pesquisa, tanto por docentes, quanto por servidores técnicos:



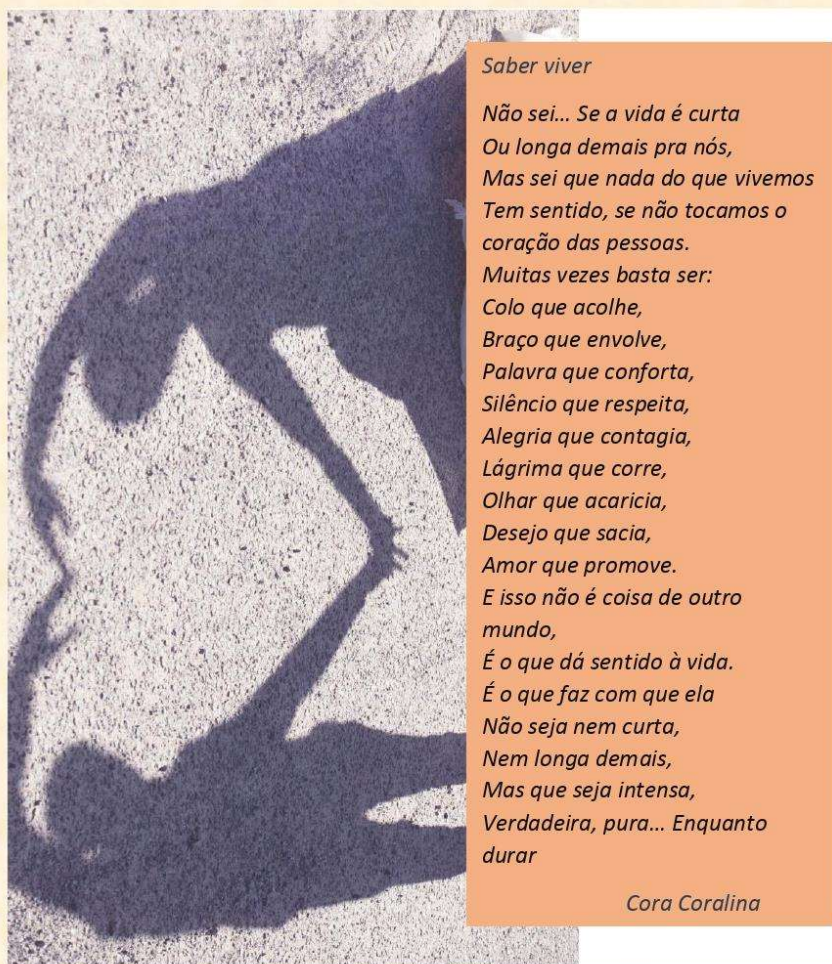
Muitos alunos que chegam com problemas seríssimos, emocionais, de autoestima e a gente olha hoje para esse aluno e ele floresceu, entendeu que tem um lugar no mundo, se sente respeitado, então isso daí para mim é o essencial do meu trabalho. (SERVIDORA TÉCNICA 1).

Com os alunos eu posso e consigo ver o resultado da atuação. (...) Então, eles trazem uma demanda e a gente vê a melhor maneira de resolver. Geralmente a gente consegue, eles retornam, eles falam que está dando certo. Tem muita gente pensando em desistir e continua. (SERVIDORA TÉCNICA 4).

O ensino médio é diferente de criança e é muito diferente de adulto. Sempre gostei muito, acho que muito porque eu vejo que a gente consegue mudar a vida deles. Então, tu tens uma influência no ensino médio e acho que professor tem uma responsabilidade muito grande. (DOCENTE 1, curso de Informática).

É interessante verificar, em todos esses discursos, que o sentido do trabalho está em como cada um percebe que atinge e melhora a condição do outro. Dessa forma, a experiência afetiva como “fome”, como “sede”, como sentido para a condução da própria prática, aparece bem traduzida nesses depoimentos. Esses exemplos também reforçam a importância de se trabalhar a dimensão afetiva na educação como elo que permite ao sujeito iluminar de propósito o seu trabalho. Por se tratar de um contexto educativo, o estudante assume o papel de protagonista dos esforços direcionados pelos demais membros, sendo ele o que melhor reflete a importância e o impacto das ações.

Na tentativa de ilustrar com um pouco de poesia as falas referenciadas, peço licença para chamar Cora Coralina, que retrata por meio dos seus versos o sentido que a vida assume para ela, que também se revela na medida em que se pode fazer a diferença na vida das pessoas:



Outra discussão necessária em torno da temática afetividade envolvida no contexto educativo foi citada no trecho destacado de Rubem Alves, quando ele diz que: “não confundir afeto com beijinhos e carinhos”. Essa afirmação te gera estranheza? É comum que essa seja uma associação naturalmente feita quando se pensa em aspectos ligados à afetividade, inclusive existe o receio de ser afetivo ligado a essa concepção, principalmente no âmbito da instituição escolar; sem falar da percepção de que a afetividade retira a seriedade com que o processo educativo precisa ser conduzido.

Na intenção de ajudar a desconstruir esses conceitos, cabe chamarmos Paulo Freire para dialogar conosco. Segundo Freire (1996) é incompreensível a educação determinada por uma razão fria que suprime a dimensão dos sentimentos, das emoções, na medida em que é uma prática tipicamente humana. Paulo Freire também questiona a falsa separação radical da seriedade docente e afetividade. Peço aqui permissão para estendermos esse debate para além do trabalho docente, incluindo todos aqueles que fazem a instituição acontecer. Sob essa ótica, Freire igualmente alerta para o compromisso ético do docente (vamos incluir aqui todos que trabalham na instituição educativa), que deve(m) estar vigilante(s) para que questões ligadas à afetividade não atuem de forma a preterir, ou mesmo privilegiar alguns estudantes, conforme as suas inclinações e identificações pessoais.

Inspirada por essa defesa relativa à impossibilidade de retirar o universo dos sentimentos do campo da educação (já que é uma prática tipicamente humana) proponho darmos o próximo passo dessa caminhada debatendo sobre a nossa condição humana.

4. A CONDIÇÃO HUMANA COMO BASE DE ESTUDO PARA O TRABALHO



Sentimentos iguais

*Imaginando as ruas das cidades,
Cruzando nas esquinas suas multidões
De tão diversas nacionalidades,
Com diferentes medos, crenças e ambições.
É tão simples ver nessa imensidão:
Não existe um rosto igual a outro, não.*

*Mas nas sensações de princípio e fim,
No amor e em outros sentimentos, parecemos, sim.
Nós somos mais iguais do que parecemos ser,
Em Nova Iorque ou na caatinga do sertão.
No fundo todos querem nesse mundo ter
Justiça, paz, trabalho, amor e pão*

Composição - Sadao Watanabe, Toquinho

A canção de Toquinho nos convida a pensar sobre as nossas diferenças e semelhanças, enquanto seres humanos diversos que somos. Dando especial destaque para o universo dos sentimentos, Toquinho identifica o quanto podemos ser parecidos quando se trata da dimensão afetiva, apesar de todas as diferenças que nos constroem como seres singulares. Essa canção traz à tona uma reflexão importante que conversa com a teoria de Edgar Morin sobre a complexidade envolvida na nossa condição humana. Segundo Morin (2011) a complexidade humana reside na convivência de condições supostamente opostas, dentre as quais encontra-se a racionalidade e a afetividade. Essas dimensões constituem o ser humano em igualdade de importância, sem anular a existência uma da outra, dada a dialética característica dessa relação. Além disso, o ser humano reflete, ao mesmo tempo, o universo do qual faz parte, bem como as suas características únicas, mas que também são reflexo do todo.

A partir dessa concepção, o ser humano pode apresentar e conviver com sentimentos antagônicos e características contraditórias, mas sem se reduzir a nenhuma delas ou anulá-las entre si. Assim, uma pessoa pode ser alegre e triste, compreensivo e intolerante e não se limitar ou se definir com base nos sentimentos que por hora apresenta. Em síntese, o pensamento complexo parte da percepção de que "compreender o humano é compreender a sua unidade na diversidade, sua diversidade na unidade. É preciso conceber a unidade do múltiplo, a multiplicidade do uno" (MORIN, 2011, p. 50).

Além do exposto, o autor defende a importância de estudar sobre a nossa condição humana nos espaços educativos e ressalta que esse estudo normalmente é negligenciado nas escolas. Arrisco afirmar que esse estudo também não é explorado na formação das pessoas para o exercício do seu trabalho (independente da sua natureza), mesmo o trato com o outro sendo parte das relações humanas, sejam elas trabalhistas ou não. Então, será que decorre dessa realidade a dificuldade no convívio, tantas vezes relatadas pelos profissionais da educação, no que tange às relações entre os membros institucionais?

Reforçando ainda mais a relevância do estudo sobre a nossa condição humana, Edgar Morin também sinaliza como necessário ensinar a compreensão humana e a lidar com as incertezas no contexto educacional. Aproveito a oportunidade para perguntar: você se lembra de ter estudado sobre isso na sua vida escolar? E quantas vezes você precisou dominar essas questões no exercício do seu trabalho, principalmente pensando nos estudantes, que são o foco da instituição educativa? Ainda mais no Ensino Médio Integrado no qual as situações de vulnerabilidade socioeconômica dos alunos e outras dificuldades de ordem social e pessoal ganham corpo. Frente à essas questões, acho pertinente sublinhar as considerações Edgar Morin, quando diz que:



Não inserimos no programa temas que podem ajudar os jovens, sobretudo quando virarem adultos, a enfrentar os problemas da vida. Distribuímos o conhecimento, mas não dizemos que ele pode ser uma forma de traduzir a realidade e que podemos cair no erro e na ilusão. Não ensinamos a compreensão do outro, que é fundamental nos nossos dias, não ensinamos a incerteza, o que é o ser humano, como se nossa identidade humana não fosse de nenhum interesse. As coisas mais importantes a saber não se ensinam. (MORIN, 2019).

Nesse momento você deve estar se perguntando, mas como exercitar a compreensão humana e saber lidar com as incertezas no contexto educacional?

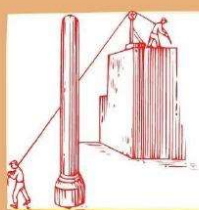
Antes de partir para essa discussão, gostaria de elencar alguns dos principais obstáculos que identifiquei na minha pesquisa à compreensão humana, no âmbito do Instituto Federal de Brasília, Campus Brasília, e que igualmente apontam para a necessidade de aprender a lidar com as incertezas. Escolho iniciar por esse caminho, atendendo a sugestão do próprio Morin (2011) que diz que para ensinar a compreensão humana é primeiro necessário entender o que acarreta a incompreensão.

5. A INCOMPREENSÃO HUMANA COMO POSSIBILIDADE DE ENTENDIMENTO

Conforme relatado, apresento a seguir uma breve sistematização das principais causas da incompreensão humana que apareceram como fonte de dados na minha pesquisa. Por meio dessa exemplificação, busco trazer mais concretude para o nosso debate. Claro que essas questões não revelam todas as causas, nem explicam todos os problemas, mas evidenciam gargalos importantes para viabilização da compreensão humana nesse espaço de estudo específico.

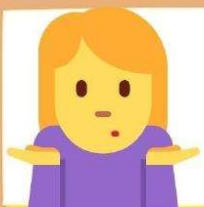
Causas da Incompreensão

Dados obtidos na Pesquisa: "A afetividade no contexto educacional: a atuação dos servidores técnicos na construção da afetividade no Ensino Médio Integrado (EMI) no Instituto Federal de Brasília (IFB)."



Peso dos fatores estruturais

1. Escassez de servidores
2. Sobrecarga de trabalho
3. Dimensão do Campus
4. Cultura social e organizacional que privilegia as relações de poder



Desconhecimento a respeito do trabalho do outro e sobre o outro

A pesquisa apontou que os referidos fatores estruturais dificultam a integração humana, contribuindo para que os membros institucionais não se conheçam e, conseqüentemente, ignorem a complexidade do trabalho daqueles que não são tão próximos a eles na Instituição.



Expectativa criada além do que o outro consiga ou possa atender

O desconhecimento sobre o outro e sobre a natureza do seu trabalho geram uma expectativa distorcida e centrada nas próprias percepções de como cada indivíduo avalia que o seu colega deve agir no exercício das suas atribuições.



Sensação de desvalorização ou falta de reconhecimento

Diante da frustração percebida ao não conseguir atender as expectativas dos seus colegas de trabalho, apesar dos esforços realizados para cumprir as suas tarefas e atribuições diárias, assim como, de não enxergar um cenário possível que atenda às próprias expectativas avaliadas como essenciais para o melhor andamento das suas ações, o trabalhador passa a ter a sensação de não ser devidamente reconhecido como parte importante para a Instituição.



Desmotivação para o exercício do trabalho e para se conectar com as pessoas

A sensação de falta de reconhecimento sobre a importância do seu trabalho para a Instituição contribui para que os trabalhadores concluam que não importa o que façam, os seus colegas de trabalho não estariam dispostos a colaborar para melhorar as relações. Imbuídos dessa impressão, perdem a motivação para o exercício do seu trabalho, favorecendo a incompreensão humana entre os seus membros.

No intuito de fazer a ponte dos dados apresentados com a teoria de Edgar Morin, gostaria de complementar essa análise citando os principais obstáculos à compreensão humana sinalizados por esse autor, dentre os quais estão a indiferença, o egocentrismo, o sociocentrismo, que têm como traço comum situar-se no centro do mundo e desconsiderar tudo o que é estranho, distante ou que diverge. Conforme pode ser observado na ilustração, o distanciamento entre as pessoas (seja ele de ordem física ou pela própria natureza da função que ocupa na Instituição) reverbera na dificuldade delas se conhecerem, ocasionando como desdobramento a indiferença que reforça um comportamento que tem como única referência as próprias concepções e expectativas, abrindo margem a suposições que acirram ainda mais o afastamento entre os seus membros institucionais (docentes, servidores técnicos e estudantes). Nessa conjuntura, não é justo, nem benéfico, buscar culpados, mas sim tentar compreender a dinâmica envolvida no trabalho e que pode alimentar a incompreensão nesse espaço.

Cumpre ainda acrescentar como levantamento importante dessa pesquisa, o sofrimento psíquico citado por alguns dos profissionais da educação entrevistados (docentes e servidores técnicos) atrelado à sensação de impotência que caminha na contramão dos anseios desses profissionais que demonstraram consciência e preocupação no que tange ao impacto do seu trabalho para a vida dos estudantes, em especial os do Ensino Médio Integrado. Outro ponto que chamou a atenção foi a presença nos discursos de boa parte dos membros entrevistados (especialmente dos servidores técnicos) de se verem impelidos a fazer somente o que dá, mesmo isso não sendo o seu desejo. Essa alternativa foi mencionada como adotada no intuito de evitar o aumento do sofrimento que já vinham experimentando em outras ocasiões avaliadas como frustradas no ambiente de trabalho.

É natural que essa situação implique no comprometimento da abertura dos indivíduos para o exercício da compreensão humana, principalmente quando procuram sufocar os seus sentimentos como medida de se poupar de maiores sofrimentos. Essa circunstância favorece o isolamento das pessoas e acende o sinal de alerta sobre os riscos de se tentar neutralizar os afetos: "o enfraquecimento da capacidade de reagir emocionalmente, pode mesmo estar na raiz de comportamentos irracionais" (MORIN, 2011, p. 20).

À luz dessas considerações, observa-se que mesmo que a maioria das pessoas estejam imbuídas de propósito, sejam comprometidas com seus ideais, apresentem boas intenções e se preocupem com o impacto das suas ações na vida dos estudantes, tudo isso resta comprometido, quando a dimensão afetiva passa a ser negligenciada no contexto educacional. É necessário lembrar que uma instituição educativa é composta por seres humanos e a nossa condição humana deve ser assunto do mais profundo interesse, como já bem defendido por Edgar Morin. Do contrário, a leitura que passa a ser feita pelos membros institucionais é de que ninguém se importa, quando na verdade as pessoas podem estar isoladas, sentindo-se sozinhas nas suas angústias, cada qual no seu quadrado, perdendo a valiosa oportunidade do encontro, de verdadeiramente se

conhecerem para se perceberem como potenciais parceiros profissionais que pensam e almejam o bem o comum, semelhantes nos seus sentimentos e aspirações.

E como agir nesse cenário? Caso você se sinta incompreendido e se identifique com o exposto, deixo aqui algumas questões para pensar e quem sabe alimentar sua mente e coração de esperanças: você já imaginou quantos iguais a você podem estar isolados e silenciados em outros setores, em outros espaços do local onde você trabalha? Será que aqueles que você entende como indiferentes podem também se sentirem sozinhos e se importarem com os estudantes, mesmo que a forma deles te pareça previamente estranha e incoerente? Apesar de saber que muitas ações dependem da disponibilidade do outro para ocorrerem, você já não conseguiu viabilizar a compreensão humana no exercício do seu trabalho? O que tem permanecido guiando você nas suas atribuições, também tem permitido auxiliar o desenvolvimento das pessoas ao seu redor?

É notória que a sensação de indiferença experimentada por muitos profissionais faz com que educadores comprometidos (entendendo como educadores, não só os docentes, mas todos aqueles que contribuem para o processo educativo) percam a esperança tão necessária como força motriz da educação, como a “sede” nas palavras de Vigotski e a “fome” nas palavras de Rubem Alves.

Ciente disso, o meu compromisso aqui é trazer reflexões que possam apontar em outras direções, acenar com possibilidades e ressignificar conceitos, incluindo a sua leitura sobre a importância do seu trabalho para o processo de humanização da Instituição. Esclarecidas essas questões, por favor, peço que internalize o que fizer sentido para a sua prática. A sua experiência deve ser sempre a base que alicerça o seu percurso de construção.

Em síntese, buscou-se neste tópico, por meio da referida pesquisa, fornecer elementos mais concretos para elucidar as principais causas da incompreensão em um contexto educativo específico como exemplo. Feito isto, convido você para darmos o próximo passo na direção do exercício da compreensão humana. Vamos em frente?

6. A COMPREENSÃO HUMANA COMO CAMINHO DE HUMANIZAÇÃO DO TRABALHO

Diante do conhecimento das principais causas elencadas que geram a incompreensão entre os membros institucionais no contexto exemplificado, é possível observar como cerne do problema o desconhecimento entre as pessoas que normalmente vem acompanhado de suposições que oferecem uma visão distorcida ou limitada da realidade. Nesse sentido, um elemento afetivo importante que emerge como possibilidade de solução seria a escuta e a viabilização de espaços que possibilitassem aos seus membros se conhecerem mais profundamente. No entanto, nem sempre é possível ou suficiente criar esses espaços. Como no caso desta pesquisa, na qual os entrevistados relataram que (apesar da oferta) a participação em atividades que favoreçam a troca entre os membros restava prejudicada em virtude de aspectos estruturais, como a sobrecarga de trabalho, incluindo a própria dimensão do Campus.

Imaginando alternativas para viabilizar essa participação, uma das entrevistadas acenou como opção a inserção de atividades desta natureza como parte da própria dinâmica de trabalho, pois assim criaria condições para que os seus membros se comprometessem com o seu planejamento e execução. Essa pode mesmo ser uma via, o importante é que faça sentido para aqueles que pretendem torná-la uma prática e que nasça de um desejo coletivo de realização.

Diante dessas informações, é possível ratificar que a construção de caminhos que levem à compreensão humana precisa partir de uma análise aprofundada de cada realidade no que tange às principais causas que levam à incompreensão nesse espaço. Atendido esse critério - como preconizado por Edgar Morin com vistas à educação do futuro – torna-se viável avançar para o próximo passo, no qual o desenvolvimento de aspectos ligados à afetividade oportuniza a compreensão humana.

Na intenção de auxiliar essa construção no âmbito da instituição escolar, Morin (2011) também faz uma ressalva importante quanto ao fato da compreensão humana não ser garantida por meio da comunicação ou da explicação, sendo imprescindível uma abertura e disposição ao entendimento do outro, além de um conhecimento de sujeito a sujeito. Para tanto, aponta alguns cuidados que devem ser adotados em prol do exercício da compreensão humana, como não julgar antecipadamente, não reduzir o ser humano ao seu erro e não esperar reciprocidade de entendimento.



Imbuídos dessa consciência, como seres humanos, não podemos ignorar que cada indivíduo carrega consigo uma diversidade de influências que o fazem agir e ser de determinada maneira. O outro precisa ser visto considerando o universo que habita, que envolve condições biológicas, estruturais, culturais, históricas. Fragmentar o humano é retirar da sua condição, o que de complexo lhe constitui. O julgamento precipitado e a culpabilização individual são algumas das consequências do desconhecimento e simplificação do outro.

Para ilustrar o quanto é complexa a nossa condição humana e necessária a sua compreensão, gostaria de relatar um aspecto frisado por uma das servidoras técnicas entrevistada na pesquisa. No seu discurso, ela ressaltou a sua experiência pessoal com a maternidade e a dificuldade que passou a vivenciar para conseguir conciliar os cuidados que a sua filha exigia e precisava, com os afazeres do seu trabalho, principalmente no período de pandemia. Naquele momento, ela me questionou se eu falaria de maternidade e afetividade e achei pertinente trazer como exemplo, mesmo que brevemente, essa questão levantada, principalmente considerando a representatividade dessa temática que é a realidade de muitas trabalhadoras e estudantes no contexto educacional. Escolhi fazer isso, pois ela me chamou para esse lugar da compreensão humana, não do entendimento e cumprimento do que se sabe sobre normativos e direitos legais que versam sobre o assunto, mas dessa compreensão de sujeito a sujeito que Morin nos fala. No caso em questão, acabava igualmente por envolver a complexidade da nossa condição humana como mulheres. Ela também me perguntou se eu tinha filhos. Na oportunidade, consegui entender que a servidora precisava saber se o meu lugar de fala poderia se conectar com o dela. Coincidentemente, eu estava gestante e devo assumir que (talvez também pela minha própria condição) seu questionamento tenha me afetado de uma forma única e particular. Informação essa que contribui para o nosso debate, na medida em que reforça a importância da afetividade ao revelar que, na prática, não é possível neutralizar o impacto daquilo que nos afeta, mesmo quando estamos fazendo ciência.

Dessa forma, recebi esses questionamentos como um privilégio para abastecer de experiência afetiva a minha pesquisa. Eu pude presenciar, no decorrer da própria entrevista realizada à distância (sem que para isso a servidora necessitasse chamar a minha atenção de fato) o esforço que ela precisou despender para concluir a nossa conversa (que foi interrompida inúmeras vezes por causa dos cuidados exigidos com a sua filha, mesmo contando, naquele dia em específico, com o auxílio de sua mãe). Eu estava tendo acesso aos bastidores da sua vida, ao seu papel de mãe e de mulher trabalhadora que se mostravam bastante conflitantes, como se não pudessem coexistir no mesmo espaço e na mesma pessoa. Foi possível observar algumas dimensões da complexidade envolvida na sua condição humana, somada aos cuidados também complexos da condição humana da sua filha.

No intuito de melhor traduzir a realidade que a servidora me apresentou, destaco a seguir a sua fala na íntegra para que possamos refletir a respeito de formas de como exercitar a compreensão humana no ambiente de trabalho, ainda mais inserida no contexto da Educação Profissional e Tecnológica, no qual o trabalho é tido princípio educativo, cuja dimensão afetiva se insere como parte indispensável para a promoção de uma formação humana e integral.

Eu não sei se a sua pesquisa fala sobre maternidade e afetividade, mas as servidoras que são mães estão passando um grande desafio nesse home office. Acho que influencia muito, na questão não só do home office, mas presencialmente, **a nossa cabeça nunca mais fica só no trabalho. [...] de uma forma geral, as pessoas não entendem. Eu costumo falar assim, só quem é mãe entende.** Quem olha de fora acha que é fácil você cuidar do filho, como se fosse um trabalho. Não, na verdade um trabalho, como se fosse uma fase qualquer e explicar isso para as pessoas é muito difícil. Trabalhar e acumular essa função de cuidar da minha filha e do trabalho tem sido muito desafiador, justamente porque sou só eu. (SERVIDORA TÉCNICA 3, Grifo nosso).



É importante observar na sua fala a sensação de incompreensão sentida ao perceber na visão do outro a simplificação da maternidade como um trabalho ou uma fase, sem considerar a intensidade e o nível de dedicação envolvidos na sua função de mãe. Na tentativa de atribuir o real peso que a maternidade tem assumido na sua vida, ela esclarece que a sua cabeça nunca mais fica totalmente no trabalho, além de estar sozinha nos cuidados com a sua filha. Nessa perspectiva, para compreendê-la, torna-se necessário uma abertura real ao que ela nos traz como questão que impacta nas suas atividades profissionais, principalmente se a nossa realidade difere da dela. Isso não quer dizer que é crucial fechar os olhos para os compromissos profissionais que têm prazos para serem cumpridos (como, porventura, possa ser aqui interpretado) mas sim, considerar a realidade por ela apontada, sem desmerecer a relevância que ela imprime; o que perpassa pela forma de tratamento direcionada a ela (seja no olhar, na entonação de voz, na forma como os comentários são realizados) que denotem solidariedade e respeito com a particularidade da sua situação vivida. Assim, no momento de exercitar a escuta é fundamental ter atenção para não julgar a fim de minimizar concepções que possam inviabilizar a real compreensão do outro.

Entendendo a importância da adoção desse caminho, compete chamarmos novamente Paulo Freire para dialogar conosco. Freire (1967) fala justamente do diálogo como ato de amor, por isso um ato de coragem, de compromisso com o outro, com quem a educação não pode se furtar. Nesse sentido, proponho abraçarmos a definição de diálogo estabelecida pelo autor:



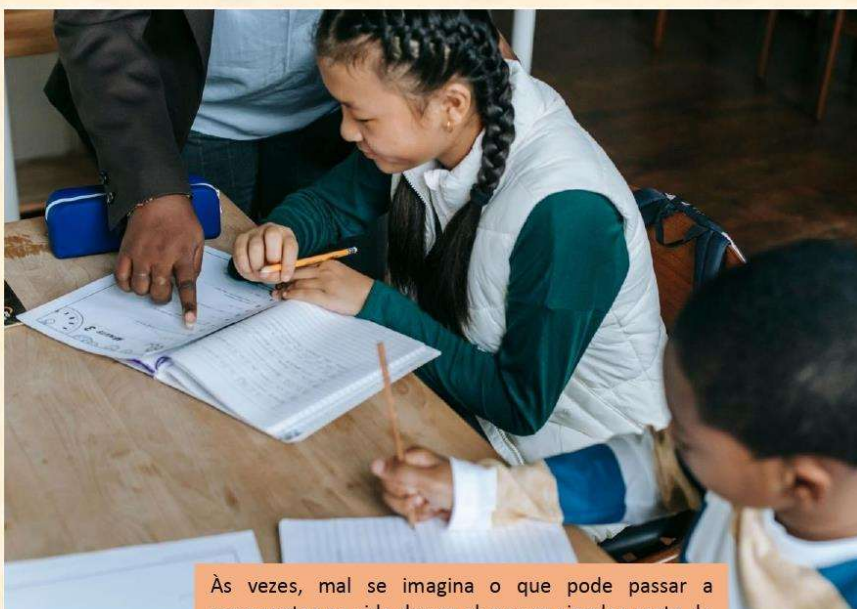
O que é o diálogo? É uma relação horizontal de A com B. [...] Nutre-se do amor, da humildade, da esperança, da fé, da confiança. Por isso, só o diálogo comunica. E quando os dois pólos do diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé um no outro, se fazem críticos na busca de algo. Instala-se, então, uma relação de simpatia entre ambos. Só aí há comunicação. (FREIRE, 1967, p. 107).

Tenho clareza de que não é simples colocar essa postura em ação, pois exige não só consciência, mas intencionalidade e vigilância constantes dos nossos atos, palavras e gestos. Mesmo sendo assim (um processo que demanda tempo e atenção para se tornar um hábito) é fundamental darmos os primeiros passos rumo à compreensão humana, na medida em que é um componente afetivo central para a construção de uma postura ética e cidadã, na qual os indivíduos se percebam em comunhão.

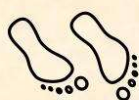
Além disso, é importante destacar que para dialogar - no sentido em que Freire (1967) nos alerta - não implica em concordar com o outro, ou renunciar às nossas convicções, mas sim (exatamente por entender o diálogo como um ato de amor e de respeito) compreender e reconhecer o direito que o outro tem de escolher um caminho

diferente, de também se julgar correto nas suas opções, sem tentar impor a própria forma de pensamento, apenas dialogando sobre ela.

Para concluir este tópico, insisto em reforçar que este e-book não tem a pretensão de ditar normas para serem aplicadas, mas sim gerar um processo reflexivo que possibilite inspirar ideias e ações respeitando a sua leitura de mundo e a realidade em que você trabalha. Lembrando que todo trabalho educativo que se propõe a pensar o ser humano na sua integralidade precisa se comprometer com o que há de humano em cada um e em si mesmo. Nessa direção, sugiro nos pautarmos na relevância dos pequenos gestos como uma alternativa sempre possível à construção de um trabalho favorável às relações humanas, mesmo que a grande estrutura não possa ser necessariamente modificada a contento.



Às vezes, mal se imagina o que pode passar a representar na vida de um aluno um simples gesto do professor. Um gesto aparentemente insignificante pode valer como força formadora ou como contribuição à do educando por si mesmo. (FREIRE, 1996, p.19).



7. CONSIDERAÇÕES FINAIS: A ESPERANÇA AÇÃO

Apesar de todos os empecilhos que possam existir para o andamento da sua prática enquanto profissional que atua no contexto educacional, sejam estes de ordem relacional ou estrutural, nada retira a importância do seu fazer e do impacto das suas ações para a vida daqueles com quem e para quem você trabalha. Essa importância deve ser investida de um processo de reflexão sobre a própria prática que precisa sempre levar em consideração a condição humana que nos envolve e que também é inerente ao outro.

Por esse viés, nenhum ser humano se reduz aos seus erros ou a características que supostamente o impeçam de fazer diferente. A nossa condição humana nos permite ser e agir de diversas formas, independente dos rótulos que possam nos ser atribuídos com o intuito de limitá-la. Além disso, lembre-se que mesmo que você considere insuficiente a sua possibilidade de modificar determinada realidade, pequenos gestos podem acarretar impactos de longo alcance. Uma pessoa que é contagiada é capaz de contagiar outras, com uma força viral que, sendo bem canalizada e planejada, gera efeitos importantes, ainda mais em um contexto educativo.

Quero dizer que a afetividade assume papel determinante para a construção de sentido, como elemento guia capaz de tocar pessoas e, conseqüentemente, movimentar mudanças. Sendo assim, essa dimensão deve receber constante atenção, pois é condição para humanização das ações no trabalho e dos seres humanos que, reconhecendo-se como tais, buscam se unir em prol do bem-estar comum.

Compreendo que, às vezes, quereremos abraçar e resolver todas as causas que nos chegam no espaço do trabalho. Isso pode até parecer louvável, mas também é injusto com os limites que a sua atuação provavelmente impõe e a sua condição humana também. No entanto, não conseguir solucionar tudo o que deseja, não te rouba as suas forças de ação, nem reduz a importância do seu trabalho. Assimilando isso, a educação passa a ser, sobretudo, um exercício de respeito, de respeito a si e ao outro nas suas possibilidades de ser e de agir.

Dito isto, sugiro que internalizemos a esperança como Paulo Freire (1996) interpreta, como verbo, como característica essencialmente humana, fruto do seu inacabamento e imprescindível à existência histórica, pois coloca o ser humano em constante movimento de busca para realizações.

Assim, imbuída desse espírito de deixar a esperança como instrumento de ação, proponho finalizarmos fazendo referência à Vigotski e iniciar o nosso dia de trabalho pensando em como deixar uma marca emocional positiva naqueles para quem e com quem trabalhamos, ou, fazendo referência à Paulo Freire, refletir para planejarmos meios dos nossos pequenos gestos atuarem de forma a permitir avanços nas nossas relações humanas e para a vida das pessoas no contexto do nosso trabalho. Lembrando que essas atitudes não devem prescindir do nosso compromisso com a verdade, com as exigências necessárias para que as pessoas consigam lidar com as incertezas e com a condição humana de cada um. E você? Quais outras medidas você imagina que são possíveis de serem adotadas? Seria começar uma reunião perguntando como todos estão? Ou fazendo com que todo espaço de encontro tenha um momento dedicado à

escuta e à partilha como parte essencial do próprio trabalho? Não sei, deixo aqui apenas sementes que possam inspirar você naquilo que te afeta, naquilo que faz sentido, naquilo que você se dispõe a desempenhar porque entende e sente que é possível.

Espero que essa caminhada tenha conseguido abastecer de esperança e de consciência propositiva e afetiva a sua prática. Despeço-me grata pelo tempo dedicado a essa nossa pausa e pelos nossos passos e afetos.

Madelon Araújo



8. REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. A arte de produzir fome. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, outubro, 2002. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse/ult1063u146.shtml>>. Acesso em: 22 jun. 2021.

CORALINA, Cora. **Saber viver**. Disponível em:<<https://poetisarte.com/autores/cora-coralina/saber-viver/>>. Acesso em: 21 jun. 2021

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2011.

MORIN, Edgar. Seguimos como sonâmbulos e estamos indo rumo ao desastre, diz Edgar Morin. [Entrevista concedida a]: Úrsula Passos. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, outubro, 2019. Disponível em: <<https://www.fronteiras.com/entrevistas/seguimos-como-sonambulos-e-estamos-indo-rumo-ao-desastre-diz-edgar-morin> >. Acesso em: 30 nov. 2019.

MORIN, Edgar. Edgar Morin: é preciso educar os educadores. [Entrevista concedida a]: Andrea Rangel. **O Globo**, janeiro, 2017. Disponível em: <<https://www.fronteiras.com/entrevistas/entrevista-edgar-morin-e-preciso-educar-os-educadores>>. Acesso em: 30 nov. 2019.

TOQUINHO. **Sentimentos iguais**. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/toquinho/87375/>>. Acesso em: 22 jun. 2021

VIGOTSKI, L.S. **Psicologia pedagógica**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010a.

VIOLA, Paulinho da. **Sinal fechado**. Disponível em :<<https://www.lettras.mus.br/paulinho-da-viola/48064/>>. Acesso em: 24 jun. 2021.

9. FICHA TÉCNICA

Autora: Madelon Araújo Nascimento

Orientador: Prof. Dr. Marcos Ramon Gomes Ferreira

Diagramação: Madelon Araújo Nascimento

Programa de Pós-Graduação: Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) do Instituto Federal de Brasília – Campus Brasília.

Software: Word e Canva

Foto Capa: Rosy_Photo. Licenciado sob domínio público, via Pixabay. Disponível em: <<https://www.canva.com/media/MAEL2Nqmrll>>. Acesso em: 22 de jun. 2021.

Imagem página 2 – Foto por: shy_sol. Licenciado sob domínio público, via Pexels. Disponível em: <<https://www.canva.com/media/MADGyKqvnKA>>. Acesso em: 28 de jun. 2021.

Imagem página 3 – Foto por: Skitterphoto. Licenciado sob domínio público, via Pixabay. Disponível em: <<https://www.canva.com/media/MADQ46cYpdk>>. Acesso em: 30 de jun. 2021.

Imagem página 6 – Foto por: nadja-golitschek. Licenciado sob domínio público, via Pixabay. Disponível em: <<https://www.canva.com/media/MAELJ9-t2W8>>. Acesso em: 30 de jun. 2021.

Imagem página 7 – Foto por: Peggy_Marco. Licenciado sob domínio público, via Pixabay. Disponível em: <https://www.canva.com/media/MAEGXmp46_E>. Acesso em: 30 de jun. 2021.

Imagem página 8 – Foto por: Rainer_Maiores. Licenciado sob domínio público, via Pixabay. Disponível em: <<https://www.canva.com/media/MADQ5IDJQTo>>. Acesso em: 30 de jun. 2021.

Imagem página 9 – Foto por: anncapictures. Licenciado sob domínio público, via Pixabay. Disponível em: <<https://www.canva.com/media/MADQ5CVNNe8>>. Acesso em: 02 de jul. 2021.

Imagem página 11 – Foto por: GiselaFotografie. Licenciado sob domínio público, via Pixabay. Disponível em: <<https://www.canva.com/media/MADQ4kKPrQ>>. Acesso em: 02 de jul. 2021.

Imagem página 18 – Foto por: RODNAE Productions. Licenciado sob domínio público, via Pexels. Disponível em: <<https://www.canva.com/media/MAEhl8noc84>>. Acesso em: 02 de jul. 2021.

Imagem página 19 – Foto por: Katerina_Holmes. Licenciado sob domínio público, via Pexels. Disponível em: <<https://www.canva.com/media/MAENvzhDVvo>>. Acesso em: 02 de jul. 2021.

Ilustrações páginas 12 e 15 – Ilustrações construídas utilizando figuras da plataforma: https://canva.com/pt_br/. Licenciado sob domínio público.

Figura página 17 – Figura utilizada da plataforma: https://canva.com/pt_br/. Licenciado sob domínio público.

Ícones páginas 4, 5, 19 e 21 – Utilizados ícones da Base de dados da Microsoft Word.

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL

04/11/2021 23:01

Formulário de Avaliação do Produto Educacional - E-book: "A afetividade como lente de humanização do trabalho no contex...

Formulário de Avaliação do Produto Educacional - E-book: "A afetividade como lente de humanização do trabalho no contexto educacional"

Gostaríamos de convidar você a participar da avaliação do produto educacional - E-book - denominado: "A afetividade como lente de humanização do trabalho no contexto educacional", resultante da pesquisa intitulada: "A afetividade no contexto educacional: a atuação dos servidores técnicos na construção da afetividade no Ensino Médio Integrado (EMI) no Instituto Federal de Brasília (IFB)." Este estudo foi realizado pela mestrandia Madelon Araújo Nascimento, sob orientação do Prof. Dr. Marcos Ramon Gomes Ferreira, e, faz parte do Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) do Instituto Federal de Brasília, Campus Brasília.

Na intenção de que o referido produto educacional seja um instrumento representativo e significativo para a comunidade retratada na pesquisa, contamos com a sua imprescindível colaboração, por meio da leitura atenta do e-book, com posterior preenchimento deste formulário avaliativo. Por favor, sinta-se à vontade para expor a sua percepção, críticas e sugestões que serão utilizadas como base para os processos de melhorias que se façam necessários nesta etapa de validação do instrumento de pesquisa.

Desde já agradeço pela contribuição e atenção dedicada.

***Obrigatório**

1. E-mail *

Identificação

É opcional citar o seu nome.

2. Nome completo:

3. Cargo que ocupa na instituição *

Marcar apenas uma oval.

- Docente
- Assistente de aluno
- Assistente Social
- Psicólogo
- Técnico em Assuntos Educacionais
- Outro: _____

4. Qual setor atua na instituição (caso seja servidor técnico) ou curso (caso seja docente)? *

5. Quanto tempo você atua no IFB, campus Brasília? *

Eixo Conceitual

6. Como você avalia a qualidade do conteúdo para o entendimento da afetividade no contexto educacional? *

Marcar apenas uma oval.

- Muito boa
- Boa
- Nem boa, nem ruim
- Ruim
- Muito ruim

7. A linguagem utilizada permite compreender claramente como a afetividade atua no cotidiano das suas atribuições no trabalho? *

Marcar apenas uma oval.

- concordo totalmente
- concordo
- Não concordo nem discordo
- Discordo
- Discordo totalmente

8. Na sua avaliação, qual o nível de utilidade do e-book como produto educacional que possibilita refletir para pensar ações que favoreçam a afetividade no exercício do seu trabalho? *

Marcar apenas uma oval.

- Extremamente útil
- Muito útil
- Mais ou menos útil
- Um pouco útil
- Nem um pouco útil

9. Em geral, qual a sua avaliação sobre os recursos utilizados na apresentação do produto (estética, comunicação e conteúdo) para o envolvimento na leitura? *

Marcar apenas uma oval.

- Muito bom
- Bom
- Nem bom, nem ruim
- Ruim
- Muito Ruim

04/11/2021 23:01 Formulário de Avaliação do Produto Educacional - E-book: "A afetividade como lente de humanização do trabalho no contex...

10. Por favor, deixe aqui as suas críticas, sugestões e apontamentos necessários para o melhoria do e-book a fim de buscar atender as necessidades da comunidade pesquisada. *

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

APÊNDICE C – ROTEIRO PARA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM SERVIDORES TÉCNICOS



PROJETO

A AFETIVIDADE NO CONTEXTO EDUCACIONAL: A ATUAÇÃO DOS SERVIDORES TÉCNICOS NA
CONSTRUÇÃO DA AFETIVIDADE NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO (EMI) NO INSTITUTO
FEDERAL DE BRASÍLIA (IFB)

Nome:

Dados de identificação

Data e local da entrevista:

Função na Instituição:

Tempo na instituição:

Formação acadêmica:

Email:

Questões e tópicos de pesquisa

A entrevista semiestruturada foi organizada tendo por base cada objetivo específico deste estudo, a saber:

Objetivo específico 1: Identificar como a afetividade permeia as estratégias utilizadas pelos servidores técnicos no acolhimento aos estudantes, docentes e demais servidores, no Ensino Médio Integrado (EMI) no Instituto Federal de Brasília (IFB).

1. Como tem sido estabelecida e como é a sua comunicação no trabalho junto aos demais membros da comunidade educacional?
2. Quais ações você realiza no acolhimento à comunidade educacional? Como tem sido desenvolvido esse acolhimento?

Objetivo específico 2: Analisar como as relações servidor/discente/docente contribuem ou não para a afetividade.

3. Comente sobre a sua trajetória na Instituição. Como foi a sua chegada? Como tem sido o seu processo de convivência no trabalho?
4. Descreva como tem sido a sua relação junto à comunidade educacional.
5. Na sua opinião, o que pode interferir na qualidade das relações estabelecidas entre os membros do instituto? Por que?

Objetivo específico 3: Propor alternativas para o desenvolvimento de práticas mais afetivas na Educação Profissional e Tecnológica.

6. O que você sente falta na sua relação junto aos membros da comunidade educacional?
7. Quais ações/attitudes você avalia que seriam importantes de serem realizadas a fim de melhorar as relações entre os membros da comunidade educacional? Porquê?
8. Quais estratégias/ações que você já realizou, presenciou ou participou que na sua avaliação não foram funcionais para trabalhar as relações junto aos membros da comunidade educacional? Por que?
9. Quais estratégias/ações institucionais que você já presenciou ou participou que na sua avaliação favoreceram as relações entre os membros da comunidade educacional? Por que?

Tópicos para serem observados nos discursos dos sujeitos pesquisados:

- Verificar em que medida os aspectos afetivos são apontados como importantes para a melhoria das relações entre os membros da comunidade educacional.
- Analisar qual a concepção de afetividade presente nos discursos dos sujeitos.
- Identificar como a questão da afetividade permeia as ações e relações institucionais.
- Observar em que medida aspectos ligados à afetividade apresentam-se de forma negativa ou positiva nos discursos dos sujeitos.
- Identificar como a questão da afetividade tem impactado nas relações envolvendo a comunidade educacional.

APÊNDICE D – ROTEIRO PARA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM DOCENTES



PROJETO

A AFETIVIDADE NO CONTEXTO EDUCACIONAL: A ATUAÇÃO DOS SERVIDORES TÉCNICOS NA
CONSTRUÇÃO DA AFETIVIDADE NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO (EMI) NO INSTITUTO
FEDERAL DE BRASÍLIA (IFB)

Nome:

Dados de identificação

Data e local da entrevista:

Função na Instituição (qual curso do EMI leciona?):

Tempo na instituição:

Formação acadêmica:

Email:

Questões e tópicos de pesquisa

A entrevista semiestruturada foi organizada tendo por base cada objetivo específico deste estudo, a saber:

Objetivo específico 1: Identificar como a afetividade permeia as estratégias utilizadas pelos servidores técnicos no acolhimento aos estudantes, docentes e demais servidores, no Ensino Médio Integrado (EMI) no Instituto Federal de Brasília (IFB).

1. Como tem sido estabelecida e como é a sua comunicação no trabalho junto aos servidores técnicos?
2. Como você avalia o trabalho desenvolvido pelos servidores técnicos junto aos membros da comunidade educacional? Por que?
3. Na sua opinião, o que pode interferir na qualidade das relações estabelecidas entre docentes e servidores técnicos? Por que?

Objetivo específico 2: Analisar como as relações servidor/discente/docente contribuem ou não para a afetividade.

4. Comente sobre a sua trajetória na Instituição. Como foi a sua chegada? Como tem sido o seu processo de convivência no trabalho?
5. Descreva como tem sido a sua relação junto à comunidade educacional.

6. Na sua opinião, o que pode interferir na qualidade das relações estabelecidas entre os membros do Instituto? Por que?

Objetivo específico 3: Propor alternativas para o desenvolvimento de práticas mais afetivas na Educação Profissional e Tecnológica.

7. O que você sente falta na sua relação junto aos membros da comunidade educacional?
8. Quais ações/atitudes você avalia que seriam importantes de serem realizadas a fim de melhorar as relações entre os membros da comunidade educacional? Por que?
9. Quais estratégias/ações que você já realizou, presenciou ou participou que na sua avaliação não foram funcionais para trabalhar as relações entre os membros da comunidade educacional? Por que?
10. Quais estratégias/ações institucionais que você já presenciou ou participou que na sua avaliação favoreceram as relações entre os membros da comunidade educacional? Por que?

Tópicos para serem observados nos discursos dos sujeitos pesquisados:

- Verificar em que medida os aspectos afetivos são apontados como importantes para a melhoria das relações entre os membros da comunidade educacional.
- Analisar qual a concepção de afetividade presente nos discursos dos sujeitos.
- Identificar como a questão da afetividade permeia as ações e relações institucionais.
- Observar em que medida aspectos ligados à afetividade apresentam-se de forma negativa ou positiva nos discursos dos sujeitos.
- Identificar como a questão da afetividade tem impactado nas relações envolvendo a comunidade educacional.

APÊNDICE E – TRECHOS SELECIONADOS DAS ENTREVISTAS CONFORME OS OBJETIVOS ESPECÍFICOS DA PESQUISA

Objetivo específico da pesquisa	Discursos selecionados de acordo com o objetivo 1 (4 docentes e 4 servidores técnicos entrevistados)	Principais observações
<p>Objetivo 1: Identificar como a afetividade permeia as estratégias utilizadas pelos servidores técnicos no acolhimento aos estudantes, docentes e demais servidores, no EMI no IFB</p>	<p>“No ensino médio, a gente tenta sempre entrar nas salas para dar algum recado e convidá-los, se tiver precisando de algum atendimento da equipe multiprofissional, que eles se sintam à vontade de procurar a nossa sala. O ensino médio a gente dá prioridade para entrar em todas as salas, a gente não entra só no primeiro ano não, a gente está sempre entrando em todos os anos.”</p> <p>“a gente tenta planejar os nossos editais pensando nesse aluno, nesse estudante, que vai precisar da nossa ajuda para ler o edital, preencher o formulário e tudo mais.” (SERVIDORA TÉCNICA 2)</p> <p>“No meu trabalho eu procuro ver muito essa questão da vulnerabilidade que o aluno está passando.”</p> <p>“A minha estratégia é marcar uma entrevista e verificar o que está acontecendo. Muitas vezes é uma dificuldade socioeconômica, eles não têm dinheiro para ir ao Campus. (...) Também alguma questão de alimentação, eles não têm dinheiro para comprar lanche. Aí eu entro com os auxílios (...) (SERVIDORA TÉCNICA 3)</p> <p>“acho que lá a gente considera muito esse trabalho com essa crença de que a escola não é para eles e de que eles não vão ter perspectiva depois dali. Eu acho que o trabalho que eu tento fazer é muito voltado a mudar essa percepção.” (SERVIDORA TÉCNICA 4)</p> <p>“Da mesma forma que eu vejo o equívoco de alguns professores, eu também vejo o equívoco de alguns técnicos porque o aluno adolescente vai requerer muito da presença física dos técnicos que estão mais fortemente relacionados a essa área de ensino. Ele tem que estar ali para o aluno poder vê-lo.” (DOCENTE 4, curso de Informática e Eventos)</p>	<p>➤ <i>Relatada preocupação por parte de todos os técnicos em cumprir com os procedimentos necessários para proporcionar os auxílios e recursos básicos fundamentais para a permanência do estudante na Instituição. Sinalizam o quanto isso afeta a vida dos alunos, em especial do estudante do ensino médio integrado, público dito como prioritário para as ações desenvolvidas pelo setor.</i></p> <p>➤ <i>Em contrapartida, uma docente sinaliza que não sente essa presença física do técnico junto aos alunos adolescentes. Outra docente também aponta na mesma direção, mas atribui a falta de uma maior frequência de convívio dos técnicos com os estudantes à própria natureza do trabalho delas.</i></p>

Objetivo específico da pesquisa	Discursos selecionados de acordo com o objetivo 1 (4 docentes e 4 servidores técnicos entrevistados)	Principais observações
	<p>“Eu vejo muito profissionalismo, não vejo tanto vínculo por uma questão óbvia de falta de convivência, não é falta de afetividade da pessoa, é uma casualidade, acontece de ser assim.” (DOCENTE 2, curso de Eventos)</p> <p>“You ser bem sincera, a nossa demanda de trabalho é tão alta, a gente tem que tocar esses editais que a gente toca, ele demanda tanto da gente, trabalho administrativo intenso, de avaliação de documentação, de arquivo, de tudo, que esse lado do acolhimento acaba que não é sistematizado” (SERVIDORA TÉCNICA 2)</p> <p>“Aqui no Campus só tem uma psicóloga, lotam ela de serviço burocrático. Não é culpa dela porque lotam ela com outras atividades, ela está sempre envolvida avaliando edital, a coitada” (DOCENTE 1, curso de Informática)</p> <p>“Para mim, em muitos casos, ficou um serviço muito burocrático. Quem está na escola, desde o porteiro até quem está limpando os banheiros, sabe que o serviço nunca é burocrático, é sempre um serviço de atendimento ao público nas suas necessidades.” (DOCENTE 4, curso de Informática e Eventos)</p> <p>“Eu sinto que todos são muito disponíveis e são muito profissionais, estão abertos para me ouvir e prestam atenção no que a gente fala. Mas, ao mesmo tempo, eu não sinto a afetividade em relação aos alunos, eu sinto muito profissionalismo” (DOCENTE 2, curso de Eventos)</p>	<ul style="list-style-type: none"> ➤ <i>Sobrecarga de trabalho e excesso de atividades administrativas que dificultam a sistematização e execução de ações voltadas para o acolhimento.</i> ➤ <i>Metade dos docentes entrevistados parece não identificar a afetividade como um elemento presente no exercício do trabalho dos técnicos.</i> ➤ <i>Metade dos docentes identifica no trabalho dos servidores técnicos a burocracia como um dificultador para o exercício da função que deveriam desempenhar e para o estabelecimento de relações mais afetivas. Esse mesmo aspecto é explicitado na fala de uma das servidoras técnicas como um empecilho para a sistematização de ações voltadas para o acolhimento.</i>
	<p>“A gente acolhe, a gente chama o aluno para conversar, a gente encaminha para a psicóloga quando é necessário, encaminha para a assistente social quando é necessário e, às vezes, até mesmo entre a gente a gente resolve, tipo, sei lá, uma cesta básica, um almoço.”</p> <p>“Geralmente quando os alunos nos procuram, nem que seja só para conversar um pouco, a gente está sempre disponível para conversar, para tentar resolver a situação deles, para conversar com os pais se for necessário, então a gente já fez muito isso.” (SERVIDORA TÉCNICA 1)</p>	<ul style="list-style-type: none"> ➤ <i>Disponibilidade de escuta dos servidores para atender os estudantes e os professores, independente da natureza do problema e da sua capacidade de resolução.</i> ➤ <i>A escuta aparece também como elemento afetivo percebido na atuação dos técnicos, por pelo menos metade dos docentes entrevistados.</i>

Objetivo específico da pesquisa	Discursos selecionados de acordo com o objetivo 1 (4 docentes e 4 servidores técnicos entrevistados)	Principais observações
	<p>“No campus Brasília a gente tem um número de estudantes expressivo que tem ataque de pânico, choro dentro da sala de aula, começa a chorar, passar mal, ter crises de ansiedade, aí quem faz mais essa abordagem é a psicóloga. Agora eu acho que toda semana chega um estudante no nosso setor chorando ou triste, ou precisando conversar, aí quem tiver lá recebe, conversa, coloca na sala, tenta acalmar.” (SERVIDORA TÉCNICA 2)</p> <p>“A coordenação pedagógica aqui, ela acaba assumindo esse papel da assistência e quem atende os alunos sob qualquer coisa são os pedagogos. Elas estão sempre sobrecarregadas porque elas não fazem o papel de pedagoga, elas fazem o papel da psicóloga ali, isso eu nunca tinha visto. E elas tem que fazer porque se elas não atenderem o aluno, o aluno vai ficar chorando lá no corredor.” (DOCENTE 1, curso de Informática)</p> <p>“Eu sinto que todos são muito disponíveis e são muito profissionais, estão abertos para me ouvir e prestam atenção no que a gente fala. Mas, ao mesmo tempo, eu não sinto a afetividade em relação aos alunos, eu sinto muito profissionalismo”(DOCENTE 2, curso de Eventos)</p> <p>“Quem faz esse papel de ponte, de estar presente e de acompanhar, é o pessoal da assistência estudantil e o pessoal da assistência pedagógica e mais os pedagogos aqui, que conta com uma equipe muito boa, muito ampla. A relação que eu percebo deles com os alunos é uma relação amorosa de envolvimento.” (DOCENTE 3, curso de Eventos)</p>	
	<p>“Os técnicos lá estão exaustos, estão cansados, eu que entrei agora já estou começando a perder o fôlego. Acho que não vai ter jeito, acho melhor eu ficar aqui fazendo o que me mandam, porque eu vou ficar batendo a cabeça que não vai dar em lugar nenhum, não vai resolver, não vai solucionar.”</p> <p>“Somos todos muito comprometidos, se precisar a gente não mede esforços. Porque está todo mundo com essa sensação de que o dever não está sendo cumprido. Alguma coisa está acontecendo.” (SERVIDORA TÉCNICA 2)</p>	<p>➤ <i>Sensação, por parte de todos os técnicos, de esgotamento e de não estar fazendo o melhor que podem, principalmente devido à sobrecarga de trabalho. Como resultado, relatam que acabam fazendo o que dá, embora não seja o tanto que gostariam ou acham que deveriam.</i></p>

Objetivo específico da pesquisa	Discursos selecionados de acordo com o objetivo 1 (4 docentes e 4 servidores técnicos entrevistados)	Principais observações
	<p>“Hoje em dia, nós estamos simplesmente fazendo o que dá, aí eu já coloquei na minha cabeça que eu não posso sofrer por isso, se eu não posso resolver, eu encaminho para quem tem obrigação de resolver, que está sendo pago para isso.” (SERVIDORA TÉCNICA 1)</p> <p>“A gente quer trazer coisas novas para o trabalho, a gente quer ser melhor para os estudantes, ser melhor para a educação, para o Brasil. Mas, ao mesmo tempo a gente está estressado, a gente está cansado, a gente tem mil problemas também.” (SERVIDORA TÉCNICA 3)</p> <p>“A gente vai se adaptando. Eu não consigo ter a sensação de que eu faço o melhor trabalho que eu poderia, mas também eu vou entendendo que eu faço dentro das minhas possibilidades, dentro do que eu consigo fazer.” (SERVIDORA TÉCNICA 4)</p>	
Objetivo específico da pesquisa	Discursos selecionados de acordo com o objetivo 2 (4 Docentes e 4 servidores técnicos entrevistados)	Principais observações
<p>Objetivo 2: Analisar como as relações servidor, discente, docente contribuem ou não para a afetividade</p>	<p>“O principal dessa história da pandemia é que os docentes ficaram em casa, sem plano de trabalho, não foi obrigado plano de trabalho para docente e o pessoal da coordenação pedagógica tinha que estar vindo para o Instituto todos os dias, no meio da pandemia e eles, até hoje, tem que fazer plano toda a semana. Então, essa distinção de tratamento entre TAE e docente eu sou completamente contra”.</p> <p>“Mas quando a gente se aproxima deles, começa a ouvir histórias. Então, a gente almoçava junto com o pessoal da coordenação pedagógica, e eles contam que tem gente que acha que o TAE é o serviçal, que está ali para servir o professor. Eu falei: caramba! As coisas começaram a entrar na minha cabeça e eu comeci a perceber alguns relacionamentos assim, é raro, raro eu não vou dizer, eu vi poucas vezes, mas eu vi esse desrespeito.” (DOCENTE 1, curso de Informática)</p> <p>“Com relação aos técnicos que vão lá visitar o nosso colegiado, dá para perceber diferença da forma como a gente interage entre a gente e eles, eles vão menos, não tem tanta frequência, eles têm um olhar de fora e a gente tem um olhar de dentro e a gente tenta se comunicar. Então é diferente a relação entre a gente e</p>	<p>➤ <i>A maioria dos entrevistados revelaram ou presenciaram diferenças de tratamento entre servidores e docentes atribuída à condição de ser servidor técnico, sendo um dos principais fatores sinalizados para o distanciamento entre essas duas categorias.</i></p> <p>➤ <i>Pequenos gestos e expressões são revelados nos discursos com um importante poder de afastamento para os membros institucionais, apontando</i></p>

Objetivo específico da pesquisa	Discursos selecionados de acordo com o objetivo 2 (4 Docentes e 4 servidores técnicos entrevistados)	Principais observações
	<p>a relação com a pessoa de fora. A gente passa as questões, eles devolvem as questões, a gente troca e o trabalho é feito.” (DOCENTE 2, curso de Eventos)</p> <p>“Ele só é percebido muitas vezes, aí eu acho irônico, quando falta. A impressora não está funcionando, a internet, aí você lembra que tem um colega de trabalho que faz esse serviço por você ou para você.”</p> <p>“Como eu posso passar dois anos em um lugar e não saber quem é o meu colega? Meu jeito é diferente, mas eu sei que tem muitos colegas que ainda hoje se dirigem de uma forma senhorial com o seu colega de trabalho só porque ele é técnico. É de uma forma tão natural que a pessoa não percebe que está fazendo aquilo.” (DOCENTE 3, curso de Eventos)</p> <p>“Tinha uma coisa, uma fala de que eles estavam servindo ao professor. Não é, o serviço não é para mim professor, o serviço é para o aluno, ainda tem essa fala.” (DOCENTE 4, curso de Informática e Eventos)</p> <p>“Essa visão que o servidor tem que servir o professor. O problema é que a gente pode até servir, mas a gente não está ali só para isso. A gente pode até auxiliar em muitos aspectos do dia a dia escolar que é pesadíssimo, eu sei porque já estive dentro da sala de aula, eu sei como é corrido, eu sei como é exaustivo (...) Mas eu entendo, acho que nenhum técnico ali acha ruim de auxiliar o trabalho pedagógico é a forma como as coisas acontecem.”</p> <p>“Existem dois grupos: os técnicos e os docentes, existe de forma, eu nem sei se é velada. Os docentes acreditam que eles têm um papel mais fundamental na instituição, até nas falas das reuniões gerais, nas assembleias”</p> <p>“Vamos supor, tem uma reunião, no final da reunião tem lembrancinha para os docentes. Entende? Uai, mas a semana pedagógica não é para todos, então por que tem lembrancinhas só para os docentes? Ah... porque técnico não precisa de pincel, não precisa de bloquinho. São coisas sutis, mas que alimentam essa separação” (SERVIDORA TÉCNICA 2)</p> <p>“Quando o ano se inicia, existe a semana pedagógica e tudo mais, geralmente é voltada para a recepção dos professores. Por exemplo, dos técnicos não tem. Já começa daí essas divisões que não criam essa comunicação.” (SERVIDORA TÉCNICA 4)</p> <p>“...é muito difícil trabalhar com os professores do Campus Brasília, infelizmente, não são todos, obviamente, mas eu sinto uma diferença muito grande por eu ser técnica e por eu ser assistente de aluno,</p>	<p>Principais observações para a relevância que questões ligadas à afetividade assumem no contexto educacional.</p>

Objetivo específico da pesquisa	Discursos selecionados de acordo com o objetivo 2 (4 Docentes e 4 servidores técnicos entrevistados)	Principais observações
	<p>principalmente, porque as pessoas não valorizam, não respeitam e assim, não escondem isso. Tem um discurso de igualdade, de fraternidade, mas é só da boca para fora, na prática, no dia a dia, isso não acontece. Muitos colegas são desrespeitosos, muitos colegas chegam até ser pessoas más, eu acho, às vezes.” (SERVIDORA TÉCNICA 1)</p>	
	<p>“Quando eu cheguei lá foi: “Ufa, você chegou, então, toma, toma, toma” porque tinha pouco servidor na CGAE, muito trabalho e sempre está faltando membro da equipe e a gente sempre tendo que dar um jeito, fazer ficar pronto, dá um jeito do trabalho acontecer. Então, quando eu cheguei, já cheguei nessa loucura assim” (SERVIDORA TÉCNICA 2)</p> <p>“Eu acho que quando você me fala de acolhimento, eu imagino isso, que teria uma pessoa para me passar alguma coisa, para me mostrar mais ou menos como era desenvolvido. Então, nesse sentido, eu não tive. Foi assim: aqui é uma sala para você e trabalhe.” (SERVIDORA TÉCNICA 4)</p>	<p>➤ <i>A chegada na Instituição é marcada por sobrecarga de trabalho no discurso dos técnicos.</i></p>
	<p>“Então eu sempre tive um sentimento de perceber o trabalho dos TAEs, até desvalorizado em relações aos outros, porque eles trabalham muito, nesse sentido, mas nunca de tratamento diferenciado e tal.” (DOCENTE 1, curso de Informática)</p> <p>“Eu acredito que esse problema é estrutural, assim como as pessoas se incomodaram muito de ter gente de chinelo viajando, de ter negro formando em medicina, eu acho que eles também não percebem que há uma continuidade de relação de poder na instituição, não de poder pessoal – eu quero ser isso, eu quero ser aquilo- mas um poder institucional. Eu atribuo isso às mazelas históricas do país” (DOCENTE 3- curso de Eventos)</p> <p>“A gente participa das reuniões de colegiado porque é necessário ter pedagogo e tal, mas nada do que eu falo é acatado. Então assim, é um trabalho que parece que não existe, é o tempo todo dando murro em ponta de faca. Então, chega ao ponto que as pessoas, simplesmente, fazem só o necessário, o básico. É o</p>	<p>➤ <i>A maioria dos membros pesquisados revelam nos seus discursos a percepção de que o trabalho dos técnicos não é valorizado.</i></p>

Objetivo específico da pesquisa	Discursos selecionados de acordo com o objetivo 2 (4 Docentes e 4 servidores técnicos entrevistados)	Principais observações
	<p>que está acontecendo, por exemplo, comigo agora, eu faço o básico, o necessário.” (SERVIDORA TÉCNICA 1)</p> <p>“Acho que os outros servidores da escola, muitos docentes, ou não conhecem o nosso trabalho, ou não conseguem compreender que o nosso trabalho pode impactar diretamente no trabalho deles...” (SERVIDORA TÉCNICA 2)</p> <p>“Às vezes, eu tenho que passar alguma coisa para o docente e explicar: “olha, esse aluno está em uma situação X”, às vezes de ansiedade, às vezes de vulnerabilidade financeira, que interfere mesmo. E acontece de eu escrever isso, mandar um e-mail para o docente, só que eu não tenho um retorno do docente. Fica assim, só vai em um sentido e não tem esse diálogo.” (SERVIDORA TÉCNICA 4)</p> <p>“Tem alguns professores que são muito parceiros mesmo, que nos pedem ajuda e a gente auxilia, seja com aluno que esteja com dificuldade no aprendizado, esteja com dificuldade até familiar.” (SERVIDORA TÉCNICA 1)</p> <p>“Eu tenho a sorte, sempre fui muito bem recebida por todos os estudantes e os professores que eu tive a oportunidade de trabalhar. Eu acho que eu dei sorte de cruzar com bons professores.” (SERVIDORA TÉCNICA 2)</p> <p>“...o diálogo era escasso, por causa, eu acho, que essa questão dá estrutura física impactava muito no nosso diálogo. Um ou outro professor que eu tinha muita empatia, que a gente se relacionava assim com mais frequência, iam lá, às vezes, trazer alguns casos para a gente, aí ficava mais fácil.” (SERVIDORA TÉCNICA 3)</p>	<p>➤ <i>As narrativas com relatos positivos envolvendo a relação dos técnicos com os docentes, aparecem nos discursos dos servidores técnicos como exceção.</i></p>
	<p>“Eu acho que o grande problema é que esses servidores técnicos eles não possuem o mesmo vínculo que os professores têm, por uma simples questão de convivência. Os professores convivem com os alunos mil vezes mais que os servidores técnicos, eles são acionados quando tem algum problema, então não tem vínculo. Então eu acho que é a grande diferença que eu vejo na relação dessa afetividade, o dos professores é muito maior por conta dessa convivência.” (DOCENTE 2, curso de Eventos)</p>	<p>➤ <i>Uma docente em específico faz um comparativo entre a afetividade existente na relação dos técnicos com os estudantes e dos docentes com os alunos,</i></p>

Objetivo específico da pesquisa	Discursos selecionados de acordo com o objetivo 2 (4 Docentes e 4 servidores técnicos entrevistados)	Principais observações
	<p>“Muitos alunos que chegam com problemas seríssimos, emocionais, de autoestima e a gente olha hoje para esse aluno e ele floresceu, entendeu que tem um lugar no mundo, se sente respeitado, então isso daí para mim é o essencial do meu trabalho.” (SERVIDORA TÉCNICA 1)</p> <p>“É ver o resultado mesmo com os estudantes. Porque eu gosto muito da minha área, eu gosto muito do trabalho sabe. Apesar das condições, apesar de tudo, quando eu estou ali fazendo um acolhimento.”</p> <p>“Com os alunos eu posso e consigo ver o resultado da atuação. Lá eu não faço psicoterapia, é um trabalho mais pontual. Então, eles trazem uma demanda e a gente vê a melhor maneira de resolver. Geralmente a gente consegue, eles retornam, eles falam que está dando certo. Tem muita gente pensando em desistir e continua.” (SERVIDORA TÉCNICA 4)</p> <p>“Eu acho que os estudantes valorizam bastante o nosso trabalho, principalmente os estudantes que passam a ser atendidos, que estão lá toda semana. As vezes eles passam lá e só querem 2 minutinhos de conversa. Esses estudantes valorizam o nosso trabalho e o espaço que a assistência estudantil representa”. (SERVIDORA TÉCNICA 2)</p>	<p>atrelando o grau de afetividade à frequência de convivência. Essa percepção diverge da visão dos servidores técnicos e de metade dos docentes entrevistados.</p> <p>➤ A relação servidor técnico e aluno aparece (sob a ótica do servidor) como bastante próxima e afetiva, dando sentido ao seu trabalho.</p>
	<p>“o ensino médio é diferente de criança e é muito diferente de adulto. Sempre gostei muito, acho que muito porque eu vejo que a gente consegue mudar a vida deles. Então, tu tens uma influência no ensino médio e acho que professor tem uma responsabilidade muito grande. No ensino médio, caramba, a gente pode acabar com a vida de um aluno se a gente não pensar muito bem nas coisas que faz e que diz.”</p> <p>“Os nossos alunos eles têm medo dos professores. Eu falo para eles falarem, agora mesmo nesse período da pandemia, tem professor que desapareceu, nem postou material. Eu falei: “gente, mandem e-mail, falem com a coordenação”. Muitos tem medo, alguns sim, tiveram respostas muito negativas dos professores.”</p> <p>“tu aprende a ser professor do ensino médio porque os alunos eles têm que ter consciência que tu tá ali com um papel de professor e, que sim, tu é amiga, eles podem chegar, eles podem conversar, mas tu ainda é professor.”</p> <p>“No ensino médio tem esse problema da falta de controle, o professor acha que se ele chegar sendo simpático, sendo amigo da turma, ninguém vai respeitar ele. É realmente uma linha muito tênue”.</p> <p>“Eu tento ser empática com os alunos e sempre me coloco para eles como aluna.” (DOCENTE 1, curso de Informática)</p>	<p>➤ <i>Verifica-se na Relação professor e aluno que existe um receio de ser afetivo na sua prática e isso ser confundido por parte dos estudantes. Nesse sentido, torna-se importante refletir sobre a concepção de afetividade presente nesses discursos e no imaginário coletivo da Instituição escolar.</i></p> <p>➤ <i>Percebe-se nos discursos dos docentes uma preocupação com o seu fazer e com a forma como ele pode ser</i></p>

Objetivo específico da pesquisa	Discursos selecionados de acordo com o objetivo 2 (4 Docentes e 4 servidores técnicos entrevistados)	Principais observações
	<p>“Eu acho que o grande dificultador da relação com os estudantes é quando eles estão fechados para os professores, quando eles não têm essa confiança a priori. Que a gente está trabalhando para eles, que a gente quer o bem deles, que nós somos profissionais para o desenvolvimento deles e não querendo o mal deles, alguns chegam no ensino médio com essa ideia, isso que dificulta.”</p> <p>“Outro fator são questões pessoais do próprio estudante: problemas na família, problemas na vizinhança, problemas de saúde, são problemas pessoais deles que também interferem bastante”. (DOCENTE 2, curso de Eventos)</p> <p>“No aspecto da afetividade, são adolescentes e vem de situações sociais as mais adversas, então, há uma tendência do curso, eu não digo 100 por cento, mas há uma tendência e essa tendência é forte, de entendimento do aluno na sua circunstância, ou seja, efetivamente contextualizar o aluno como um sujeito, um sujeito que participa de um processo. A família, a escola, a tecnologia, as várias questões que possam permear esse universo educacional afetivo.” (DOCENTE 3, curso de Eventos)</p> <p>“a gente tem uma cultura do desconcentrar-se e, esse desconcentrar-se faz com que os nossos estudantes tenham muita pouca atenção a coisas muito básicas.”</p> <p>“A gente tem uma questão do estudante brasileiro de estar recebendo do professor, então é uma cultura que a gente tem. Não vou falar que é uma questão do aluno de tentar ser assim, mas é uma questão de cultura que a gente cria (...)Então, por vezes também, esse excesso de afetividade pode ser prejudicial a ele, ao estudante”</p> <p>“Às vezes eu fico olhando os dois colegiados que eu estou agora, fico pensando que eles já querem tratar o aluno como se fosse um ser de 30 anos e o outro que ainda quer tratar o aluno como um ser de 8 anos, mas não sempre.”</p> <p>“Meu sofrimento atual é porque eu sou uma dinossauro em tecnologia e eu sinto que eu não estou fazendo tudo o que eu poderia para os meus alunos nesse momento. Se eu fosse uma pessoa mais ávida na tecnologia, eu poderia por exemplo, fazer as aulas mais interessantes, uns videozinhos curtos e tal. Mas enfim, eu tenho bastante dificuldade.” (DOCENTE 4, curso de Informática e Eventos)</p> <p>“Tem alguns professores que simplesmente ignoram a questão do aluno de vulnerabilidade, o aluno que teve dificuldade na educação básica, quando ele chega no curso técnico ele tem muitas fragilidades educacionais, as vezes não sabe nem uma conta simples de matemática, mas aí o professor tá exigindo a matemática aplicada dele, a matéria que ele já definiu que ia dar e acabou, e o aluno vai sendo jogado, fica abandonado, se sente abandonado” (SERVIDORA TÉCNICA 1)</p>	<p>interpretado por parte dos estudantes. Essa preocupação aparece acompanhada de um nível de consciência sobre o impacto dos alunos, em especial dos estudantes do ensino médio integrado.</p> <p>➤ <i>Observa-se que os professores revelaram preocupações na relação com os estudantes para além das relatadas pelos servidores técnicos na sua prática.</i></p>

Objetivo específico da pesquisa	Discursos selecionados de acordo com o objetivo 2 (4 Docentes e 4 servidores técnicos entrevistados)	Principais observações
	<p>“O relacionamento com os colegas é bem difícil para mim porque, estou até fazendo terapia por causa disso, com psicólogo. Por causa disso de projetar, tu cria uma expectativa do que os teus colegas sejam, tenham ações, ou se preocupem com os estudantes, encarem a forma de trabalho de outra maneira”</p> <p>“Eu tenho que realmente parar e pensar, sair do IFB para eu poder ter um outro ambiente, arejar e verificar se realmente eu não quero ser professora. Conflitante isso, como eu disse, desde criança eu sempre quis ser. Ou se foi o IFB que fez isso comigo, chega em um nível de estresse tão grande, que tu não aguenta mais.” (DOCENTE 1, curso de Informática)</p> <p>“Dentro do colegiado do ensino médio integrado em eventos a relação é muito boa. Eu vejo muito positiva porque a gente tem muito contato. A gente tem várias reuniões durante a semana, agora na pandemia, tem várias. Antes a gente ainda tinha reunião toda semana e isso fez a gente criar bastante vínculo.”</p> <p>“Em relação ao nosso colegiado com outros professores que não são do nosso colegiado, a gente não se relaciona da mesma forma, são colegas menos próximos e alguns dão problema, alguns para mim quero distância. Como não fazem parte do meu colegiado é muito fácil manter distância.” (DOCENTE 2, curso de Eventos)</p> <p>“eu vejo que existem muitas diferenças entre os cursos, principalmente, a ponto de um curso criticar muito o outro. Eu decidi fazer aquilo que é o melhor para aqueles com quem estou me relacionando, fazer o que é possível e me colocar dentro do colegiado, dentro das possibilidades.”</p> <p>“a gente vê que conceitos de educação que cada um tem dentro da instituição faz com que esses grupos aconteçam e esses grupos se distanciem. Por vezes existe um respeito, por vezes existe uma tolerância entre as pessoas, por vezes nem a tolerância.” (DOCENTE 4, curso de Informática e Eventos)</p>	<p>➤ <i>A Relação entre os docentes, dentro do mesmo colegiado, são relatadas como mais favoráveis. Essa informação vai ao encontro do relatado pela docente 4 que atua nos dois colegiados: as concepções de educação aproximam ou distanciam conforme os ideais a que cada professor se filia.</i></p>

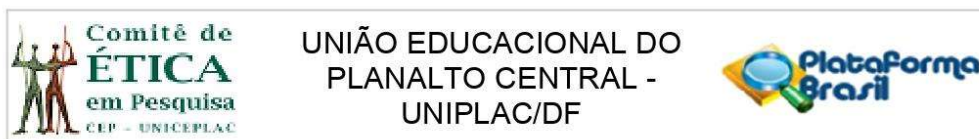
Objetivo específico da pesquisa	Discursos selecionados de acordo com o objetivo 3 (4 Docentes e 4 servidores técnicos entrevistados)	Principais observações
<p>Objetivo 3: Propor alternativas para o desenvolvimento de práticas mais afetivas na EPT</p>	<p>“A gente precisava como ações um núcleo psicológico forte, acredito que a solução seria mais psicólogos, dividir bem as atividades, aquilo que é serviço burocrático tem que ir para a pessoa que é responsável por aquilo”.</p> <p>“ Acho que fortalecer o núcleo psicológico, dividir bem as tarefas, o que é coordenação pedagógica deveria ser coordenação pedagógica, o que é assistência estudantil deveria ser assistência estudantil, acho que era a primeira questão que já ia ajudar bastante.”</p> <p>“O professor que vai assumir o ensino médio deveria ter uma preparação para o ensino médio, eu não vou te falar de formação pedagógica, um carimbo e um certificado, uma preparação da instituição apresentando o que é o ensino médio integrado. ” (DOCENTE 1, curso de Informática)</p> <p>“(..)eu não sei se simplesmente criar espaços, criar atividades, não sei. Tive uma ideia, talvez dentro do próprio trabalho que acontece fazer projetos integrados porque você obriga as pessoas trabalharem juntas. Se for uma coisa que faz parte do trabalho da pessoa que ela é obrigada a dialogar para fazer esse projeto.” (DOCENTE 2, curso de Eventos)</p> <p>“Tem que ser uma decisão coletiva porque todos se comprometem com a sua execução uma vez que todos participaram da decisão, e ela tem que ser consensual, eu não sei que proposta que existe.” (DOCENTE 3, curso de Eventos)</p> <p>“É saber qual é o lugar que você tem, qual é o lugar que você está e o que você pode fazer nesse lugar. Não vai ser perfeito, a gente não tem uma escola perfeita. Mas o mínimo do entendimento do espaço que você está e do que você pode fazer. Eu tenho uma coisa de querer ter bons pedagogos na escola, faz uma diferença danada.” (DOCENTE 4, curso de Informática e Eventos)</p> <p>“Eu acho que para a gente aproximar os servidores a gente precisa de práticas que sejam mais lúdicas. Minha sugestão, antes de qualquer reunião, que a gente tenha um momento de descontração.”</p> <p>“A gente precisa também desses momentos de escuta, para nós, momentos que tragam a escuta para nós servidores, como a gente está se sentindo, práticas corporais também.” (SERVIDORA TÉCNICA 3)</p> <p>“(..)colocar nesses cargos estratégicos, pessoas mais humanizadas, porque às vezes você tem umas pessoas que esquecem que os alunos têm vulnerabilidades. Nós somos uma escola pública, é claro que</p>	<p><i>Muitas das propostas apresentadas estão atreladas a questões estruturais que dependem do dispêndio de recursos e de uma política macro imbuída do interesse de mudar essa realidade:</i></p>

Objetivo específico da pesquisa	Discursos selecionados de acordo com o objetivo 3 (4 Docentes e 4 servidores técnicos entrevistados)	Principais observações
	<p>nós vamos lidar com muita gente com muita vulnerabilidade e, às vezes as pessoas esquecem isso.” (SERVIDORA TÉCNICA 1)</p> <p>“Eu imagino que a criação de um fluxo de trabalho mesmo. Por exemplo, vamos supor que todo começo de ano tivesse uma reunião que juntasse todo mundo para fazer os alinhamentos, porque isso não acontece.”</p> <p>“os docentes, eu não sei te dizer se a questão do tamanho do Campus, porque são muitos servidores, muitos alunos, a estrutura é grande. Eu não conheço, acho que maioria dos docentes, eu não conheço. Não sei quem são. Se eu passar pelo corredor, não sei quem é. Talvez seria isso, dessa aproximação de conhecer a equipe com quem a gente trabalha.” (SERVIDORA TÉCNICA 4)</p> <p>“Então eu acho que as vezes falta um pouco de compreensão da escola de saber qual setor faz o que. Às vezes, até nós mesmos não sabemos quais são os limites da nossa atuação. Acho que essa é uma dificuldade, falta de servidores, clareza dos fluxos e atribuições dos setores. Acho que tudo isso reflete em uma falta de planejamento também, definir os fluxos é importante para que o planejamento saia redondinho.”</p> <p>“Eu acho que não tem outra forma se não o diálogo. É falar abertamente que o problema existe, que incomoda e como diminuir ou acabar, eu não sei...e trabalhar essa questão dentro do Instituto.”</p> <p>“Acaba que, talvez, fosse necessária uma pedagoga para acompanhar esses editais e uma pedagoga para acompanhar a equipe multidisciplinar do lado da pedagogia porque fazer as duas coisas é muito exaustivo e complexo.” (SERVIDORA TÉCNICA 2)</p>	
	<p>“Eu acho que nem possa ser feito algo, eles não têm a oportunidade de conviver tanto com os alunos quanto a gente, então fica diferente a relação. Acaba que as vezes os alunos criam mais confiança na gente e a gente não é preparado para trabalhar essas questões, mas eles querem conversar com a gente”</p> <p>“...a gente já trabalha tanto, fazer uma coisa a mais, acho que tem que ter muito tempo livre. Eu sempre acho que as pessoas que vão são as que menos precisam para tudo, são as que querem se relacionar, se querem trocar, se querem conhecer, as que já tão abertas.” (DOCENTE 2, curso de Eventos)</p>	<p>➤ <i>Verifica-se alguns empecilhos estruturais indicados em boa parte dos discursos dos entrevistados, tais como: cultura social e organizacional;</i></p>

Objetivo específico da pesquisa	Discursos selecionados de acordo com o objetivo 3 (4 Docentes e 4 servidores técnicos entrevistados)	Principais observações
	<p>À medida que os meus colegas não têm interesse em discutir a situação que a educação está passando hoje, eles vão ter interesse em discutir a relação deles com os técnicos?”</p> <p>“Eu não vejo clima ou oportunidade, antes que você comece a discutir também junto outras questões que fazem parte da sua dinâmica de trabalho e que não necessariamente são reivindicações trabalhistas.”</p> <p>“Toda solução e toda alternativa que se pensa, são soluções e alternativas tecnológicas porque o pensamento é capitalista, é a continuidade do trabalho e não a qualidade de vida das pessoas.” (Docente 3 - Eventos)</p> <p>“a tecnologia ajuda muito, o e-mail ajuda muito, mas, às vezes, atrapalha também né. Eu acredito que, antes da pandemia, era melhor porque a gente podia se encontrar pelo menos nos conselhos de classe, pelo menos tinha um espaço de escuta.” (SERVIDORA TÉCNICA 3)</p> <p>“Todo mundo está na defensiva, teria que ter uma pessoa para desarmar todo mundo, começar do zero, ter persistência para ir até o fim. Mas é o que te falei, eu acho que não existe essa pessoa.” (SERVIDORA TÉCNICA 1)</p> <p>“Acho que os problemas que nós enfrentamos estão relacionados a poucos funcionários, muito trabalho, falta de clareza das atribuições do setor, isso impacta no nosso trabalho, enfim.”</p> <p>“Agora está com o ensino a distância, muitas dificuldades e tudo mais. Fora isso, fora estar ali disponível para conversar com o estudante, eu preciso avaliar toda a parte administrativa para ver se está correta, para solicitar o pagamento desse monitor. Sou eu a pessoa que faz essas duas frentes... Acho que é por isso que a gente não consegue pensar tanto, por exemplo, no acolhimento, sistematizar uma forma de acolhimento, pensar em uma temática como a afetividade.”</p> <p>“Por exemplo, os técnicos nós batemos ponto e, às vezes, algumas atividades não são pensadas para quem tem que bater o ponto.” (SERVIDORA TÉCNICA 2)</p> <p>“Eu acho que esses espaços e tempos escolares não privilegiam um outro tipo de cultura dentro da escola, acaba que eu não vejo como. São muitas frentes e não dá tempo de você pensar em todas as frentes de uma maneira complexa assim(...)”</p> <p>“A gente no Instituto não pode nem reclamar porque tem muito mais recurso do que muita escola, mas ainda assim você vê professores que atuam em muitos níveis sem tempo para se reunir com os seus pares</p>	<p><i>quantitativo de servidores e sobrecarga de trabalho.</i></p> <p>➤ <i>Observa-se nos relatos o sentimento de desesperança que também interfere na disposição das pessoas de participarem de ações que envolvam o coletivo.</i></p>

Objetivo específico da pesquisa	Discursos selecionados de acordo com o objetivo 3 (4 Docentes e 4 servidores técnicos entrevistados)	Principais observações
	<p>para fazer isso acontecer de uma melhor forma. Então eu, sinceramente, não tenho ideia de um procedimento para que isso mude, isso precisa de um estudo para saber o que fazer e de uma disponibilidade das pessoas que eu não vejo.” (DOCENTE 4, curso de Informática e Eventos)</p> <p>“Eu vejo que ninguém está estagnado, eles estão tentando manter, mas o pessoal não está participando ativamente. No primeiro dia mesmo eles fizeram uma ação bem legal, eles tentaram separar os professores em grupo online e a gente conversar sobre o momento, expectativas sobre o início do semestre e tal, mas a participação foi mínima, entendeu, muito professor não entrou. Isso deve ser até bem frustrante para eles, que estão em todo esse movimento de qualidade de vida do servidor.” (DOCENTE 1, curso de Informática)</p> <p>“Ações institucionais eu vejo, muitas ações institucionais, principalmente quando vem da Coordenação da qualidade de Vida, promove muitas atividades, mas eu não participo eu acho que poucas pessoas participam porque é sempre visto como um trabalho extra.” (DOCENTE 2, curso de Eventos)</p> <p>“eu vejo campanhas, eu vejo movimentos, tipo campanha de qualidade de vida, tipo campanha de assédio moral, campanha do suicídio, todos voltados para a melhoria de qualidade e bem-estar do servidor, não vejo nada na questão interpessoal porque isso não é só uma questão administrativa, isso é profundamente político. (DOCENTE 3, curso de Eventos)</p> <p>“eu não consigo identificar nada que esteja sendo feito pensando em melhorar as relações entre técnicos e professores, técnicos e estudantes. Existem ações que aproximam, mas acho que são ações isoladas, não são ações que foram pensadas para melhorar essa aproximação. Foram ações pensadas com outro objetivo que acabam impactando nisso.” (SERVIDORA TÉCNICA 2)</p> <p>“Eu vejo muitas ações pontuais acontecendo. Acho que está faltando um movimento grande, um movimento integrado. Tem muitas ações pequeninhas acontecendo, de forma isolada e eu acho que isso acaba não tendo eficácia. Atende um pouquinho de gente, durante um pouco de tempo. Não tem uma ação continuada, a não ser as questões mesmo institucionais, as ações da assistência estudantil que está o tempo todo acontecendo.” (SERVIDORA TÉCNICA 1)</p>	<p>➤ <i>A avaliação dos membros entrevistados sobre as ações que já são desenvolvidas no Instituto indica que muitas atividades são realizadas, mas avaliadas como pontuais e que a participação fica prejudicada diante da sobrecarga de trabalho que tanto docentes quanto técnicos relataram que estão submetidos.</i></p>

ANEXO A – RELATÓRIO DE APROVAÇÃO COMITÊ DE ÉTICA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A afetividade nas relações no ensino: a influência dos servidores técnicos no Ensino Médio Integrado (EMI) no Instituto Federal de Brasília (IFB)

Pesquisador: MADELON ARAUJO NASCIMENTO

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 34095220.0.0000.5058

Instituição Proponente: INSTITUTO FEDERAL DE EDUCACAO, CIENCIA E TECNOLOGIA DE BRASILIA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

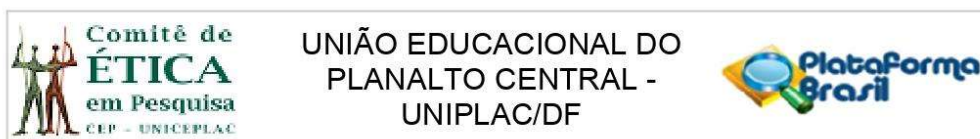
Número do Parecer: 4.239.484

Apresentação do Projeto:

INTRODUÇÃO

"Esta pesquisa tem como tema a afetividade nas relações no ensino: a influência dos servidores técnicos no Ensino Médio Integrado (EMI) no Instituto Federal de Brasília (IFB). Com esse estudo pretende-se investigar a questão da afetividade e da escuta atenta dos estudantes nos demais espaços educativos do Instituto Federal de Brasília, campus Brasília. Parte do pressuposto de que a afetividade é importante e interfere na qualidade das relações estabelecidas entre os atores institucionais (docentes, discentes e servidores técnicos). Conseqüentemente, impacta no ensino e na qualidade dos serviços prestados aos estudantes na Instituição. Nesse sentido, sugere-se aplicar a pesquisa com os servidores técnicos da Coordenação de Assistência Estudantil e Inclusão Social - (CDAE), tendo em vista a sua atuação junto a discentes, docentes, e demais

Endereço: SIGA Área Especial n.º 2 - Campus II - Bloco E/F 3o andar - Sala 301
Bairro: Setor Leste **CEP:** 72.460-000
UF: DF **Município:** REGIAO ADMINISTRATIVA DO GAMA
Telefone: (61)3035-1811 **E-mail:** cep@uniceplac.edu.br



Continuação do Parecer: 4.239.484

servidores, a fim de identificar práticas afetivas desenvolvidas em outros espaços educativos que não só a sala de aula. Além dos servidores, propõe -se ouvir os estudantes atendidos pela CDAE, com o intuito de verificar, a partir da perspectiva discente, em que medida as relações servidor/discente/docente contribuem ou não para a afetividade. A questão de pesquisa que norteia esse estudo surgiu durante a minha prática profissional, enquanto servidora técnica e pedagoga, e tem por objetivo encontrar a resposta para a seguinte pergunta: como favorecer relações mais afetivas no ensino e proporcionar a escuta atenta dos estudantes nos demais espaços educativos, incluindo a sala de aula, tendo por base a atuação dos servidores técnicos no Ensino Médio Integrado (EMI) no Instituto Federal de Brasília (IFB)?"

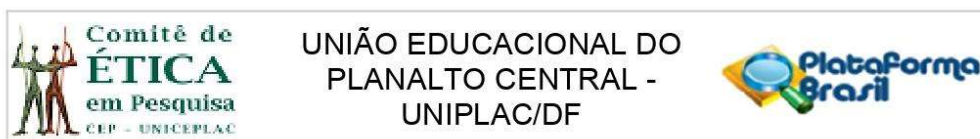
HIPÓTESE

"A pesquisa parte da hipótese de que a afetividade é importante e interfere na qualidade das relações estabelecidas entre os atores institucionais (docentes, discentes e servidores técnicos). Consequentemente, impacta no ensino e na qualidade dos serviços prestados aos estudantes na Instituição."

METODOLOGIA

"No intuito de resolver a questão de pesquisa (como favorecer relações mais afetivas no ensino e proporcionar a escuta atenta dos estudantes nos demais espaços educativos, incluindo a sala de aula, tendo por base a atuação dos servidores técnicos no Ensino Médio Integrado (EMI) no Instituto Federal de Brasília (IFB)?) e alcançar o objetivo geral deste estudo (investigar a questão da

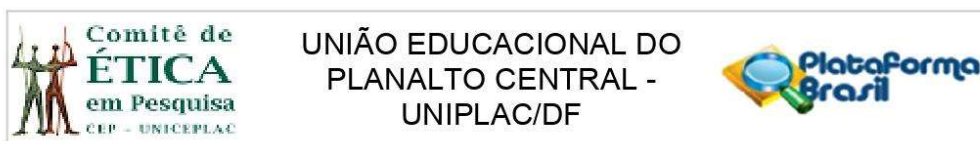
Endereço: SIGA Área Especial n.º 2 - Campus II - Bloco E/F 3o andar - Sala 301
Bairro: Setor Leste **CEP:** 72.460-000
UF: DF **Município:** REGIAO ADMINISTRATIVA DO GAMA
Telefone: (61)3035-1811 **E-mail:** cep@uniceplac.edu.br



Continuação do Parecer: 4.239.484

afetividade e da escuta atenta dos estudantes nos demais espaços educativos do IFB, campus Brasília), serão implementadas as seguintes ações, em conformidade com cada objetivo específico estabelecido, a saber: Objetivo específico 01: identificar práticas afetivas realizadas pelos servidores técnicos que atuam no EMI no IFB. Para atingir esse objetivo serão realizadas entrevistas semiestruturadas, por meio da Análise do Discurso, com os servidores técnicos da Coordenação de Assistência Estudantil e Inclusão Social (CDAE). Os servidores serão selecionados dentre os que compõem os núcleos dessa Coordenação, da seguinte forma: 1 servidor do Núcleo de Serviço Social; 1 servidor do Núcleo de Psicologia; 1 servidor do Núcleo de Pedagogia e 1 servidor assistente de aluno (de tal forma que se tenha um representante de cada núcleo que compõe a referida Coordenação). Objetivo específico 02: analisar como as relações servidor/discente/docente contribuem ou não para a afetividade. Para atingir esse objetivo serão selecionados, a partir do relato dos servidores e da análise documental dos estudantes do Ensino Médio Integrado (EMI) atendidos pela CDAE, pelo menos: 1 estudante do primeiro ano do EMI, 1 estudante do segundo ano do EMI e 1 estudante do terceiro ano do EMI. Feita a triagem, será realizada entrevista semiestruturada, por meio da Análise do Discurso, com o intuito de verificar a partir da perspectiva estudantil, como se dá a relação discente/docente/servidor e em que medida essas relações contribuem ou não para a afetividade. A mesma questão também será explorada na entrevista realizada com os servidores técnicos

Endereço: SIGA Área Especial n.º 2 - Campus II - Bloco E/F 3o andar - Sala 301
Bairro: Setor Leste **CEP:** 72.460-000
UF: DF **Município:** REGIAO ADMINISTRATIVA DO GAMA
Telefone: (61)3035-1811 **E-mail:** cep@uniceplac.edu.br



Continuação do Parecer: 4.239.484

anteriormente

selecionados. Objetivo específico 03:

propor alternativas para o desenvolvimento de práticas mais afetivas na Educação profissional e tecnológica, tendo como base a atuação dos

servidores no Ensino Médio Integrado no IFB. Tendo por base os dados alcançados nas entrevistas e na análise documental da Instituição (PDI,

Projeto Político Pedagógico, Planos de curso), será inicialmente proposta a elaboração de um ebook como material de apoio à Instituição na

promoção de relações mais afetivas no ensino, incluindo neste documento a sugestão de uma atividade, no caso uma Roda de Conversa, como

forma de criar um espaço de encontro que favoreça o exercício da escuta atenta e da compreensão humana entre os membros da Instituição."

CRITÉRIOS DE INCLUSÃO

"Estudantes do Ensino Médio Integrado do Instituto Federal de Brasília, atendidos pela CDAE, na faixa etária compreendida entre 14 anos e 18 anos

idade (envolvendo um público de menores, absoluta ou relativamente incapazes, maiores capazes) de tal forma que se tenha representantes tanto

do curso Técnico em Eventos, quanto do curso Técnico em Informática, do campus Brasília."

CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO

"Estudantes que não são atendidos pela CDAE e também não estão cursando o Ensino Médio Integrado."

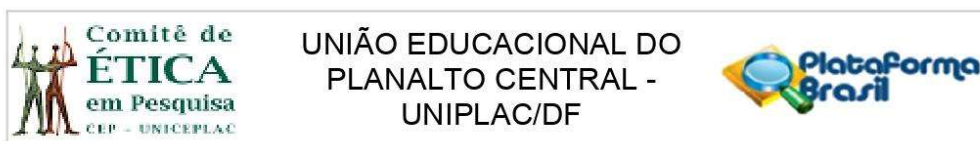
Objetivo da Pesquisa:

OBJETIVO PRIMÁRIO

"Investigar a questão da afetividade e da escuta atenta dos estudantes nos demais espaços educativos."

OBJETIVO SECUNDÁRIO

Endereço: SIGA Área Especial n.º 2 - Campus II - Bloco E/F 3o andar - Sala 301
Bairro: Setor Leste **CEP:** 72.460-000
UF: DF **Município:** REGIAO ADMINISTRATIVA DO GAMA
Telefone: (61)3035-1811 **E-mail:** cep@uniceplac.edu.br



Continuação do Parecer: 4.239.484

"Identificar práticas afetivas realizadas pelos servidores técnicos que atuam no Ensino Médio Integrado (EMI) no Instituto Federal de Brasília (IFB).

Analisar como as relações servidor/discente/docente contribuem ou não para a afetividade. Propor alternativas para o desenvolvimento de práticas

mais afetivas na Educação Profissional e Tecnológica, tendo como base a atuação dos servidores no EMI no IFB."

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

RISCOS

"Cumprir informar que como se trata de uma pesquisa que envolve seres humanos, acaba por oferecer alguns riscos, dentre os quais a sensação de

receio, desconforto e constrangimento que naturalmente podem acometer os momentos da entrevista, em virtude do desconhecimento da pesquisa

ou das suas possíveis implicações. Visando minimizar esses efeitos, a pesquisadora estará à disposição para esclarecer previamente, e também ao

longo do processo, todas as dúvidas que se façam necessárias. Lembrando que o objetivo não é o de fazer julgamentos, mas de buscar

compreender como a afetividade tem se constituído no processo das relações no ensino, assim como entender os argumentos utilizados pelos

participantes da pesquisa.""

BENEFÍCIOS

"No que tange aos benefícios da pesquisa, espera-se com esse estudo contribuir com o debate sobre a temática e proporcionar meios para melhorar

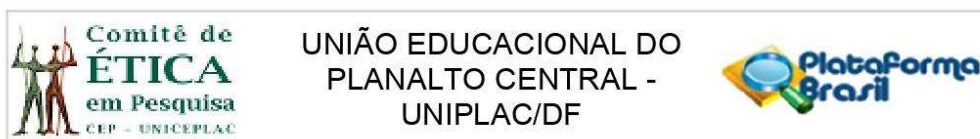
as relações no ensino, de acordo com as reais necessidades apontadas pelo Instituto, diminuindo as resistências que possam existir entre os seus

membros e favorecendo a melhoria do espaço educativo, na medida em que se trabalha aspectos ligados à afetividade no ensino."

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto intitulado A afetividade nas relações no ensino: a influência dos servidores técnicos no Ensino Médio Integrado (EMI) no Instituto Federal de Brasília (IFB) trata-se de estudo investigativo através de aplicação de questionário a servidores e discentes do IFB com vistas a elucidar a afetividade e a

Endereço: SIGA Área Especial n.º 2 - Campus II - Bloco E/F 3o andar - Sala 301
Bairro: Setor Leste **CEP:** 72.460-000
UF: DF **Município:** REGIAO ADMINISTRATIVA DO GAMA
Telefone: (61)3035-1811 **E-mail:** cep@uniceplac.edu.br



Continuação do Parecer: 4.239.484

escuta dos
estudantes nos espaços educacionais.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os pesquisadores do projeto A afetividade nas relações no ensino: a influência dos servidores técnicos no Ensino Médio Integrado (EMI) no Instituto Federal de Brasília (IFB) apresentaram os seguintes documentos:
Folha de Rosto do Projeto.

Requerimento de avaliação ao CEP.

Currículo Lattes do(a) pesquisador(a) responsável.

Currículo Lattes dos(as) pesquisadores(as) assistentes.

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Termo de Consentimento de Utilização de Dados (TCUD).

Termo de Anuência Livre e Esclarecido (TALE).

Declaração de Concordância da Instituição Proponente assinado pelo(a) Reitor(a), Diretor(a) Geral ou Coordenador(a) de Curso.

Termo de Ciência do Local de Realização da Pesquisa assinado pelo Diretor ou Responsável Legal.

Questionário a ser aplicado.

Orçamento e Financiamento.

Cronograma.

Recomendações:

1- Adicionar nos critérios de inclusão: estudantes que tenham lido e aceitado o TALE (no caso de incapazes) e seus responsáveis o TCLE e estudantes capazes que tenha aceitado o TCLE.

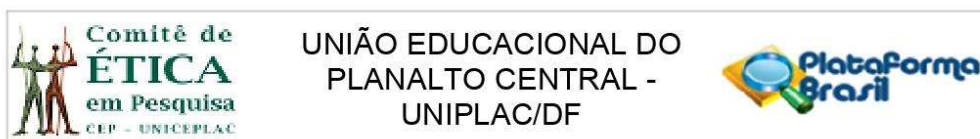
Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O projeto de pesquisa intitulado "A afetividade nas relações no ensino: a influência dos servidores técnicos no Ensino Médio Integrado (EMI) no Instituto Federal de Brasília (IFB)" não apresenta óbices éticos e nem conflito de interesse detectáveis por este CEP.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Endereço: SIGA Área Especial n.º 2 - Campus II - Bloco E/F 3o andar - Sala 301
Bairro: Setor Leste **CEP:** 72.460-000
UF: DF **Município:** REGIAO ADMINISTRATIVA DO GAMA
Telefone: (61)3035-1811 **E-mail:** cep@uniceplac.edu.br



Continuação do Parecer: 4.239.484

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1560545.pdf	30/07/2020 22:50:55		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Modificado_Estudantes.pdf	30/07/2020 22:41:23	MADELON ARAUJO NASCIMENTO	Aceito
Outros	CartaResposta_Pendencias_CEP.pdf	25/07/2020 18:38:21	MADELON ARAUJO NASCIMENTO	Aceito
Outros	TALE_RespostaCEP_Estudantes.docx	25/07/2020 18:33:59	MADELON ARAUJO NASCIMENTO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoModificado_Madelon.pdf	25/07/2020 18:30:08	MADELON ARAUJO NASCIMENTO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Modificado_Servidores.docx	25/07/2020 18:28:33	MADELON ARAUJO NASCIMENTO	Aceito
Outros	CL_Madelon.pdf	25/06/2020 18:28:18	Giovanni Monteiro Ribeiro	Aceito
Outros	CL_Marcos.pdf	25/06/2020 18:28:00	Giovanni Monteiro Ribeiro	Aceito
Orçamento	Orcamento_pesquisa_Madelon.pdf	24/05/2020 23:35:18	MADELON ARAUJO NASCIMENTO	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Declaracao_Madelon_assinada.jpg	24/05/2020 23:09:57	MADELON ARAUJO NASCIMENTO	Aceito
Cronograma	Cronograma_Pesquisa_Madelon.pdf	24/05/2020 23:06:41	MADELON ARAUJO NASCIMENTO	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto_Madelon.pdf	24/05/2020 23:02:05	MADELON ARAUJO NASCIMENTO	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

REGIAO ADMINISTRATIVA DO GAMA, 26 de Agosto de 2020

Assinado por:
Guilherme Kanciukaitis Tognoli
 (Coordenador(a))

Endereço: SIGA Área Especial n.º 2 - Campus II - Bloco E/F 3o andar - Sala 301
Bairro: Setor Leste **CEP:** 72.460-000
UF: DF **Município:** REGIAO ADMINISTRATIVA DO GAMA
Telefone: (61)3035-1811 **E-mail:** cep@uniceplac.edu.br